



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN  
FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN  
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

**DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DAS MULHERES DA 2ª ETAPA DO ENSINO  
MÉDIO EJA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPLETIVOS PROFESSOR PAULO  
MELO**

Rosinês Leite Ferreira

Tutor: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daniela Díaz Morales Ruíz

**ASUNCIÓN, PARAGUAY**

**2024**

**Rosinês Leite Ferreira**

**DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DAS MULHERES DA 2ª ETAPA DO ENSINO MÉDIO  
EJA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPLETIVOS PROFESSOR PAULO MELO**

Tese apresentada e defendida na  
Universidad Autónoma de Asunción, como  
requisito para obtenção do título de Mestre em  
Educação.

**ASUNCIÓN, PARAGUAY**

**2024**

Rosinês Leite Ferreira

DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DAS MULHERES DA 2ª ETAPA DO ENSINO MÉDIO EJA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPLETIVOS PROFESSOR PAULO MELO

Asunción (Paraguay)

Tutor: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Daniela Díaz Morales Ruíz

Tese de Mestrado em Ciências da Educação. p. 146 – UAA, 2024.

Palavras Chave:

1. Desafios 2. Permanência 3. Mulheres 4 Ensino Médio 5. EJA

**Rosinês Leite Ferreira**

**DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DAS MULHERES DA 2ª ETAPA DO ENSINO MÉDIO  
EJA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPLETIVOS PROFESSOR PAULO MELO**

Esta tese foi avaliada e aprovada para obtenção do título de Mestre em Educação,  
pela Universidade Autónoma de Asunción- UAA

Calificación: \_\_\_\_\_

Mesa Examinadora (Maestría)

---

---

---

---

---

**ASUNCIÓN, PARAGUAY**

**2024**

## DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus que é o meu ser superior, criador e protetor de toda a minha existência.

Aos meus pais Geraldo dos Santos Ferreira (In Memoriam) e Trindade Leite Ferreira, minha maior inspiração e exemplo de fé e amor.

As minhas filhas Suellen e Alline, ao meu filho Raphaell, as minhas netas Sophia, Julia e Olívia, aos meus netos Samuel e Salomão. Sem o apoio deles não seria possível continuar.

Aos meus genros e nora, meu companheiro, aos meus irmãos e irmãs, sobrinhos, sobrinhas, a toda a minha família, aos meus amigos, amigas e colegas de curso e os meus professores que se fizeram presentes nas horas mais difíceis até mesmo quando pensei em desistir. Todos estavam com palavras de incentivo, com orações e compreensão para realização deste projeto de mestrado que sempre foi meu sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

O desenvolvimento desse trabalho teve ajuda de muitas pessoas, dentre elas quero aqui agradecer:

Primeiro quero agradecer a Deus que me dá proteção, confiança, sabedoria e direciona minhas ações para realização deste grande sonho. Sem Deus nada seria possível.

Agradeço a minha família, que é meu porto seguro, meu incentivo de vida e minha razão de viver. Em especial a minha mãe que é minha inspiração e meu exemplo de ser humano, digna de ser chamado.

Agradeço meu companheiro, meu parceiro de todas as horas dentro e fora da sala de aula.

Agradeço a minha orientadora Dra. Daniela Ruíz Díaz pela confiança e pelos seus ensinamentos que me auxiliaram para que eu pudesse a chegar à conclusão desse trabalho.

Agradeço aos meus professores e professoras do curso pelos conhecimentos compartilhados, assim me permitindo a construir cada vez mais meus conhecimentos, e desta forma chegar à conclusão deste trabalho.

Agradeço aos meus amigos e amigas pelo incentivo a cada momento e não permitiram que eu desistisse.

Agradeço a todos e todas que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste trabalho e assim realizar meu sonho.

“A educação não transforma o mundo, ela transforma pessoas e as pessoas transformam o mundo”. Freire (1979, p.84)

## ÍNDICE

Lista de Figuras.....	ix
Lista de Tabelas.....	x
Lista de Gráficos.....	xi
Resumo.....	xii
Resumem.....	xiii
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>7</b>
<b>1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.....</b>	<b>7</b>
1.1. Contexto histórico da EJA no Brasil.....	8
1.2. Os Movimentos da EJA nos Anos de 1960.....	12
1.3. A EJA como Ferramenta Política de Direito e Cidadania.....	14
1.4. Pluralidade Cultural na EJA.....	18
<b>2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO.....</b>	<b>21</b>
2.1. Desafios Permanentes.....	21
2.2. Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA e Bases Legais Vigentes.....	28
2.3. Plano Nacional de Educação.....	31
2.4. Metas do PNE e a EJA.....	32
<b>3. O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO TARDIO DA MULHER.....</b>	<b>36</b>
3.1. Desigualdade de Gênero no Acesso à Educação.....	36
3.2. Política Educacional do Gênero.....	43
3.3. As características Sociais, Políticas, Culturais das Alunas Mulheres da EJA.....	46
3.4. O Impacto da EJA na Vida das Mulheres.....	49
3.5. Empoderamento na Jornada Escolar para as Mulheres.....	52
<b>FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....</b>	<b>56</b>
<b>4. METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>56</b>
4.1. Problema da Pesquisa.....	57
4.2. Justificativa da Pesquisa.....	58
4.3. Objetivos da Pesquisa.....	58
4.3.1. Objetivo Geral.....	60
4.3.2. Objetivos Específicos.....	60
4.4. Desenho da Pesquisa.....	61
4.5. Plano de Pesquisa.....	64
4.6. Contexto da Pesquisa.....	64

4.7. Participantes da Pesquisa.....	67
4.8. Técnicas e Instrumentos de Coletas de Dados.....	68
4.9. Validação dos Instrumentos da Pesquisa.....	69
4.10. Aspectos Éticos.....	70
4.11. Procedimentos para a Coleta de Dados.....	71
4.12. Técnicas de Análises e Interpretação de Dados.....	72
<b>5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>75</b>
5.1. Perfil das Mulheres Concluintes do Ensino Médio EJA.....	75
5.1.1. Faixa Etária.....	76
5.1.2. Etnia.....	78
5.1.3. Estado Civil.....	80
5.1.4. Número de Filhos.....	81
5.1.5. Estar ou Não Trabalhando.....	82
5.1.6. Profissão.....	84
5.1.7. Renda Familiar.....	86
5.2. Motivos e Desafios da Mulher no Processo de Permanência na EJA.....	88
5.2.1. Motivação das Mulheres para Estudar no Ensino Médio EJA.....	89
5.2.2. Fatores que Dificultam a Permanência das Mulheres nos Estudos.....	92
5.2.3. Fatores Positivos para a Permanência das Mulheres nos Estudos.....	97
5.2.4. Contribuição da Prática Docente na Permanência das Mulheres na Escola.....	102
5.3. Perspectivas Futuras das Mulheres Concluintes do Ensino Médio EJA.....	105
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>109</b>
6.1. Recumendações.....	114
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>116</b>
ANEXO 1. Formulário de Validação.....	123
ANEXO 2. Carta de Apresentação.....	127
ANEXO 3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	128
ANEXO 4. Questionário.....	129
ANEXO 5. Declaração Escolar.....	132

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Motivos para o Abandono Escolar: Trabalho.....	23
Figura 2. Percentual de Pessoas com 15 anos que não Frequentam a Escola.....	34
Figura 3. Desenho Metodológico da Pesquisa.....	63
Figura 4. Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo.....	67
Figura 5. Etapas da Análise de Conteúdos.....	73

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Perguntas e Objetivos da Pesquisa.....	60
Tabela 2. Plano de Pesquisa.....	64
Tabela 3. Participantes da Pesquisa.....	68
Tabela 4. Técnica Relacionada aos Objetivos da Pesquisa.....	69
Tabela 5. Motivos para estudar no Ensino Médio EJA.....	89
Tabela 6. Fatores que Dificultam a Permanência das Mulheres no Ensino Médio EJA.....	92
Tabela 7. Fatores que contribuem para a Permanência das Estudantes na EJA.....	98
Tabela 8. Estratégias adotadas pelos Professores para Motivar as Estudantes.....	102
Tabela 9. Expectativas Futuras das Estudantes ao Concluir o Ensino Médio EJA.....	106

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Idade das Educandas Concluintes do Ensino Médio EJA: ano 2023.....	77
Gráfico 2. Etnia das Educandas Concluintes do Ensino Médio EJA: ano 2023.....	79
Gráfico 3. Estado Civil das Educandas Concluintes do Ensino Médio EJA: ano 2023.....	80
Gráfico 4. Número de Filhos das Concluintes do Ensino Médio EJA: ano 2023.....	81
Gráfico 5. Número de Educandas do Ensino Médio EJA do ano de 2023 que trabalha ou Não Trabalha.....	83
Gráfico 6. Profissão das Educandas Concluintes do Ensino Médio EJA: ano 2023.....	85
Gráfico 7. Renda Familiar das Educandas Concluintes do Ensino Médio EJA: ano 2023...	87

## RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos enquanto modalidade educacional atende estudantes que não tiveram acesso a escolaridade na idade própria, pois vários motivos fizeram com que os mesmos não tivessem condições de estar na escola no período considerado adequado. Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo analisar o processo de permanência das mulheres da 2ª etapa do Ensino Médio EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo, situado no município de Macapá, Estado do Amapá. Para alcançar o objetivo realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, não experimental, descritiva, transversal, executando como instrumento de coleta de dados o questionário aberto. A partir dos resultados apresentados, foi possível inferir que as estudantes concluintes pesquisadas que fazem parte da modalidade EJA, percebeu-se que a grande maioria eram mulheres jovens, com a faixa etária de 18 a 20 anos, apenas seis estudantes têm filhos; pertencem à classe popular brasileira, com uma renda familiar que varia entre um a dois salários mínimos; em sua maioria, são mulheres solteiras, apenas uma estudante divorciada e uma estudante viúva. Os fatores mais recorrentes que dificultam a permanência das estudantes se referem a impedimentos relacionados à família, por exemplo, ter que cuidar do filho. Em seguida vem a sobrecarga do trabalho, a falta de transporte próprio, a falta de dinheiro para pagar o transporte, problemas de saúde e pôr fim a dificuldade em aprender. Na perspectiva dos fatores que contribuem para a permanência das estudantes na modalidade EJA, elas ressaltam que continuam estudando porque recebem o incentivo e apoio dos familiares e precisam conquistar um futuro e emprego melhor para ajudar os seus familiares. As estudantes evidenciam a gratidão e valorização para com os professores, pois eles favorecem para elas pertencer ao espaço educativo e as encorajam em relação aos seus anseios quanto à sua trajetória social e profissional.

**Palavras chave:** Desafios. Permanência. Mulheres. Ensino Médio. EJA

## RESUMEN

La Educación de Jóvenes y adultos como modalidad educativa atiende a estudiantes que no tuvieron acceso a la escolarización a la edad adecuada, ya que diversas razones les impidieron estar en la escuela durante el período considerado oportuno. Así, esta investigación tuvo como objetivo analizar el proceso de permanencia de las mujeres en la 2ª etapa de la Escuela Secundaria EJA en el Centro de Estudios Suplementarios Profesor Paulo Melo, ubicado en el municipio de Macapá, Estado de Amapá. Para lograr el objetivo, se realizó una investigación cualitativa, no experimental, descriptiva y transversal, utilizando el cuestionario abierto como instrumento de recolección de datos. A partir de los resultados presentados, se pudo inferir que los estudiantes egresados encuestados que forman parte de la modalidad de EJA, se observó que la gran mayoría eran mujeres jóvenes, con edades comprendidas entre los 18 y 20 años, solo seis estudiantes tienen hijos; pertenecer a la clase popular brasileña, con un ingreso familiar que oscila entre uno y dos salarios mínimos; La mayoría de ellos son mujeres solteras, solo una estudiante divorciada y una estudiante viuda. Los factores más recurrentes que dificultan la permanencia de los estudiantes se refieren a impedimentos familiares, por ejemplo, tener que hacerse cargo del hijo. Luego viene la sobrecarga de trabajo, la falta de transporte adecuado, la falta de dinero para pagar el transporte, los problemas de salud y el fin de la dificultad para aprender. Desde la perspectiva de los factores que contribuyen a la permanencia de los estudiantes en la modalidad EJA, destacan que siguen estudiando porque reciben el aliento y apoyo de sus familias y necesitan conquistar un mejor futuro y trabajo para ayudar a sus familias. Los estudiantes muestran gratitud y aprecio hacia los docentes, ya que favorecen su pertenencia al espacio educativo y los alientan en relación a sus inquietudes respecto a su trayectoria social y profesional.

**Palabras clave:** Desafíos. Permanencia. Mujeres. Secundaria. EJA

## INTRODUÇÃO

O significado de educação e o papel do sistema escolar é algo amplo que ultrapassa a formação acadêmica didática, pois é papel da escola trabalhar o cognitivo, mas também apresentar e preparar o indivíduo para a vida social e o mundo do trabalho. Se tratando da EJA essas funções do sistema escolar são ainda mais evidenciadas, já que o público frequentador, em sua maioria, deposita todos os seus esforços e focam seus objetivos nessa nova oportunidade de inserção ao sistema escolar e social.

Concernente a esse patamar, a EJA deve oferecer condições e possibilidades para que a evasão e a desmotivação não sejam um fato corriqueiro nessa modalidade de ensino. A EJA é uma Educação, prevista por lei, que propõe dar oportunidades para concluir os estudos àqueles que por algum motivo não completaram na idade própria, percebemos que na prática ainda há muito que se fazer, pois as políticas públicas tem garantido apenas o acesso desse público à escola, mas não a sua permanência.

É importante que as instituições escolares compreendam os reais motivos que levaram os alunos a abandonarem a escola em alguma fase da vida e saber quais os motivos e expectativas de seu retorno ao estudo na modalidade EJA. A partir dessas percepções, a escola poderá efetuar um planejamento específico para atender as necessidades desses educandos.

Gonçalves (2014, p.11) aponta que “os alunos têm objetivos diferentes para entrar, permanecer e concluir ou não a escola, e o objetivo principal, não é necessariamente, a busca por certificações ou conclusão formal”. A abordagem de um bom planejamento escolar além de absorver conhecimentos sobre seu alunado oferecerá condições para que a instituição possa oferecer um estudo diferenciado através de práticas prazerosas, já que a EJA é marcada por uma vasta história de negação, sendo a EJA em alguns momentos considerada como último recurso para uma participação na vida escolar.

Cardoso (2012, p.25) enfatiza que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta uma grande diversidade “estes são sujeitos da diversidade, diversidade esta

étnica, monetária, de gênero e de objetivos e considerá-los como um grupo homogêneo, pessoas pouco escolarizadas, aceitar que todos são iguais se torna um problema”. Logo os estudantes da EJA são adultos, homens, mulheres, jovens, trabalhadores, mães, pais. Neste sentido, Freire (2000, p. 55), afirma que:

É fundamental, testemunhar como pai, como professor, como empregador, como empregado, como jornalista, como soldado, cientista, pesquisador ou artista, como mulher, mãe ou filha, pouco importa, o meu respeito à dignidade do outro ou da outra. Ao seu direito de ser em relação ao seu direito de ter. Isto reforça a ideia de que o público da EJA é formado por pais, mães, trabalhadores, jovens e adultos, e muitas outras relações e situações que exigem a compreensão e o amparo do direito e do respeito.

Para Cittadin (2015, p. 15) “um dos desafios da escola atual é tentar garantir a permanência dos jovens e adultos no seu retorno ao sistema formal de educação, sua posterior conclusão na educação básica e futura entrada no sistema de ensino superior”. É possível citar que os alunos não desistem apenas por questões pedagógicas, motivos são os mais diversos, entre eles objetivos e subjetivos, alguns motivos muito simples como: “alguns param de estudar, pois, atingem seus objetivos, como o ato de assinar seu próprio nome ou aprender a ler e escrever” (Gonçalves, 2014. p.14).

Segundo os resultados de um recorte educacional da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD feito pelo IBGE (2019), no que se refere à análise por sexo, do total daqueles que frequentavam ou frequentaram anteriormente a Educação e Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA), 53% eram mulheres e 47%, homens. Com relação ao rendimento, o maior percentual de pessoas que frequentavam EJA, na época da pesquisa, foi daquelas que estavam na faixa de até  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo (3,0%) e as que não tinham rendimento (2,6%). A maioria dos que cursavam EJA era formada por pessoas que se declaravam pardas (47,2%), seguidas por brancas (41,2%), negras (10,5%) e de outra raça (1,1%). Percebe-se que com base nos dados definidos pelo IBGE é possível identificar que a maioria dos alunos inseridos na EJA são mulheres colocando

em evidência as relações existentes entre as questões de gênero e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Vieira (2017, p.54) mostra em seus estudos que a mulher ainda é discriminada na atual sociedade, uma problemática ainda bem visível:

São diversas as razões que contribuem com o afastamento dos estudos por parte das mulheres, razões que envolvem cerceamentos vindos da família, como o pensamento popular de que a mulher não precisa estudar; ingresso precoce no mercado de trabalho, casamento e filhos.

Percebe-se que as mudanças que ocorreram na sociedade nos últimos tempos são bem visíveis quando se trata do comportamento e aceitação das pessoas pertencentes ao gênero feminino. Há mais mulheres trabalhando, muitas se tornaram chefe de família e em conjunto, uma parcela considerável de mulheres está optando por voltar a estudar.

Santos (2014), enfatiza que as mulheres retomam os estudos motivadas pelo desejo de conseguir um bom emprego, elevação da autoestima, independência, dar exemplo aos seus filhos. Deste modo, a educação de jovens e adultos torna-se um direito, uma oportunidade para a formação social, principalmente para as mulheres, que atualmente vivem uma dupla jornada de trabalho, e buscam cada vez mais condições de igualdade entre os gêneros.

Scherer e Santos (2021), com o objetivo de compreender os desafios e motivações que permeiam o retorno da mulher na Educação de Jovens Adultos, bem como, o impacto que a educação gera na vida das mulheres que buscam esse tipo de ensino, apontam contribuições e reflexões importantes acerca de ações e atitudes que podem colaborar com o processo de aprendizagem destas alunas, assim como no sociocultural da EJA na vida das estudantes.

Ao falar de mulheres da EJA, parte-se do pressuposto de que elas carregam uma enorme bagagem, de seus diferentes contextos vividos e seus percursos até a chegada na escola novamente. Sendo assim, a escola tem um papel fundamental na vida de tais pessoas, tornando-se um agente de transformação e empoderamento em suas

vidas, oportunizando que leiam o mundo ao redor e possam, a partir de suas aprendizagens, ter voz ativa na sociedade, fazendo suas escolhas e sendo as protagonistas de suas próprias vidas.

Ao longo do processo e das trocas diárias em sala de aula, percebeu-se que as alunas que frequentam a EJA trazem várias características singulares, culturas diversas, marcas de violências sofridas no decorrer de suas vidas, são estudantes das periferias, dos campos, pobres, negras, indígenas, trabalhadoras que muitas vezes levavam os seus filhos porque não tinham com quem deixar em casa, ou até mesmo para que seus filhos tivessem acesso a merenda escolar, entre muitos outros motivos. Logo, é de suma relevância compreender as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao adentrarem no espaço escolar de Educação de Jovens e Adultos, ressaltando como elas enfrentam e contornam todos os desafios para darem conta de todas as tarefas da vida, conciliando com o processo de aprendizagem e sua permanência na escola.

Além de evidenciar que a política de acesso e permanência na Educação de Jovens e Adultos para as mulheres é necessário para lhes conceder as oportunidades para vencerem os desafios e seguirem sua formação profissional. Destaca-se ainda, que na base de suas expectativas se configura o engajamento de uma docência com compromisso com outras mulheres que precisam concluir a Educação Básica. Logo, a modalidade EJA é uma grande esperança para as mulheres que não puderam estudar na idade regular. Pois estudando irão adquirir sua autonomia, confiança e reconstruirão a vida, provando que a educação pode transformar a realidade vivenciada.

A Educação de Jovens e Adultos enquanto modalidade educacional atende estudantes que não tiveram acesso a escolaridade na idade própria, pois vários motivos fizeram com que os mesmos não tivessem condições de estar na escola no período considerado adequado.

Pensando no acesso ao ambiente escolar, dentre os estudantes da EJA encontram-se as mulheres que segundo Souza (2019) elas têm menos oportunidades ainda, pois, desde muito cedo, precisam abraçar suas casas e famílias, ou então, trabalhar para

garantir o sustento e completar a renda. A mulher vive entre o trabalho e a formação escolar, enfrentando o grande desafio de cumprir a jornada de trabalho fora e, em casa, nos cuidados domésticos. Uma pesquisa realizada pelo IBGE (2019), constatou que 53% dos estudantes da EJA são mulheres. Essas mulheres possuem os mais variados perfis: diversas idades, origens e histórias de vida. São elas: mães, solteiras, avós, viúvas, casadas, trabalhadoras, responsáveis pelo lar, desempregadas, e daí por diante. Mas todas possuem algo em comum: o desejo de aprender, de estudar, mesmo com todos os desafios à frente.

A educação tem um papel importante e determinante para a emancipação da mulher como uma possibilidade de melhorar de vida, de crescimento e empoderamento. Logo a escola se configura como uma possibilidade de superação da exclusão. Sendo assim, cada vez mais as mulheres buscam retomar a trajetória escolar para alcançar os seus objetivos, nos diversos níveis de ensino, como forma de reinserção no convívio social e profissional.

Para Rieger e Jesus (2011), as mulheres, com a ajuda da educação escolar, estão deixando o papel de indivíduo submisso e procuram ampliar o seu lugar na sociedade, além de lutar para realizar as próprias vontades e pela igualdade de gênero tanto nas escolas quanto nos trabalhos.

Diante do contexto exposto, se faz os seguintes questionamentos: Qual o perfil das mulheres concluintes da EJA? Quais os fatores que dificultam a permanência das estudantes na EJA? Quais as perspectivas das estudantes ao concluir o ensino médio por meio da modalidade EJA? Logo, a questão norteadora desta pesquisa é: De que maneira acontece a permanência das mulheres da 2ª etapa do Ensino Médio EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo?

Esta pesquisa tem com objetivo geral analisar o processo de permanência das mulheres da 2ª etapa do Ensino Médio EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo. As estratégias metodológicas aplicadas na recolha e tratamento de dados assentam nos pressupostos de uma investigação com o desenho metodológico não

experimental, descritiva, transversal e com enfoque qualitativo, apresentando um estudo de pessoas, da sua singularidade, dos seus comportamentos e dos seus contextos. Os participantes do estudo são 22 estudantes mulheres concluintes da segunda etapa do Ensino Médio na modalidade EJA do ano de 2023. A técnica aplicada para recolhimento dos dados foi o questionário aberto. Os resultados foram analisados e interpretados a partir da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016).

Em termos estruturais, a dissertação assume a seguinte ordem:

O primeiro, o segundo e o terceiro capítulos se aborda sobre a fundamentação teórica evidenciando a educação de jovens no Brasil, enfatizando o contexto histórico, a EJA como ferramenta política e de cidadania, e as questões de gênero relacionadas ao processo de escolarização tardio das mulheres.

O quarto capítulo, corresponde a metodologia da investigação, no qual se relata o passo a passo da pesquisa como os objetivos da pesquisa qualitativa, especificando o método descritivo, não experimental de corte transversal; apresentando o cronograma, seus participantes, os instrumentos, as técnicas aplicadas e os processos de elaboração, validação; os procedimentos para a coleta dos dados e as técnicas de análise e interpretação empregadas.

O quinto capítulo aborda sobre a análise e interpretação dos dados da pesquisa, expondo de maneira clara e objetiva toda a análise da investigação, realizada por meio do questionário com perguntas abertas. Finalmente, apresenta-se as conclusões na investigação, assim como a apresentação de algumas propostas consideradas importantes para a continuidade deste estudo.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

---

### CAPÍTULO 1: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil é um tema de grande relevância no contexto educacional e social do país. Essa modalidade de ensino visa atender àqueles que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade regular, seja devido a dificuldades socioeconômicas, ausência de acesso à educação ou outras circunstâncias adversas (Gomes, 2023). Ao longo das últimas décadas, o Brasil tem buscado avançar na oferta e qualidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), reconhecendo a importância de garantir o acesso à educação básica para todas as faixas etárias.

Segundo Vasques (2019), historicamente, a EJA no Brasil enfrentou desafios significativos, como a falta de políticas públicas adequadas e o estigma social associado aos adultos que retornam à escola. No entanto, nas últimas décadas, houve avanços significativos nessa área. A Constituição Federal de 1988 estabeleceu o direito à educação como fundamental e obrigatório para todas as idades, e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 reconheceu a EJA como modalidade de ensino. Isso proporcionou uma base legal para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a EJA (Oliveira, 2019).

Um dos principais desafios da EJA no Brasil é a garantia de qualidade do ensino. Muitas vezes, os estudantes adultos enfrentam dificuldades de aprendizado devido a longos períodos de afastamento da escola ou à necessidade de conciliar os estudos com o trabalho e a família. Portanto, é essencial que os programas de EJA sejam flexíveis, com currículos adaptados às necessidades e realidades dos alunos. Além disso, a formação adequada dos professores que atuam nessa modalidade é crucial, pois requer abordagens pedagógicas específicas para atender às demandas desse público.

A falta de acesso a recursos educacionais também é um desafio. Muitos estudantes da EJA não têm acesso a materiais didáticos, computadores ou internet, o que pode

prejudicar seu aprendizado. Portanto, é importante que o Estado invista na produção e distribuição de materiais didáticos acessíveis e na ampliação do acesso à tecnologia educacional. Outro aspecto relevante é a questão da evasão escolar na EJA. Muitos alunos iniciam os estudos, mas não conseguem concluir devido a fatores como dificuldades financeiras, falta de motivação ou problemas pessoais.

Conforme observado por Arroyo (2006), a evasão escolar frequentemente resulta da dinâmica disfuncional que ocorre entre a escola, a família, o professor e o aluno. É amplamente reconhecido que a escola contemporânea precisa estar adequadamente preparada para acolher e educar esses jovens e adultos que são produtos das disparidades socioculturais. O ambiente da sala de aula deve ser concebido como um espaço atrativo e inspirador para a busca do conhecimento, proporcionando um ambiente estimulante para o aprendizado.

Deste modo, a presente fundamentação teórica irá trazer alguns dos principais desafios que a EJA enfrenta no Brasil, além da história deste nível de educação, perfil dos estudantes, cenário de políticas públicas e a sua prospecção.

### **1.1. Contexto Histórico da EJA no Brasil**

A educação de adultos começou a ganhar destaque na história da educação no Brasil por volta da década de 1930. Esse período marcou o início da consolidação de um sistema público de educação básica no país. Nessa época, a sociedade brasileira estava passando por transformações significativas relacionadas ao processo de industrialização e ao aumento da urbanização da população. O governo federal desempenhou um papel fundamental ao impulsionar a expansão da educação básica, estabelecendo diretrizes educacionais para todo o país e atribuindo responsabilidades aos estados e municípios. Dentro desse movimento, houve esforços nacionais para estender o ensino básico aos adultos (Martins et al., 2008, p.1-2).

Segundo Leite (2013), é importante destacar que a educação durante esse período era precária, mesmo nas cidades onde ocorreram reformas no sistema educacional. A

qualidade do ensino era frequentemente inadequada, a taxa de repetência era elevada e a evasão escolar era um problema significativo. Além disso, a escola não era acessível a todos, e havia uma falta de controle efetivo sobre o desenvolvimento do ensino e a fiscalização das escolas existentes naquele período. O analfabetismo era outro desafio crucial, sendo considerado uma das principais barreiras para o crescimento do país.

Ainda de acordo com Leite (2013), as mudanças nas relações de produção e o aumento da concentração da população em áreas urbanas tornaram urgente a necessidade de combater o analfabetismo e proporcionar pelo menos um nível mínimo de qualificação para o trabalho a um número cada vez maior de pessoas. A Revolução de 1930 trouxe Getúlio Vargas ao poder e provocou uma reorganização na sociedade, o que gerou novas demandas educacionais. No entanto, a expansão da educação básica ainda estava fortemente ligada ao modelo de escola que historicamente havia atendido às elites. Não foi proposto um projeto educacional completamente novo, o que tornou difícil a implementação de uma escola básica universal e gratuita. Essa situação desencadeou um movimento de reformas e a promulgação de leis que visavam corrigir as deficiências da educação brasileira em relação aos países mais desenvolvidos. O desafio de modernizar e democratizar o sistema educacional tornou-se uma prioridade nacional, moldando o caminho futuro da educação de adultos e da educação básica no Brasil.

Para Leite (2013), outro ponto passível de destaque é quando o então Ministro da Educação, Clemente Mariani, em conformidade com o dispositivo constitucional, estabeleceu uma comissão composta por educadores de diversas orientações. Essa comissão iniciou seus trabalhos em setembro de 1947, com o objetivo de elaborar um projeto de lei que serviria como a base para a legislação educacional no Brasil. Esse esforço visava consolidar um sistema público de educação básica no país, em consonância com as transformações sociais ocorridas devido à industrialização e urbanização crescente da população naquela época.

Brzezinski (2010) ressalta que mais tarde, o resultado dos trabalhos da comissão foi um anteprojeto de lei que, após algumas modificações propostas pelo Ministro, evoluiu

para o projeto de lei de diretrizes e bases da educação nacional. Esse projeto foi submetido à Câmara Federal em outubro de 1948 pelo então Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra. No entanto, o processo de elaboração dessa legislação encontrou diversos obstáculos ao longo do caminho. As diferentes correntes políticas representadas no Congresso Nacional resultaram em um cenário de confronto de interesses. Em meados de 1956, defensores da iniciativa privada na área da educação, em oposição à influência da Igreja Católica, buscaram fazer prevalecer seus interesses no texto da futura Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Diante desse cenário, em 1959, a comissão responsável pela elaboração do projeto de lei trabalhou na formulação de um novo substitutivo, cuja redação final só ficou pronta em 10 de dezembro de 1959. Este substitutivo acabou sendo o texto aprovado pela Câmara dos Deputados em janeiro de 1960. É importante destacar que o texto aprovado não satisfaz plenamente as expectativas de nenhuma das partes envolvidas no processo, sendo mais uma solução de compromisso que resultou de concessões mútuas, refletindo a estratégia da conciliação. (Brasil, 1960)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conhecida como Lei nº 4.024/1961, marcou um avanço importante na legislação educacional do Brasil. Ela reconhecia a educação como um direito de todos, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino primário a partir dos 7 anos de idade, com a previsão de classes especiais ou cursos supletivos para aqueles que ingressarem na escola após essa idade, levando em consideração o nível de desenvolvimento do aluno. (Brasil, 1961). A lei também possibilitava a obtenção de certificados de conclusão do ensino ginásial para maiores de 16 anos e do ensino colegial para maiores de 19 anos, mediante a aprovação em exames de madureza, após estudos realizados fora do regime escolar tradicional. (Leite, 2013)

Leite (2013), ainda ressalta que a Lei nº 4.024/1961 abriu espaço para a formação de classes especiais e cursos supletivos, organizados pelas Unidades da Federação, com o princípio da descentralização do ensino. Esses cursos tinham uma estrutura similar ao

ensino formal, com flexibilidade para adaptações às condições socioeconômicas regionais e às necessidades dos adultos.

No entanto, é importante observar que, apesar desses avanços, a educação de adultos permanecia separada do sistema formal de ensino, e o ensino supletivo recebia pouca atenção das Secretarias de Educação. Como resultado, a educação de adultos ocupou uma posição marginal até a década de 1970, com pouca ênfase na oferta de oportunidades educacionais para esse público.

O período em questão é caracterizado pela ocorrência de três Constituições, que, apesar de mencionarem a educação, não conseguiram efetivar plenamente um projeto abrangente para essa área. Ao longo dessas três Constituições, observamos avanços, retrocessos e tentativas de recuperação em relação à educação. Em termos gerais, prevaleceu um discurso teórico de inclusão e garantia de direitos, porém, na prática, essas legislações acabaram reforçando as divisões de classe na sociedade. (Kang, 2017)

Segundo Kang (2017), o Golpe de 1964 teve um impacto significativo nos programas de alfabetização e educação popular que haviam se proliferado no período entre 1961 e 1964. Muitos desses programas foram considerados uma ameaça à ordem estabelecida, levando o governo a permitir apenas programas de alfabetização de adultos de natureza assistencialista e conservadora. Em vez de abordar fundamentalmente o problema da educação, o foco foi na criação de soluções imediatas para atender à demanda do mercado de trabalho, que exigia um público minimamente escolarizado. O analfabetismo era visto como um obstáculo ao desenvolvimento industrial, e a resposta foi proporcionar uma educação básica e profissionalizante para a maioria da população, considerada suficiente para atender às necessidades do mercado de trabalho (Salgado, 2010).

Esse período foi, inegavelmente, marcado por turbulências, incluindo guerras, golpes de estado, incertezas políticas e o processo de industrialização, que deixou uma marca profunda na política brasileira. Nesse contexto, a educação, que anteriormente não era uma prioridade, começou a ganhar destaque devido à industrialização em ascensão

no país. Foi nesse cenário que a história da educação de adultos começou a ganhar espaço e a se consolidar dentro do sistema público de educação básica. (Kang, 2017)

A sociedade brasileira passou por mudanças significativas devido ao desenvolvimento industrial e ao aumento da concentração populacional nas áreas urbanas. O governo federal desempenhou um papel crucial ao impulsionar a expansão da educação básica, estabelecendo diretrizes educacionais para todo o país e definindo responsabilidades para os estados e municípios. Esse período representou um marco na história da educação de adultos no Brasil, à medida que as políticas públicas começaram a reconhecer a importância da educação inclusiva e acessível para toda a população. (Kang, 2017)

De acordo com Nascimento (2022, p. 123):

A Educação de Jovens e Adultos – EJA surge assim não como proposta de resgate social do indivíduo, mas tendo outro pano de fundo. A primeira iniciativa objetivava alfabetizar o adulto em 14 meses. Contudo, após 14 anos a Campanha de Educação de Adultos os resultados começam a declinar, principalmente na zona rural. A superficialidade do material didático era uma das principais queixas, assomada pela metodologia utilizada. Um novo desdobramento foi o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAF e a Fundação Educar. Ambos tinham por objetivo alfabetizar os adultos. Outras iniciativas se sucederam na tentativa de concretizar o ideal da Constituição Federal de 1988 que afirma que a educação é um direito de todos e um dever do Estado.

## **1.2. Os Movimentos da EJA dos Anos de 1960**

De acordo com Gomes (2023) na década de 1960, a alfabetização de jovens e adultos no Brasil foi impulsionada por vários movimentos voltados para a educação e a cultura popular, destacando-se quatro deles (Brasil, 1998, p. 33):

MEB – Movimento de Educação de Base: Iniciado como uma iniciativa da Igreja Católica, o MEB foi criado em 1961, durante o governo de Jânio Quadros. O movimento era coordenado pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e implementado por leigos. Seu foco era a alfabetização de adultos por meio de emissoras de rádio católicas, concentrando-se principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, onde o analfabetismo era mais prevalente.

MCP – Movimento de Cultura Popular: Originado em maio de 1960 e ligado à Prefeitura de Recife, o MCP contou com o apoio dos governos de Miguel Arraes e de Paulo Freire, que era diretor da Divisão de Pesquisa e Coordenador do Projeto de Educação de Adultos do MPC. Utilizava os Centros de Cultura e o Círculo de Cultura como ferramentas para a alfabetização por meio de grupos de debate.

CPC – Centro de Cultura Popular: Fundado pela União Nacional dos Estudantes (UNE), envolvia artistas e intelectuais e buscava levar a cultura às classes desfavorecidas. Utilizava peças teatrais como meio para a disseminação cultural.

CEPLAR – Campanha de Educação Popular: Originada na Paraíba em 1961, foi criada pelo Governo Estadual. Tinha como método pioneiro a utilização em larga escala do método Paulo Freire, empregando a realidade brasileira, principalmente a nordestina e paraibana, como material central. Usava teatros populares e círculos de cultura como escolas de conscientização.

Paulo Freire esteve diretamente envolvido em vários movimentos educacionais, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, e inspirou outros tantos, como o Movimento de Educação de Base, a Conferência Nacional de Bispos do Brasil, os Centros Populares de Cultura, organizados pela União Nacional dos Estudantes, a Campanha de Educação Popular. Esses movimentos surgiram em várias regiões do país, mas foi no Nordeste que se concentrou a maior parte deles. Naquela época, metade da população era excluída da vida política por ser analfabeta. O analfabetismo era consequência de uma sociedade injusta e não igualitária. Assim, a alfabetização de adultos deveria auxiliar na transformação da realidade social.

Freire (2019) propõe uma educação dialógica e não bancária, trazendo a realidade do educando de forma central no processo de alfabetização. Sempre partindo dessa realidade e de sua experiência, a proposta pautava-se pela seleção de palavras geradoras, que pudessem desencadear a problematização da realidade, de forma a superá-la e, ao mesmo tempo, servisse como possibilitadoras do ensino. Com isso, Freire (1975) traz a ideia de que a educação suscita a conscientização do homem, possibilitando a evolução de uma consciência ingênua –caracterizada por simplicidade na interpretação dos problemas e tendência ao conformismo –para uma consciência crítica –que se caracterizava pela profundidade na interpretação de problemas e uma maior dose de racionalidade.

Saviani (2014), com base nas reflexões de Fávero (2016, p. 4), destaca que o MEB, diferentemente do CPC e MPC, teve uma participação intensa no meio rural, apoiando a sindicalização rural e sendo o único movimento a sobreviver ao golpe militar e à repressão dos anos seguintes, devido à sua ligação exclusiva com a Igreja. Em 1963, foi criado o Departamento de Alfabetização de Adultos, utilizando livros de literatura no ensino, mas foi extinto em 1964 devido ao Golpe Militar, que incendiou suas instalações para evitar o contato com as classes populares.

Além desses movimentos, outros programas e campanhas surgiram após a Ditadura Militar e a redemocratização do país. Destacam-se o Alfabetização Solidária, iniciado em janeiro de 1997 no governo de Fernando Henrique Cardoso, com o objetivo de alfabetizar jovens e adultos nas Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Também merece destaque o Programa Brasil Alfabetizado, criado em janeiro de 2003 no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, com a meta ambiciosa de erradicar o analfabetismo no Brasil e promover a inclusão social de pessoas analfabetas, coordenado pela Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo – SEEA. (Gomes, 2023)

### **1.3. A EJA como Ferramenta Política de Direito e Cidadania**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), conforme estabelecido pelo Art. 37 da LDBEN (Lei nº 9.394/96), é direcionada àqueles que não tiveram oportunidade de iniciar ou concluir seus estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade apropriada. O §1º desse artigo determina que os sistemas de ensino devem oferecer gratuitamente oportunidades educacionais adequadas aos jovens e adultos que não puderam frequentar a escola na idade regular. Essas oportunidades devem levar em consideração as características do público-alvo, seus interesses, condições de vida e trabalho, e podem ser oferecidas por meio de cursos e exames.

O §2º do mesmo artigo estipula que o poder público deve facilitar e incentivar o acesso e a permanência dos trabalhadores na escola por meio de ações integradas e complementares. Já o §3º destaca que a EJA deve, preferencialmente, ser articulada com a Educação Profissional, conforme regulamentação específica.

O Art. 38 da LDBEN estabelece que os sistemas de ensino devem manter cursos e exames supletivos que abrangem a base nacional comum do currículo, permitindo aos alunos a continuidade de seus estudos de forma regular. De acordo com o §1º desse artigo, os exames supletivos devem ser realizados:

No nível de conclusão do Ensino Fundamental, para aqueles com mais de quinze anos de idade. Já no nível de conclusão do Ensino Médio, para os maiores de dezoito anos.

O §2º do mesmo Art. 38 esclarece que os conhecimentos e habilidades adquiridos informalmente pelos educandos serão avaliados e reconhecidos por meio de exames.

No contexto do Plano Nacional de Educação (PNE, 2014-2024), a Meta 8 visa elevar a escolaridade média da população de 18 a 29 anos, com o objetivo mínimo de atingir doze anos de estudo até o último ano do plano. Esse esforço se concentra nas populações rurais e nas áreas com menor nível de escolaridade, bem como nos 25% mais pobres da população. A Meta 8 também busca igualar a escolaridade média entre negros e não negros, conforme declarado ao IBGE (p. 67).

A Estratégia 8.2 do PNE prevê a implementação de programas de Educação de Jovens e Adultos para os segmentos populacionais contemplados na Meta 8, que estão fora da escola e apresentam defasagem idade-série. Esses programas devem ser complementados por outras estratégias que garantam a continuidade da escolarização após a alfabetização inicial.

Além disso, a Meta 9 do Plano Nacional de Educação tem como objetivo elevar a taxa de alfabetização da população com quinze anos ou mais, visando alcançar 93,5% até 2015, e, até o término do PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em cinquenta por cento a taxa de analfabetismo funcional (p. 68).

É essencial que o educador da Educação de Jovens e Adultos (EJA) reflita profundamente sobre seu papel e crie um ambiente propício para que os estudantes jovens e adultos se percebam como sujeitos ativos e detentores de direitos no processo educacional. Esse reconhecimento e valorização desses indivíduos, juntamente com a promoção de diálogos que revelem a realidade em que vivem, respeitando e reconhecendo seus conhecimentos prévios, é o cerne da construção do conhecimento na EJA (Arroyo, 2006).

Santos (2007) amplia essa reflexão ao enfatizar a importância de abordar o trabalho pedagógico na EJA de forma a engajar o educando no desenvolvimento da sociedade. Os educadores têm a responsabilidade de criar estratégias metodológicas que despertem o interesse dos alunos, permitindo que a escola alcance sua função social plenamente e supere questões como o fracasso escolar, a repetência e a evasão. Santos argumenta que muitos fatores contribuem para esses problemas, pois ainda não se compreende completamente que a escola deve desempenhar um papel mais amplo do que apenas ensinar a ler e escrever.

De acordo com Bastos (2023, p. 34) a EJA é:

Uma grande e forte ferramenta para fazer a Educação de Jovens e Adultos acontecer de forma eficaz, levando em conta os conhecimentos prévios do educando e de onde ele vem. É necessário compreender que a

aprendizagem fosse oferecida de forma que contemple sua leitura de mundo, e dessa forma é mais fácil que aprendam a ler e escrever fazendo o uso de palavras do seu convívio.

Costacurta (2014) afirma que é importante destacar que, devido à sua natureza relativamente recente no cenário educacional, a EJA muitas vezes é afetada por paradigmas androcêntricos e heteronormativos predominantes na maioria das escolas. A abordagem teórica que considera a diversidade cultural nas práticas pedagógicas, onde os sujeitos negociam saberes e poder, ainda não é central em muitos ambientes educacionais.

É crucial compreender que a dimensão do trabalho na EJA deve ser vista como parte integrante da formação humana. Em sua maioria, os alunos da EJA vêm de camadas sociais mais empobrecidas da classe trabalhadora. Eles retornam à escola em busca de um futuro melhor, com uma qualidade de vida aprimorada para si e suas famílias. Nesse contexto, o papel do educador de jovens e adultos vai além do reconhecimento da condição trabalhadora dos alunos; envolve a promoção de iniciativas que visem à organização social, autonomia e emancipação por meio do trabalho. (Costacurta, 2014)

De acordo com as concepções de Marx e Engels, o trabalho não é apenas uma fonte de riqueza, mas também uma condição fundamental para a vida humana. Historicamente, diferentes formas de produção levaram à divisão da população em diferentes classes sociais, resultando em conflitos entre classes dominantes e classes oprimidas. Isso levanta a necessidade de uma revolução que transforme completamente o modo de produção existente e, conseqüentemente, a ordem social vigente (Engels, 2017).

Paolo Nosella, em "Trabalho e Educação: território e globalização" (Nosella, 2014), enfatiza que o trabalho é o princípio educativo, e, portanto, é essencial estabelecer uma abordagem pedagógica que considere as necessidades específicas de cada estágio escolar. As escolas historicamente contribuíram para o êxodo de seus melhores alunos para grandes centros urbanos, ensinando individualismo e alienação em relação ao seu próprio território. A pedagogia alternativa deve envolver família, escola e território como atores fundamentais na formação de crianças e jovens, com a participação da sociedade

civil organizada no controle e na definição de agendas políticas que atendam aos interesses das classes subalternas.

É importante reconhecer que as classes populares foram historicamente subalternizadas, resultando na exclusão de grupos como pobres, negros, índios, camponeses e outras classes sociais do acesso à educação. Muitos desses indivíduos hoje compõem a EJA, pois foram expulsos da escola ou nunca tiveram a oportunidade de frequentá-la.

#### **1.4. Pluralidade Cultural na EJA**

O Brasil é um país com grandes diversidades de costumes, ritos, dogmas, religiões, crenças, saberes, língua, manifestações artísticas, tradições, vida socioeconômica, educacional entre outros, tornando-o rico em termo de diversidade cultural.

De acordo com Apple (2001, p. 24):

[...] a cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias. Valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas[...]

No ambiente da educação e do ensino, a cultura permanece com o mesmo sentido permitindo uma troca de saberes, principalmente com adultos, uma vez que os mesmos já possuem um conhecimento empírico desde a sua infância até a fase adulta, buscando entender a sociedade como facilitadora.

Segundo Sartori e Ciliato (2015, p. 67) mencionam a importância da pluralidade e a diversidade no ambiente escolar:

[...] é imprescindível que a comunidade escolar perceba o quanto a pluralidade cultural é rica, o quanto os aspectos relacionados à diversidade

colaboram para a formação de um cidadão conhecedor de suas raízes, que reivindique seus direitos e cumpra seus deveres, que desenvolva princípios e valores morais próprios de um cidadão, de uma pessoa de bem.

Segundo Costacurta (2014), um desafio significativo para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é a concepção de práticas metodológicas que promovam a articulação entre cultura e educação, abrangendo a diversidade cultural do Brasil e valorizando as múltiplas linguagens (visual, dramática, musical, corporal) que se manifestam em todo o país, refletindo os saberes de suas diversas regiões e populações.

Essa preocupação nos remete ao trabalho de Darcy Ribeiro, que se dedicou intensamente ao estudo dos contornos culturais do Brasil e formulou uma teoria da cultura brasileira para nos ajudar a compreender nossa própria identidade. Em seu livro "O Povo Brasileiro", ele questiona: "Como estabelecer a forma e o papel de nossa cultura erudita, que é transplantada e influenciada pela moda europeia, diante da criatividade popular, que mistura as tradições mais diversas para compreender essa nova visão do mundo e de nós mesmos?" (Ribeiro, 1995, p. 15).

Segundo o antropólogo, sem a constante e reiterada reflexão sobre "Como nos encontramos a nós mesmos?", não podemos nos referir como um povo brasileiro. Afinal, estamos constantemente desafiados a compor e nos identificar diante da riqueza e complexidade de nossa diversidade cultural, sendo um desafio constante compreendermos como um povo novo, simultaneamente singular e plural.

Levando essas considerações em conta, é fundamental que essas questões estejam presentes nos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições de ensino. Perceber a educação como parte integrante da cultura e como um elemento essencial na formação e transformação de um povo é crucial para a formulação de metodologias educacionais de alta qualidade.

De acordo com o Documento Base Nacional Preparatório à VI CONFINTEA, intitulado "Brasil: Educação e Aprendizagens de Jovens e Adultos ao longo da vida", é

necessário adotar uma concepção ampliada de EJA. Isso implica entender a educação pública e gratuita como um direito universal de aprender, expandir e compartilhar conhecimentos e saberes adquiridos ao longo da vida, não se limitando apenas à escolarização. Os estudantes passam a maior parte de suas vidas como aprendizes, e, portanto, vivenciam muitas situações de aprendizado ao longo de suas jornadas formativas. Logo, sociedade e educação andam juntas, pois a educação possui diferentes funções de cada cultura, determinadas pelas necessidades financeiras e políticas do País.

Para Bastos (2023, p. 47) “a educação sempre esteve presente no desenvolvimento da sociedade, traz o propósito de contribuir para o crescimento sustentável, produtivo e ético da sociedade e de seus integrantes, e também ela busca o verdadeiro sentido da sua evolução cultural, ligada à cidadania”.

Santos, Oliveira e Coelho (2017) enfatizam que a Educação de Jovens e Adultos se mostra desafiadora a partir do acolhimento de adultos dentro de sua diversidade etária, sociocultural e peculiaridades, como a luta social e econômica por sobrevivência e as histórias de vida de cada educando.

## **CAPÍTULO 2: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO CONTEMPÔRANEO**

De acordo com Gomes (2023), a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto contemporâneo brasileiro desempenha um papel crucial na construção de uma sociedade mais inclusiva, igualitária e educada. Este segmento da educação visa atender às necessidades de indivíduos que não conseguiram concluir sua educação básica na idade regular, devido a uma série de desafios e circunstâncias diversas. No Brasil, a EJA tem

evoluído ao longo dos anos, enfrentando desafios e aproveitando oportunidades para se adaptar às mudanças sociais, econômicas e tecnológicas.

## **2.1. Desafios Permanentes**

A educação de jovens e adultos (EJA) desempenha um papel fundamental na sociedade contemporânea, proporcionando oportunidades de aprendizado para aqueles que não tiveram acesso à educação formal na idade apropriada. No entanto, os docentes que atuam nessa modalidade enfrentam uma série de desafios que podem dificultar o processo de ensino e aprendizagem.

A EJA contemporânea ainda enfrenta desafios persistentes que afetam sua eficácia e alcance. Um desses desafios é a alta taxa de evasão escolar entre os alunos adultos. Muitos deles precisam equilibrar a busca pela educação com responsabilidades familiares e de trabalho, o que torna difícil a continuidade nos estudos. A falta de recursos financeiros e a falta de tempo também são obstáculos comuns. (Nascimento, 2022)

Outro desafio é a carência de professores qualificados para a EJA. O ensino de adultos requer habilidades específicas de ensino e um entendimento das necessidades e experiências desse público. A formação de professores é essencial para melhorar a qualidade da educação oferecida na EJA.

Conforme Fernandes (2013), diversas questões sociais impactam significativamente a decisão de adolescentes e jovens de abandonar seus estudos ou de deixar temporariamente a sala de aula. Esses fatores sociais contribuem para a evasão escolar e direcionam muitos deles para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Entre as principais questões sociais identificadas estão:

**Vulnerabilidade Social:** Alguns estudantes enfrentam condições sociais adversas, como pobreza, envolvimento com drogas, exposição à violência e exploração. Essas circunstâncias tornam suas vidas instáveis e desprivilegiam a educação como uma prioridade. Muitas vezes, esses jovens acabam abandonando a escola. A EJA pode ser a

alternativa para aqueles que desejam retomar seus estudos em um ambiente mais adaptado às suas necessidades e circunstâncias.

**Necessidade de Trabalho:** A necessidade de contribuir para a renda familiar leva muitos alunos a deixarem a escola antes de concluírem o ensino fundamental. Outros optam por estudar no período noturno, o que pode dificultar a conciliação entre trabalho e estudo. A pressão econômica muitas vezes força esses jovens a priorizar o trabalho em detrimento da educação formal.

**Gravidez Precoce:** Alguns jovens estudantes interrompem seus estudos devido à gravidez precoce e assumem a responsabilidade de cuidar de seus filhos. Quando decidem retornar à escola, escolhem frequentemente a EJA, onde podem estudar com colegas mais próximos em idade e concluir o curso em menos tempo. De acordo com a Fundação Perseu Abramo, dados mostram que um percentual considerável de meninas se torna mães antes dos 18 anos, o que pode interromper temporariamente sua trajetória educacional.

**Evasão Escolar:** O problema da evasão escolar persiste no Brasil. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2023) revelam taxas significativas de abandono escolar.

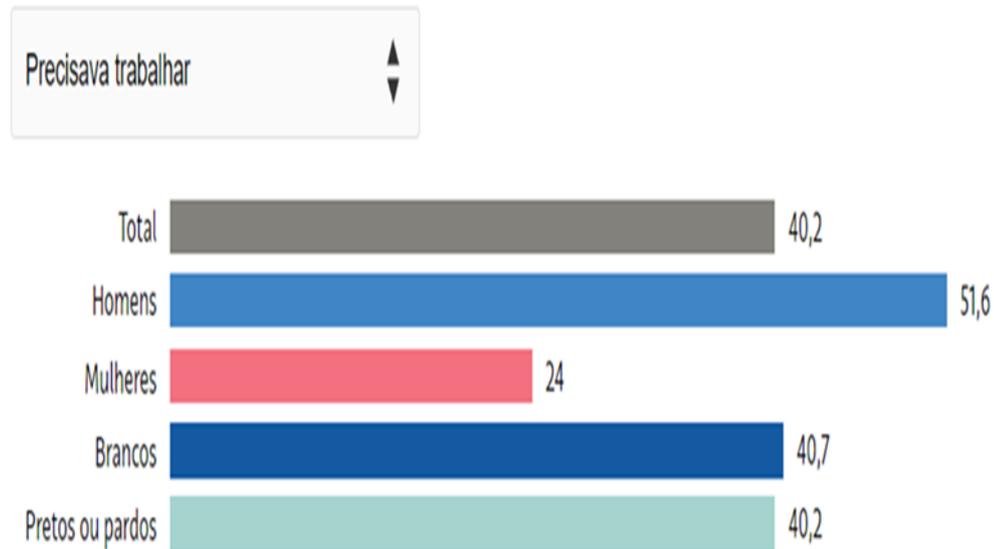
No Brasil, a principal razão apontada por jovens para o abandono escolar é a necessidade de ingressar no mercado de trabalho, de acordo com informações divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023). O IBGE revelou que, entre os 52 milhões de indivíduos com idades entre 14 e 29 anos no país, aproximadamente 18% (9,5 milhões) não concluíram o ensino médio. Isso ocorreu tanto devido ao abandono da escola antes da conclusão como por nunca terem frequentado uma instituição de ensino. Esses dados se referem ao ano de 2022. Como se pode observar na figura a seguir:

**Figura 1.**

*Motivos para o abandono escolar: Trabalho.*

## Motivos para o abandono escolar

Entre pessoas de 14 a 29 anos com nível de instrução inferior ao médio completo, em 2022, em %



Fonte: IBGE (2023)

Conciliar estudo e trabalho não é uma tarefa fácil, exige esforço individual e coletivo, pois para que isso tenha êxito necessita-se de uma ação em conjunto, tendo em vista que essas pessoas trabalham até mais de oito horas por dia, e ao chegarem à noite no seu momento de descanso vão para a escola para ter uma formação, almejando mais conhecimento e melhores condições econômicas para si e sua família. Sobre essa relação entre estudo e trabalho Oliveira, Barreto e Litka (2011, pág. 09) dizem o seguinte: "As dificuldades resultantes do conflito entre o mundo do trabalho e a escola, aliadas à dificuldade de aprendizagem, contribuem para desenvolver uma sensação de impotência, falta de competência e desmotivação frente aos estudos[...]"

Quando questionados sobre o principal motivo para essa situação, 40,2% desses jovens apontaram a necessidade de trabalhar como fator preponderante. Esse percentual manteve-se praticamente estável em relação a 2019, quando era de 40,1%, de acordo com a versão anterior da série histórica, que teve início em 2016. (IBGE, 2023)

A falta de interesse em prosseguir com os estudos (24,7%) foi a principal razão citada para o abandono escolar, seguida por outros motivos não especificados (14,5%). Outros fatores incluíram a gravidez (9,2%), a necessidade de cumprir afazeres domésticos (4,6%), problemas de saúde (3,6%), e a ausência de escolas na localidade, vaga disponível ou turno desejado (3,2%) como justificativas para o ano anterior, aponta o IBGE (2023). Ainda de acordo com a fonte, esses dados fazem parte de um módulo sobre educação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua). A publicação referente ao ano de 2022 marca o retorno da pesquisa após uma interrupção de dois anos (2020 e 2021) devido à pandemia de Covid-19.

No caso dos homens entre 14 e 29 anos que não estão mais na escola, a principal razão para o abandono em 2022 foi a necessidade de trabalhar, com um percentual de 51,6%, seguida pela falta de interesse em estudar, que representou 26,9% das respostas.

Entre as mulheres, a necessidade de trabalhar também se destacou como o motivo principal para o abandono escolar, embora em uma proporção menor em comparação com os homens, atingindo 24%. Em segundo lugar, surgiram a gravidez como motivo (22,4%) e a falta de interesse em estudar (21,5%). Além disso, de acordo com o IBGE, 10,3% das mulheres apontaram os afazeres domésticos ou o cuidado de pessoas como a principal razão para terem abandonado a escola ou nunca terem frequentado. Para os homens, esse percentual foi considerado insignificante, representando apenas 0,6% das respostas. (IBGE, 2023).

**Distância nas Zonas Rurais:** Alunos em áreas rurais enfrentam o desafio da distância para acessar a escola. Muitas vezes, eles precisam caminhar longas distâncias para frequentar as aulas, o que pode ser um empecilho para a frequência e a motivação dos estudantes. A criação de grupos de alunos da zona rural pode ser uma solução para garantir um número mínimo de estudantes e reduzir custos com infraestrutura.

**Desmotivação:** O currículo escolar e a metodologia de ensino muitas vezes não conseguem envolver e motivar os alunos. Isso pode levar à desistência, com muitos jovens

retornando à escola apenas quando percebem, mais tarde, a importância dos estudos em suas vidas.

**Decisões dos Gestores:** Em alguns casos, gestores escolares optam por encaminhar alunos com dificuldades para a EJA, com o objetivo de melhorar os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação (IDEB) em suas escolas regulares. Essa atitude pode contribuir para a marginalização dos estudantes e para a desvalorização da EJA como uma alternativa legítima de educação.

Em resumo, as questões sociais e os desafios enfrentados pela Educação de Jovens e Adultos no Brasil são complexos e multifacetados. Superá-los requer esforços coordenados por parte das autoridades educacionais, escolas e da sociedade em geral. A EJA desempenha um papel vital na reintegração de alunos que enfrentaram dificuldades e oferece uma segunda chance para que concluam sua educação formal.

De acordo com os dados do Anuário da Educação Básica (Editora Moderna/MEC, 2019), a meta estabelecida pelo Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024) em relação à Educação de Jovens e Adultos (EJA) se destaca por sua especificidade, focando particularmente nas matrículas de cursos que integram a Educação Profissional. Isso pode ser interpretado como uma orientação para fortalecer essa modalidade de ensino, uma vez que o número total de matrículas na EJA tem diminuído nos últimos anos em todas as regiões do Brasil, especialmente no Nordeste. Embora existam algumas experiências bem-sucedidas relacionadas ao ensino voltado para o mercado de trabalho no país, a opção pela EJA integrada à Educação Profissional ainda registra números relativamente baixos, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio (Brasil, 2014).

Ainda com o mesmo documento, em 2018, o número total de estudantes matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em todo o Brasil foi de 3.906.877 alunos. Dentro desse grupo, 2.561.013 estavam matriculados no Ensino Fundamental, sendo que apenas 18.622 deles frequentavam a EJA integrada à Educação Profissional Fundamental, o que correspondia a 0,73% do total de alunos nessa modalidade de ensino naquele ano. No que diz respeito ao Ensino Médio, dos 2.561.013 alunos matriculados na

EJA, 1.345.864 estavam cursando o Ensino Médio na modalidade EJA. Dentre esses, 35.993 alunos estavam matriculados na EJA integrada à Educação Profissional de Nível Médio, representando 2,67% dos alunos matriculados na EJA nessa faixa de ensino. A tabela abaixo apresenta o número total de alunos matriculados na modalidade EJA nos níveis Fundamental e Médio na Região Nordeste, no ano de 2018, conforme os dados do Anuário da Educação Básica.

Nesse contexto, fica evidente que o Brasil enfrenta desafios significativos no que diz respeito à educação de sua população jovem e adulta. Embora a taxa de analfabetismo seja frequentemente destacada, é importante notar que, quando somamos aqueles considerados analfabetos, incluindo os chamados analfabetos funcionais, juntamente com aqueles que não concluíram o Ensino Fundamental, temos uma parcela que abrange mais da metade da população com 15 anos ou mais de idade.

Conforme indicado no documento (p. 85), a alfabetização da população com 15 anos ou mais, um desafio superado por muitas nações há muito tempo, continua sendo um símbolo da histórica falta de prioridade dada às oportunidades de democratização do acesso à educação no Brasil. Mesmo se considerarmos a autodeclaração como critério de alfabetização, medida pelo IBGE por meio do Censo e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), ainda estamos longe da erradicação completa do analfabetismo absoluto.

Ao ritmo atual, estima-se que serão necessárias aproximadamente duas décadas para alcançar a meta estabelecida pelo PNE para 2024. É importante destacar que, no século XXI, os cidadãos precisam possuir um domínio muito mais abrangente da língua e de diversas habilidades necessárias para se inserirem com sucesso em um mundo globalizado, para além da simples capacidade de ler e escrever o próprio nome.

Além disso, o documento aponta que as taxas de alfabetização apresentam disparidades significativas entre os estados brasileiros, com índices ainda abaixo de 85% na Região Nordeste, sendo Alagoas e Maranhão os estados com as taxas mais baixas do país. Essa realidade ressalta a urgência de criar políticas de Educação de Jovens e Adultos

mais eficazes do que as implementadas nas últimas décadas. A demanda potencial por essa modalidade de ensino é superior ao número total de alunos atualmente atendidos na educação básica regular.

Em relação ao público-alvo da Educação de Jovens e Adultos, Di Pierro (2017) esclarece que esse grupo é composto por pessoas jovens, adultas e idosas que pertencem aos estratos sociais de baixa renda e tiveram seu direito à educação violado durante a infância ou adolescência. Essa violação pode ocorrer devido a preconceitos, falta ou distância de escolas, trabalho precoce, frequência breve ou descontínua em instituições de ensino de baixa qualidade, onde não conseguiram obter sucesso na aprendizagem. Além disso, também inclui jovens que frequentaram a escola na infância e adolescência, mas enfrentaram dificuldades, como reprovações e abandonos, buscando agora alternativas para retornar ao sistema educativo e acelerar seus estudos.

Devido a essas razões, ao longo da história recente do Brasil, a Educação de Jovens e Adultos tem sido associada a campanhas de alfabetização, programas de aceleração da escolaridade e exames de certificação de estudos básicos, de acordo com a autora. Além disso, em sociedades contemporâneas globalizadas, onde a informação, comunicação e conhecimento desempenham um papel crucial, a educação para pessoas jovens, adultas e idosas deve oferecer oportunidades para atualização, qualificação, habilidades em novas tecnologias e enriquecimento cultural ao longo de suas vidas, independentemente de seu nível de escolaridade.

Nessa perspectiva, Haddad (2017, p. 142) destaca que a persistência de grandes contingentes de pessoas jovens e adultas analfabetas ou com baixa escolaridade não pode ser vista de forma isolada, mas sim como um indicador da desigualdade no Brasil e da falta de acesso aos direitos básicos de cidadania. Isso as coloca como vítimas e, ao mesmo tempo, perpetuadoras da pobreza e exclusão social.

O autor observa que, ao considerarmos a Educação de Jovens e Adultos sob a perspectiva de seus potenciais educandos, percebemos que eles geralmente são classificados como parte dos estratos mais pobres e privados de direitos pelas estatísticas.

Investir na Educação de Jovens e Adultos é fundamental, pois reconhece essas pessoas como sujeitos de um direito universal que lhes foi negado no passado e continua a ser dificultado no presente, devido às desigualdades mencionadas. Assim, a Educação de Jovens e Adultos não deve ser vista apenas como um processo de aprendizagem de conhecimentos acumulados pela humanidade que deveriam ter sido adquiridos no passado, mas também como parte de um processo de educação ao longo da vida, buscando proporcionar oportunidades de desenvolvimento pessoal e coletivo.

Os dados da PNAD divulgados pelo IBGE revelam que a taxa de analfabetismo entre pessoas com mais de quinze anos teve uma leve variação para cima, passando de 8,6% em 2011 para 8,7% em 2012. Esses dados sobre o analfabetismo no Brasil são mais preocupantes quando analisados em recortes específicos, como na Região Nordeste, onde um em cada quatro homens com mais de 25 anos é analfabeto. Isso significa que cerca de 25% da população masculina economicamente ativa nessa região enfrenta dificuldades para realizar tarefas simples, como escrever uma mensagem, usar o transporte público ou entender uma receita médica, o que os exclui do desenvolvimento econômico da região.

## **2.2. Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA e Bases Legais Vigentes**

Segundo Brasil (2013), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) são um conjunto de orientações estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC) que têm como objetivo orientar a organização e a implementação dos currículos da EJA em todo o território brasileiro. Essas diretrizes são fundamentais para garantir a qualidade e a relevância da educação oferecida a jovens e adultos que não concluíram a educação básica na idade apropriada.

As principais características das Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA incluem:

**Flexibilidade Curricular:** Uma das características marcantes das diretrizes é a flexibilidade curricular. Elas reconhecem a diversidade de experiências e conhecimentos dos alunos adultos e permitem a adaptação dos currículos de acordo com suas

necessidades. Isso significa que os conteúdos e as metodologias podem ser ajustados para atender às demandas específicas desse público.

**Inclusão e Diversidade:** As diretrizes enfatizam a importância de promover a inclusão de todos os grupos sociais na EJA, incluindo pessoas com deficiência, indígenas, quilombolas e outras minorias. Isso reforça o compromisso com uma educação verdadeiramente inclusiva, que respeita e valoriza a diversidade cultural e social do Brasil.

**Formação Cidadã:** Além do desenvolvimento de habilidades acadêmicas, as diretrizes destacam a importância da formação cidadã dos alunos da EJA. Isso inclui a promoção de valores democráticos, direitos humanos e participação ativa na sociedade. A EJA não se limita apenas à transmissão de conhecimentos, mas também busca preparar os alunos para serem cidadãos críticos e participativos.

**Valorização da Experiência:** As diretrizes reconhecem que os alunos da EJA frequentemente trazem consigo uma riqueza de experiências de vida e conhecimentos prévios. Portanto, elas incentivam a valorização e a integração dessas experiências no processo educativo, tornando a aprendizagem mais significativa e relevante.

Para Andrade (2021), além das Diretrizes Curriculares Nacionais, diversas bases legais vigentes estabelecem os fundamentos e os princípios da EJA no contexto brasileiro. Algumas das bases legais mais importantes incluem:

**Constituição Federal de 1988:** A Constituição Federal reconhece a educação como um direito de todos e um dever do Estado. Ela estabelece a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, independentemente da idade, reforçando o compromisso com a EJA.

**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/96):** A LDB define a EJA como uma modalidade de ensino destinada a jovens e adultos que não concluíram a educação básica na idade apropriada. Ela também prevê a flexibilidade curricular e a adaptação dos conteúdos para atender às necessidades desse público.

**Plano Nacional de Educação (PNE):** O PNE estabelece metas e estratégias para o desenvolvimento da educação no país, incluindo metas específicas para a EJA. Isso

envolve a ampliação do acesso, a redução do analfabetismo e a melhoria da qualidade do ensino.

Resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE): O CNE emite resoluções que complementam as diretrizes curriculares nacionais e orientam a implementação da EJA nos sistemas de ensino. Essas resoluções podem abordar questões como a organização dos currículos, a formação de professores e a avaliação dos alunos.

Em suma, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA e as bases legais vigentes fornecem um alicerce sólido para a educação de jovens e adultos no Brasil. Elas asseguram que a EJA seja uma modalidade de ensino inclusiva, flexível e comprometida com a formação integral dos alunos, preparando-os para serem cidadãos ativos e participativos na sociedade.

A promulgação, sem vetos, da Lei nº 13.005 em 25 de junho de 2014, marcou a entrada em vigor do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, tornando-se o segundo PNE aprovado por lei. O artigo 214 da Constituição Federal, conforme redação original, já previa a implementação legal do Plano Nacional de Educação. No entanto, a Emenda Constitucional (EC) nº 59/2009 trouxe aprimoramentos significativos, ao estabelecer sua duração como sendo de dez anos - anteriormente, o plano era plurianual - e ao aperfeiçoar seu propósito: articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para garantir a manutenção e desenvolvimento do ensino em suas diversas etapas, níveis e modalidades, por meio de ações integradas das diferentes esferas federativas.

Essas ações são fundamentais para alcançar os objetivos expressos nos incisos do artigo 214 da Constituição, que incluem a erradicação do analfabetismo, a universalização do atendimento escolar, a melhoria da qualidade do ensino, a formação para o trabalho, a promoção humanística, científica e tecnológica do país, bem como o estabelecimento de metas para a aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto.

### **2.3. Plano Nacional de Educação**

O Plano Nacional de Educação (PNE), regulamentado pela Lei nº 13.005/2014, desempenha um papel crucial como instrumento de planejamento em nosso Estado democrático de direito, orientando a implementação e o aprimoramento das políticas públicas na área educacional. Este texto resulta de amplos debates envolvendo diversos atores sociais e o poder público, estabelecendo objetivos e metas para o ensino em todos os níveis - desde a educação infantil até o ensino superior - que serão executados ao longo da próxima década. (Brasil, 2014)

Brasil, 2014 destaca que o PNE 2014-2024 contempla um conjunto de dez diretrizes, abrangendo questões como a erradicação do analfabetismo, o aprimoramento da qualidade da educação e, notavelmente, a valorização dos profissionais da educação, que representa um dos maiores desafios das políticas educacionais. De acordo com o artigo 7º dessa nova legislação, a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios devem colaborar em conjunto para atingir as metas estabelecidas e implementar as estratégias delineadas no texto.

O Plano Nacional de Educação é mais do que apenas um conjunto de diretrizes; é uma lei dinâmica que deve ser constantemente revisada, observada e seguida. O seu cumprimento está sujeito a um rigoroso monitoramento contínuo e a avaliações periódicas conduzidas por órgãos como o Ministério da Educação (MEC), as comissões de educação da Câmara e do Senado, o Conselho Nacional de Educação (CNE) e o Fórum Nacional de Educação. (Brasil, 2014)

Ainda segundo Brasil (2014), a promulgação, sem vetos, da Lei nº 13.005 em 25 de junho de 2014, marcou a entrada em vigor do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, tornando-se o segundo PNE aprovado por lei. O artigo 214 da Constituição Federal, conforme redação original, já previa a implementação legal do Plano Nacional de Educação. No entanto, a Emenda Constitucional (EC) nº 59/2009 trouxe aprimoramentos significativos, ao estabelecer sua duração como sendo de dez anos - anteriormente, o plano era plurianual - e ao aperfeiçoar seu propósito: articular o sistema nacional de

educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para garantir a manutenção e desenvolvimento do ensino em suas diversas etapas, níveis e modalidades, por meio de ações integradas das diferentes esferas federativas. (Brasil, 2014)

Essas ações são fundamentais para alcançar os objetivos expressos nos incisos do artigo 214 da Constituição, que incluem a erradicação do analfabetismo, a universalização do atendimento escolar, a melhoria da qualidade do ensino, a formação para o trabalho, a promoção humanística, científica e tecnológica do país, bem como o estabelecimento de metas para a aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto. (Brasil, 2014)

#### **2.4 Metas do PNE e a EJA**

A abertura do Plano Nacional de Educação, por meio dos resultados obtidos nas controvérsias realizadas em diversas instâncias organizacionais do país sobre o analfabetismo, sinalizou-se a necessidade de “[...] uma tomada de consciência quanto ao que significa, para um ser humano, chegar a um novo século, onde ciência e tecnologia organizam novas linguagens, novas formas de relações sociais e de participação no mundo” (II CONED, 1997, p. 50).

A Meta 10 tem a finalidade de “oferecer, no mínimo, 25% das matrículas de educação de jovens e adultos (EJA), nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional”. (Brasil, 2014)

Logo, a integração da educação de jovens e adultos com a educação profissional representa uma estratégia fundamental para assegurar o pleno exercício do direito à educação. Isso se dá ao considerar, em um único processo formativo, as necessidades específicas desses indivíduos que, por diversas razões sociais, tiveram que abandonar a escola em algum momento. Ao combinar a elevação da escolaridade, a formação geral (abrangendo a construção de conhecimentos em diversas áreas) e a formação profissional, esse percurso educativo atende às demandas imediatas desses estudantes, que buscam

a sustentação de suas vidas por meio do trabalho, ao mesmo tempo em que amplia suas oportunidades e capacita suas escolhas sociais enquanto cidadãos com direitos. (ANPAE, 2018)

Entretanto, a ANPAE (2018) sinaliza que apesar da importância social inegável dessa modalidade de ensino e da integração educacional, os dados revelam que enfrentamos desafios significativos para alcançar a meta mencionada acima. Conforme o Relatório do 1º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação: Biênio 2014-2016 (2016), em 2015, as matrículas na educação de jovens e adultos integrada à educação profissional representavam apenas 3% do total destinado à Educação de Jovens e Adultos, o que equivale a 106.154 estudantes. O mesmo relatório aponta que, considerando o Brasil como um todo, a maioria dessas matrículas estava concentrada na região Nordeste, em áreas urbanas, nas redes municipais e estaduais de educação, e entre os estudantes de 18 a 30 anos.

Já em 2016, de acordo com o Censo Escolar de 2016 (2017), as matrículas na educação de jovens e adultos totalizaram 3,4 milhões de estudantes, enquanto a modalidade integrada à educação profissional sofreu uma queda no número de matrículas, passando de 106 mil em 2015 para 96 mil em 2016. (ANPAE, 2018)

Segundo dados do Observatório do Plano Nacional de Educação (2017), as matrículas na educação de jovens e adultos integrada à educação profissional representavam 2,9% no Ensino Fundamental e 2,5% no Ensino Médio em 2017.

Esses números indicam claramente que há um longo caminho a percorrer para alcançar a meta de 25% de matrículas na educação de jovens e adultos integrada à educação profissional. No entanto, além dos desafios quantitativos, é crucial reconhecer que essa modalidade educacional carrega consigo diversas dívidas sociais com seus estudantes. Portanto, políticas compensatórias, abordagens educacionais desvinculadas de suas particularidades e financiamento insuficiente não serão suficientes para saldar essa dívida e garantir o pleno direito à educação para todos. (ANPAE, 2018)

**Figura 2.**

*Percentual de pessoas com 15 anos que não frequentam a escola*



Fonte: IBGE/Pnad Contínua. Elaboração: Todos Pela Educação.

Melo & Lima (2021) apontam em seus estudos que a EJA no contexto da meta 10 do PNE ainda não foi alcançada. Que se deve expandir a oferta de escolarização básica, oferecendo cursos que atendam as especificidades da população, garantindo acessibilidade, um currículo que valorize as experiências de vida e que falta política pública que garanta o acesso e a permanência escolar de jovens e adultos.

Dourado (2016, p. 35-36) afirma que:

[...] as lutas em prol do avanço das políticas públicas, incluindo a defesa do PNE como epicentro das políticas educacionais, envolvem a mobilização da sociedade civil organizada, visando tanto a propiciar elementos analíticos e propositivos quanto a superar a lógica histórico-política marcada por limites estruturais político-econômicos, culturais e pedagógicos à proposição e materialização dessas políticas, que contribuíram, historicamente, para a

construção de uma realidade excludente e seletiva, a despeito dos esforços e avanços históricos alcançados na última década.

Segundo avalia o Dourado (2016), para atingir a Meta 10, muitos esforços precisam ser executados:

A Meta 10, que visa a oferecer, no mínimo, 25% das matrículas de EJA, nos ensinos fundamental e médio, em forma integrada à educação profissional, aponta para importante direção formativa, ao buscar superar, ainda que de modo tímido, a dicotomia entre ensino fundamental e médio e educação profissional. Para sua implementação, faz-se necessário, por exemplo, a institucionalização e a formação de professores direcionadas à integração do ensino fundamental e médio à educação profissional. (Dourado, 2016, p. 30).

### **CAPÍTULO 3: O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO TARDIA DA MULHER**

Para melhor compreensão do processo de escolarização tardia da mulher, neste capítulo será abordado sobre as desigualdades de gênero no acesso à educação; sobre a política educacional de gênero; as características sociais, políticas e culturais das alunas mulheres da EJA; o impacto da EJA na vida das mulheres; e o empoderamento na jornada escolar para as mulheres.

#### **3.1. Desigualdades de Gênero no Acesso à Educação**

Nas últimas décadas, as mulheres brasileiras conquistaram espaços de trabalho nas mais diferentes áreas. Todavia, a condição geral dessas mulheres segue permeada por estigmas de opressão e desigualdade, provenientes de uma sociedade que foi estruturada no patriarcado. Com a imposição da colonialidade as mulheres foram

subjugadas através do sistema de gênero, reproduzido e entrelaçando as categorias de raça e classe, e fortalecendo o padrão de poder capitalista.

Para Sousa (2017, p.43) “além da questão econômica, existe a problemática ligada ao gênero (...) que facilitou ou naturalizou a utilização da mulher de diferentes segmentos econômicos como massa de manobra do sistema produtivo”.

Vieira (2017, p.54) mostra em seus estudos que a mulher ainda é discriminada na atual sociedade, uma problemática ainda bem visível:

São diversas as razões que contribuem com o afastamento dos estudos por parte das mulheres, razões que envolvem cerceamentos vindos da família, como o pensamento popular de que a mulher não precisa estudar; ingresso precoce no mercado de trabalho, casamento e filhos.

Percebe-se que as mudanças que ocorreram na sociedade nos últimos tempos são bem visíveis quando se trata do comportamento e aceitação das pessoas pertencentes ao gênero feminino. Há mais mulheres trabalhando, muitas se tornaram chefe de família e em conjunto, uma parcela considerável de mulheres está optando por voltar a estudar.

Ao analisar a presença das mulheres nas estruturas ocupacionais na conjuntura atual, Zientarski e Oliveira (2019, p. 265) afirmam que:

Contemporaneamente, é comum mulheres estarem em guetos profissionais, elas são majorias em profissões como: enfermeiras, professoras da educação básica e, principalmente, empregadas domésticas. Estas últimas carregam toda sorte de estigmas e preconceitos, o que representa o retrato mais fidedigno do trabalho precarizado, desregulamentado e que guarda o ranço da escravidão exercido em sua maioria por mulheres negras.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, homens e mulheres são iguais em direitos. Entretanto, a desigualdade de gênero no Brasil é uma realidade perigosa. Com o passar dos anos, as mulheres conseguiram alguns direitos como: votar, trabalhar fora de casa, concorrer a cargos públicos ou eletivos e até mesmo

governar um país, embora ainda exista uma grande diferença entre os seus direitos na teoria e o cumprimento efetivo das leis na prática. Mulheres brasileiras possuem menor remuneração, sofrem mais assédio, são mais sujeitas ao desemprego e estão sub-representadas na política. O feminicídio é tão frequente que o Brasil é o quinto país com maior índice de assassinatos de pessoas pelo fato de serem mulheres, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Os padrões de comportamento estabelecidos para homens e mulheres são distintos e ocasionam a construção de um código de conduta. Aos homens é atribuído um papel de maior poder, paternalista, onde eles, supostamente, sustentariam e protegeriam suas famílias, colocando a mulher em um papel de submissão. Com isso, a educação dos gêneros desde a infância é dirigida de forma diferente.

As questões de gênero desempenham um papel significativo no processo de escolarização tardia das mulheres, especialmente no contexto brasileiro e em muitas outras partes do mundo. A relação entre gênero e educação é complexa e multifacetada, e diversas questões influenciam a decisão das mulheres de buscar a educação em idade mais avançada.

Stecanela, Aliardi e Lorensatti (2014), historicamente, as mulheres enfrentam desigualdades de gênero no acesso à educação, sendo que em muitas sociedades, as oportunidades educacionais para as meninas eram limitadas, e elas eram frequentemente incentivadas a desistir da escola em idade jovem para se dedicarem a papéis domésticos e familiares. Isso resultou em altas taxas de analfabetismo e baixos níveis de escolarização entre as mulheres.

Ainda de acordo com os autores anteriormente citados, o reconhecimento do papel das mulheres na sociedade, que por muito tempo foi ignorado, gradualmente quebrou paradigmas e permitiu a descoberta de novos atores sociais. Isso, por sua vez, abriu portas para a inclusão das mulheres em uma ampla gama de oportunidades. No entanto, é importante destacar que a história das mulheres pode ser abordada de várias maneiras, e essas diversas perspectivas revelam sua participação ativa e significativa em eventos de

grande relevância, assim como em aspectos mais cotidianos de suas vidas. (Stecanela, Aliardi e Lorensatti 2014)

As mulheres têm desempenhado papéis essenciais em grandes revoluções e na busca por seus direitos ao longo da história. Ao mesmo tempo, enfrentaram desafios constantes ao equilibrar suas realidades pessoais com as expectativas sociais estabelecidas. Isso resultou em um constante confronto entre suas identidades individuais e os papéis socialmente definidos para elas. Esse embate pela diferença, que frequentemente implicava na redefinição dos papéis sociais, foi um aspecto fundamental da trajetória das mulheres ao longo do tempo. No decorrer da segunda metade do século XX, a sociedade passou por mudanças profundas e transformadoras, com um ritmo acelerado que resultou em impactos sem precedentes. Essas mudanças deram origem a debates significativos sobre diversas questões, incluindo identidade, gênero, etnia e sexualidade, que se intensificaram rapidamente e passaram a questionar as relações de poder estabelecidas.

Ao explorar as questões de gênero como tema de análise e reflexão, as contribuições de Scott (1995) desempenharam um papel fundamental na estruturação desta pesquisa. Seu estudo foi reconhecido como um marco histórico que ofereceu uma base epistemológica sólida para o conceito de gênero, definindo-o como um elemento intrínseco às relações sociais, fundamentado nas percepções das diferenças entre os sexos e como uma maneira fundamental de dar significado às relações de poder. Isso implica que o gênero está intrinsecamente relacionado às noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade, e essas noções estão enraizadas em relações de poder que, por sua vez, não são neutras. (Stecanela, Aliardi e Lorensatti 2014)

Essas mudanças profundas na sociedade deram origem a desafios e crises, resultando em novas dinâmicas e tensões sociais, étnicas e geracionais. Nesse novo contexto, as mulheres começaram a buscar e conquistar seu espaço, adotando diversas estratégias para se inserir plenamente na nova realidade da sociedade. Uma dessas estratégias foi a busca por uma educação mais ampla, muitas vezes retornando às salas

de aula para aprimorar suas habilidades e conhecimentos. Esse movimento visava não apenas a melhoria das condições de trabalho, mas também a realização pessoal, que muitas vezes havia sido adiada devido a várias circunstâncias. (Stecanela, Aliardi e Lorensatti 2014)

A importância da educação tornou-se cada vez mais evidente, sendo reconhecida como um direito fundamental para todos. No entanto, ainda existem pessoas que foram excluídas desse processo em algum momento de suas vidas, mesmo quando já eram adultas. Isso se reflete nos baixos níveis de escolaridade em algumas comunidades. Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) surge como uma alternativa crucial para promover a inclusão social, o avanço econômico e o fortalecimento da identidade das mulheres que buscam completar sua educação formal. (Stecanela, Aliardi e Lorensatti 2014)

A discussão acerca da importância da alfabetização das mulheres pertencentes às camadas mais desfavorecidas da sociedade tem ganhado destaque tanto em grandes conferências como nas políticas educacionais. De acordo com Rosemberg (2001, p. 516), uma coalizão composta por organizações multilaterais (como Unicef, Unesco, Unifem, Banco Mundial e OCDE), movimentos de mulheres e governos nacionais tem levantado a bandeira da ampliação do período de educação das mulheres, com o propósito de combater a pobreza e promover o desenvolvimento sustentável. Essa iniciativa reconhece a urgência de implementar políticas que tenham como objetivo a erradicação da discriminação contra as mulheres, o que inclui abordar as desigualdades de gênero que são reforçadas nos processos educacionais.

Como apontado por Coutinho (1994), as mulheres não apenas iniciaram sua educação mais tardiamente em relação aos homens, mas também receberam uma educação de qualidade inferior, frequentando predominantemente o Ensino Elementar. Nesse contexto, as mulheres emergem como protagonistas essenciais na manutenção da paz, segurança e progresso econômico e social. Elas também se tornam elementos-chave na estratégia educacional para combater a pobreza e o desemprego, contribuindo não

apenas para seu próprio benefício, mas também para o de seus filhos, como destacado por Rivero (1998, p. 27).

O Brasil, como signatário de várias conferências internacionais, tem se comprometido a promover a educação das mulheres como um meio de garantir a igualdade de acesso à educação para ambos os sexos. Embora o sistema educacional brasileiro tenha alcançado igualdade de oportunidades entre os sexos em relação ao acesso e à permanência, persistem desigualdades associadas à raça e à origem socioeconômica, conforme observado por Rosemberg (2001, p. 518).

O direito à educação é uma conquista histórica das mulheres brasileiras, obtida no século XIX. Apesar disso, a admissão massiva das mulheres no sistema educacional brasileiro só teve início a partir dos anos 1940. Como resultado, as taxas de alfabetização das mulheres são afetadas pela idade, com mulheres em grupos etários mais avançados apresentando maiores taxas de analfabetismo, especialmente na população feminina das camadas mais pobres, com mais de 40 anos, em comparação com os homens (Carvalho, 2000).

No Brasil, a educação continuada nem sempre é vista como uma prioridade, embora seja essencial para que as pessoas possam adquirir novos conhecimentos, algo fundamental em uma sociedade caracterizada por mudanças constantes e competitividade. Nos últimos anos, a procura por educação de jovens e adultos tem oscilado, apresentando desafios tanto para pesquisadores acadêmicos quanto para formuladores de políticas públicas. Nesse contexto, as políticas públicas destinadas a jovens e adultos, especialmente mulheres, deveriam enfatizar o atendimento às mulheres acima dessa faixa etária, em conformidade com o princípio constitucional que garante o direito à educação. No entanto, muitas vezes, deparamos com a falta de uma política nacional coesa que articule as diversas experiências, projetos e iniciativas relacionadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Como resultado, essa diversidade muitas vezes se traduz em ações fragmentadas e desarticuladas que não se consolidam efetivamente em políticas de EJA (Soares, 2001, p. 206).

De acordo com Costa, Rosa & de Azevedo Canci (2024, p.35):

O acesso à educação pelas mulheres faz parte do rol de direitos sociais e, portanto, se torna alvo das políticas públicas estatais, de maneira que a instrução e conscientização da necessidade de ocupação por mulheres em espaços sociais antes não permitidos, se dá através desse caminho. Ao longo da história, a educação teve um papel fundamental nessa realização, percebendo-se uma guinada na posição ocupada pelas mulheres no espaço público da sociedade.

Ao analisar as políticas públicas voltadas para mulheres jovens e adultas no Brasil, Rosemberg (2001) destaca a importância de usar a categoria de gênero como um instrumento de análise e compreensão da estrutura do sistema educacional brasileiro. No entanto, ela também observa a falta de estudos significativos sobre esse tópico.

Carvalho (2000) corrobora com essa análise e enfatiza a necessidade de pesquisas que abordem as políticas educacionais relacionadas a jovens e adultos sob a perspectiva de gênero.

Ademais, abaixo são destacadas as principais causalidades sobre a educação tardia de mulheres:

✓ **Disparidade nas Taxas de Matrícula:** No início do século XX, observou-se um aumento nas taxas de matrícula de mulheres brasileiras no ensino médio e superior, porém, esse crescimento foi significativamente menor em comparação com os homens.

✓ **Limitações na Pesquisa de Gênero e Educação:** Uma análise recente sobre a pesquisa acadêmica brasileira identificou que as investigações relacionadas a gênero e educação ainda são limitadas e carecem de maior aprofundamento e diversidade temática.

✓ **Ataques à Educação de Gênero e Sexualidade:** No Brasil, tem havido relatos de ataques à educação de gênero e sexualidade, com esforços para proibir sua inclusão nas escolas municipais e estaduais. Entretanto, a legislação e as diretrizes

brasileiras preveem a educação sobre gênero e sexualidade, reconhecendo o direito das crianças à educação sexual abrangente, conforme os princípios do direito internacional.

✓ **Desafios para Estudantes Trans e Minorias Sexuais:** Apesar das conquistas para mulheres cisgênero, estudantes trans e outras minorias sexuais ainda não se sentem plenamente incluídos nos ambientes escolares brasileiros.

✓ **Sub-representação de Mulheres em Ciência e Tecnologia:** Uma análise da presença de gênero na pós-graduação brasileira revelou que as mulheres são sub-representação nas áreas de ciência e tecnologia.

As mulheres, integrantes de um processo de escolarização que prioriza a ação cultural para liberdade, a importância do ato de ler, a criticidade e a contextualização do aprendizado, tornam-se agentes de transformação das suas próprias realidades, na medida em que esse processo se consolida e elas assumem posições que as colocam em patamares de equidade e igualdade entre gêneros, impactando de forma direta na melhoria da saúde familiar e na promoção da participação democrática, uma vez que podem aumentar as possibilidades de autonomia e escolha.

### **3.2. Política Educacional do Gênero**

A política educacional de gênero abrange um conjunto de estratégias, diretrizes e ações implementadas em sistemas educacionais com o objetivo de promover a igualdade de gênero e combater a discriminação e desigualdades de gênero no contexto da educação. Essas políticas visam criar um ambiente educacional inclusivo e equitativo, onde todas as pessoas, independentemente de seu gênero, tenham oportunidades iguais de acesso à educação e de alcançar seu pleno potencial.

De acordo com Vianna e Unberhaum (2004), a interseção entre relações de gênero e educação ganhou destaque nas pesquisas educacionais por volta da década de 1990. Isso também se aplica ao estudo da sexualidade de maneira mais ampla. No entanto, essas

pesquisadoras apontam que as reflexões sobre o impacto das atuais políticas educacionais e suas consequências na reprodução das desigualdades de gênero não foram suficientemente desenvolvidas. Portanto, é necessário realizar estudos que analisem essas políticas de forma crítica e cuidadosa, uma vez que, como destacam as autoras, a avaliação sistemática das políticas públicas educacionais pode ser um valioso recurso para compreender as desigualdades de gênero. (Leão & Ribeiro, 2023).

Segundo Saffioti (2015), o conceito de gênero no Brasil se disseminou rapidamente na década de 1990. A partir do final dos anos 1980, circulava uma cópia do artigo de Joan Scott que abordava o gênero como uma categoria de análise histórica. Traduzido, esse conceito se difundiu de forma rápida e abrangente.

Para Scott (1995), o gênero é constitutivo das relações sociais e representa uma forma primária de demonstração e imposição de poder. Martinez (2011, p. 254), ao analisar a definição de Scott, destaca duas partes inter-relacionadas, mas analiticamente diferenciadas: "1. O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; 2. Gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder".

A primeira parte da definição visa esclarecer como o gênero afeta as relações sociais e institucionais, incluindo quatro elementos que Martinez (2011, p. 254) classifica a partir da análise de Scott (1995):

- a) "Símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e frequentemente contraditórias)", como Eva e Maria, mitos de luz e escuridão, entre outros.
- b) "Conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas". Esses conceitos estão presentes em doutrinas religiosas, educacionais, científicas, políticas e jurídicas e frequentemente assumem a forma de uma oposição binária fixa, categoricamente definindo o significado do masculino e do feminino.

c) "A noção de fixidez (...) que leva à aparência de uma permanência intemporal na representação binária do gênero". Scott destaca que o gênero não é apenas construído nas relações de parentesco, mas também na economia e na organização política.

d) A noção de identidade subjetiva, que envolve entender como as identidades de gênero é construída pelos indivíduos e relacioná-las com atividades, organizações e representações sociais historicamente específicas.

Na segunda parte da definição, Scott (1995, p. 88) teoriza o gênero como "um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado". Ela explica que o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Scott, baseando-se em Foucault, compreende o poder como uma "relação" e não como um elemento que se possui ou detém. Dessa forma, a análise de Scott (1995) permite pensar o processo histórico como um complexo jogo de apropriação e reprodução/recriação das relações de dominação entre os sexos, no qual o poder desempenha um papel central.

Conforme observado por Bucci (2001), políticas educacionais são ferramentas organizacionais geralmente promovidas pelos órgãos governamentais com o propósito de assegurar a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Segundo Libâneo (2016, p. 49), as políticas oficiais para a educação em nosso país atualmente se orientam em duas direções complementares, alinhadas com as estratégias de combate à pobreza e voltadas para a manutenção da competitividade no contexto da globalização e diversificação dos mercados. Ele enfatiza que essas políticas visam conscientemente atender à diversidade social e, de certa forma, compõem as estratégias de educação voltadas para a redução da pobreza. (Leão & Ribeiro, 2023).

O perfil das mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é variado e multifacetado, refletindo a diversidade de experiências e trajetórias de vida desse grupo. Não há um único perfil que abranja todas as mulheres na EJA, mas é possível destacar

algumas características comuns que frequentemente são identificadas, de acordo com Carvalho (2021):

**Idade Variada:** As mulheres na EJA abrangem uma ampla faixa etária, desde jovens até idosas. Muitas vezes, mulheres mais jovens buscam a EJA para completar sua educação formal, enquanto outras retornam à escola mais tarde na vida, após um hiato na educação.

**Variedade de Motivações:** As motivações para ingressar na EJA podem variar amplamente. Algumas mulheres buscam a EJA para obter melhores oportunidades de emprego, enquanto outras têm o objetivo de concluir o ensino médio ou até mesmo de cursar o ensino superior.

**Experiências de Vida Diversas:** As mulheres na EJA podem vir de diferentes contextos sociais e econômicos. Algumas podem enfrentar desafios adicionais, como responsabilidades familiares, enquanto buscam a educação.

**Diversidade Cultural:** O perfil das mulheres na EJA também reflete a diversidade cultural do Brasil, com mulheres de diferentes origens étnicas e culturais buscando oportunidades educacionais na EJA.

**Objetivos Pessoais:** Muitas mulheres na EJA têm objetivos pessoais relacionados ao seu desenvolvimento pessoal e empoderamento. Elas buscam adquirir conhecimento e habilidades que possam melhorar suas vidas e seu papel na sociedade.

**Desafios e Superações:** Algumas mulheres na EJA podem enfrentar desafios adicionais, como a superação de estigmas sociais, discriminação de gênero e barreiras socioeconômicas. No entanto, muitas delas demonstram grande resiliência ao enfrentar esses obstáculos.

### **3.3. As Características Sociais, Políticas e Culturais das Alunas Mulheres da EJA**

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), é frequente encontrar jovens, adultos e idosos com percursos educacionais não lineares. Com relação aos jovens, é evidente um desencanto em relação à educação regular, como enfatizado por Brunel

(2004, p. 9). Ele observa que muitos jovens que chegam à EJA estão desmotivados, desiludidos com a escola convencional, com históricos de repetição de um, dois, três anos ou mais. Muitos deles se sentem perdidos em relação ao contexto atual, especialmente no que diz respeito ao emprego e à importância do estudo em suas vidas e inserção no mercado de trabalho.

Brunel (2004, p. 9) também aponta que "o número de jovens e adolescentes nesta modalidade de ensino cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações estabelecidas entre os sujeitos que ocupam esse espaço." Nos últimos anos, o perfil dos alunos da EJA tem evoluído, não se restringindo mais apenas àqueles que nunca frequentaram a escola. Nas classes da EJA, é cada vez mais comum encontrar jovens que tiveram uma passagem breve e com interrupções em sua educação formal. Além disso, os alunos da EJA estão se tornando cada vez mais jovens.

O documento base nacional preparatório para a VI Conferência Internacional de Jovens e Adultos (Confinteia) sugere uma abordagem que valoriza a diversidade dos alunos da EJA, reconhecendo as diferenças que os distinguem uns dos outros - sejam mulheres, homens, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais, indígenas, afrodescendentes, descendentes de diferentes origens étnicas, entre outros. Essa diversidade abrange diferentes formas de ser, viver e pensar, que muitas vezes entram em tensão. No entanto, os sujeitos da diversidade buscam dialogar ou, pelo menos, negociar propostas políticas a partir de suas diferenças, visando à inclusão de todos, respeitando suas especificidades sem comprometer a coesão nacional ou os direitos garantidos pela Constituição (Brasil, 2008, p. 14).

Além disso, esse documento destaca a EJA como um espaço de relações intergeracionais, onde ocorre o diálogo entre diferentes conhecimentos e a compreensão e reconhecimento das experiências e sabedoria das culturas dos jovens, adultos e idosos (Brasil, 2008, p. 14).

De acordo com Dias et al. (2016, p. 50), "os sujeitos destinatários da pedagogia da EJA apresentam características que vão além da não infância, baixa escolaridade e

pertencimento às camadas populares." Como observado em estudos de campo, algumas jovens da EJA são mães e têm responsabilidades relacionadas ao trabalho e à administração do lar. Portanto, a crescente presença de jovens na EJA tem gerado novas demandas que requerem uma abordagem cuidadosa por parte da escola, considerando essas singularidades dentro do contexto da diversidade.

Ao trazer um aprofundamento sobre as características na EJA, Alves (2019) aponta que diversos fatores têm sido identificados como determinantes que motivaram ou forçaram essas mulheres a abandonarem a escola em um momento considerado "apropriado". No entanto, neste contexto, vou focar nos aspectos observados dentro da sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e nas narrativas dessas mulheres em seu dia a dia escolar.

Ainda segundo Alves (2019), o machismo e a misoginia presentes na vida dessas mulheres emergem como fatores cruciais para reflexão. Muitas delas eram impedidas de frequentar a escola por seus maridos, que as responsabilizavam pelo trabalho doméstico, enquanto eles se ocupavam do sustento da família e da busca por educação. Os ciúmes por parte dos maridos também desempenhavam um papel, pois temiam que as mulheres ao sair de casa fossem influenciadas a buscar independência e empoderamento. Para algumas dessas mulheres, a violência física e psicológica era uma realidade constante, alimentando o medo de seus companheiros, que exerciam controle sobre elas e as confinavam em casa, privando-as de socialização, emprego e educação. (Alves, 2019)

A autora Alves (2019) aponta que outro fator limitante era o preconceito relacionado à aprendizagem em ritmos diferentes ou à aparência física das pessoas. Conforme relatado pelas mulheres em minha turma de estágio, muitas delas enfrentaram discriminação devido a sua aparência física, peso, tamanho ou qualquer característica que as diferenciava da suposta "normalidade".

A condição socioeconômica também representava um obstáculo significativo para o acesso à educação. Muitas famílias deixaram suas cidades natais em busca de oportunidades melhores, mas frequentemente enfrentaram dificuldades para conseguir

emprego e moradia estável. Casais com muitos filhos precisavam contar com a contribuição dos filhos para complementar a renda familiar, colocando a educação em segundo plano devido à falta de recursos financeiros para deslocamento, alimentação e materiais escolares.

Alves (2019) ressalta que historicamente, a escola foi caracterizada como um privilégio para determinados grupos, perpetuando exclusão legitimada por políticas e práticas educacionais que refletiam a estrutura social. Mesmo com a democratização da escola, a contradição entre inclusão e exclusão persiste, à medida que sistemas de ensino ampliam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos que não se encaixam nos padrões homogeneizadores da escola.

Essas barreiras resultam em injustiça social, vulnerabilidade e expectativas rebaixadas em relação à vida familiar, escolar, profissional, esportiva e de lazer, colocando essas pessoas em desvantagem. Portanto, é crucial reavaliar o que está sendo feito e o que está sendo negligenciado na escola. Como apontado por Louro (1997), a escola não apenas transmite conhecimento, mas também molda identidades étnicas, de gênero e de classe. Devemos reconhecer que a escola está intrinsecamente envolvida na manutenção de uma sociedade dividida e, como tal, é uma prática política que pode ser transformada para promover equidade, onde meninos e meninas desfrutam dos mesmos direitos e oportunidades. (Alves, 2019)

### **3.4. O Impacto da EJA na Vida das Mulheres**

É essencial que as instituições de ensino compreendam profundamente os motivos que levaram os alunos a abandonarem a escola em algum momento de suas vidas, bem como as razões e expectativas que os impulsionam a retornar aos estudos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A partir desse entendimento, as escolas podem desenvolver um planejamento educacional específico para atender às necessidades desses estudantes. Como destacado por Gonçalves (2014, p.11), "os alunos têm diferentes

objetivos ao ingressar, permanecer ou não concluir a escola, e o objetivo principal nem sempre é a busca por certificações ou conclusão formal".

De acordo com Ferreira (2020) a elaboração de um planejamento escolar eficaz não se limita à aquisição de informações sobre os alunos, mas também deve criar condições para que a instituição ofereça um ambiente de aprendizado diferenciado, com práticas educacionais que promovam o prazer de aprender. Isso é particularmente relevante na EJA, que historicamente enfrentou desafios significativos e é marcada por uma história de negação.

Nesse sentido, é fundamental que a EJA ofereça condições e oportunidades para que a evasão e a desmotivação não sejam problemas recorrentes nessa modalidade de ensino. Conforme observa Cittadin (2015, p. 15), "um dos desafios atuais das escolas é assegurar que os jovens e adultos permaneçam no sistema de ensino formal, concluam sua educação básica e, eventualmente, ingressem no ensino superior".

Vale ressaltar que os motivos que levam os alunos a desistirem da educação formal são variados e incluem fatores objetivos e subjetivos. Alguns estudantes interrompem seus estudos após alcançarem metas pessoais simples, como aprender a assinar seus próprios nomes ou adquirir habilidades básicas de leitura e escrita (Gonçalves, 2014, p.14). Portanto, compreender essas motivações diversificadas é crucial para criar estratégias educacionais eficazes na EJA e garantir que todos os alunos possam atingir seus objetivos educacionais, sejam eles quais forem. (Ferreira, 2020)

Rieger e Jesus (2011. p. 168) destacam algumas razões que estimulam mulheres a voltarem aos estudos:

Uma característica frequente das mulheres que ingressam numa sala de EJA é sua baixa autoestima muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar, ou até mesmo a solidão de ficar em casa enquanto os outros membros da casa estão estudando, ou trabalhando, quando retornam estão cansados e não lhe dão a atenção devida. Essas mulheres retornam à sala de aula revelando uma autoimagem fragilizada expressando

sentimento de insegurança e desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem.

De acordo com os resultados de uma análise educacional específica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) realizada pelo IBGE, no que diz respeito à segmentação por gênero, foi observado que, do total de indivíduos que estavam atualmente frequentando ou haviam frequentado anteriormente a Educação de Jovens e Adultos (EJA), 53% eram do sexo feminino, enquanto 47% eram do sexo masculino. Em relação à renda, a maior parcela das pessoas que estavam matriculadas na EJA na época da pesquisa pertenciam à faixa de rendimento de até  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo (3,0%), seguida por aquelas que não possuíam renda alguma (2,6%). Quanto à autodeclaração racial, a maioria dos alunos da EJA se identificava como pardos (47,2%), seguidos pelos brancos (41,2%), negros (10,5%) e outros grupos raciais (1,1%).

Com base nos dados fornecidos pelo IBGE, é possível constatar que a maioria dos estudantes matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA) são mulheres, o que destaca a relação significativa entre as questões de gênero e a EJA.

Refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) requer uma análise particularizada da participação das mulheres, que historicamente foram vítimas de uma longa trajetória de exclusão educacional no Brasil. Suas jornadas foram predominantemente caracterizadas pela submissão aos papéis de gênero tradicionais. Embora tenham lutado por seu espaço na sociedade, as mulheres continuam enfrentando desafios na busca por seus direitos. Portanto, ao discutir a presença das mulheres na EJA, é fundamental compreender que as questões de gênero são construídas social e culturalmente, sendo parte intrínseca da sociedade, com raízes históricas profundas.

Esse contexto remete à história da educação no Brasil, marcada pela sistemática negação do acesso à escolarização, sobretudo para as mulheres, como mencionado anteriormente. Historicamente, a inserção das mulheres na educação brasileira aconteceu tardiamente, com um foco inicial na formação de mulheres de classes privilegiadas. Mesmo

nesse cenário, poucas conseguiram avançar para o ensino superior, ampliando as disparidades baseadas em papéis de gênero socialmente definidos.

A educação para mulheres, em particular para as mulheres comuns, donas de casa e trabalhadoras, sempre foi uma prioridade menor para o Estado brasileiro. As mulheres enfrentam dificuldades diárias para acessar a educação, muitas vezes devido à sobrecarga de trabalho, especialmente com os cuidados com os filhos, o que dificulta sua permanência na escola.

Avanços significativos só começaram a ser percebidos durante o processo de redemocratização do país nos anos 1980, impulsionados pelos movimentos de mulheres e organizações internacionais como a UNICEF e a UNESCO. Essas entidades passaram a defender um maior espaço e incentivo à educação das mulheres na EJA como um meio fundamental para superar as desigualdades sociais e de gênero. Isso foi especialmente importante para as mulheres que viviam na pobreza e na dependência masculina.

O retorno à escola se tornou um elemento essencial para enfrentar a pobreza e o desemprego, bem como um meio de emancipação e melhoria nas condições de vida. Esse retorno à educação desafia a EJA a se adaptar e a mudar sua estrutura, considerando a realidade das mulheres, jovens e adultas de famílias pobres, com pais analfabetos e trabalhos não qualificados. Muitas dessas mulheres tiveram que abandonar os estudos precocemente para cumprir papéis tradicionais de gênero, como trabalho doméstico e cuidado com crianças.

De acordo com Bastos (2017) a vida das estudantes da EJA é marcada pelo trabalho doméstico. No âmbito do trabalho doméstico remunerado para sustentar a si e a sua família e do trabalho doméstico não remunerado que desenvolve em seu meio familiar. Com o dia a dia, rodeado de tanto trabalho, estas mulheres têm pouco tempo disponível para se dedicar a escolarização que é a principal forma delas superarem a condição de pobreza em que estão inseridas. Estas mulheres desempenham trabalho, dentro e fora de casa, que exige grande esforço físico e o cansaço acaba fazendo com que a pessoa se afaste do ambiente escolar (Bastos, 2017).

Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas na EJA, as mulheres têm buscado superar as barreiras das desigualdades, especialmente as de gênero. Isso lhes permite ampliar sua visão de mundo, manter-se atualizadas e participar de forma mais ativa nos espaços de cidadania. Em última análise, as mulheres na EJA estão desempenhando um papel fundamental na transformação da sociedade e na luta pela igualdade de gênero.

### **3.5. Empoderamento na Jornada Escolar para as Mulheres**

Ao tratar o conceito de empoderamento, fazemos referência ao entendimento de Rappaport, conforme citado por Perkins e Zimmerman (1995, p. 31), que define o empoderamento como uma construção que se baseia nas forças e competências individuais. Nesse contexto, o indivíduo busca efetuar mudanças tanto em sua esfera pessoal quanto na sociedade como um todo. A pesquisa sobre empoderamento, de maneira similar, concentra-se na capacidade identitária, priorizando-a em vez de focar em fatores de risco ou explorar influências problemáticas do ambiente social, evitando culpar as vítimas.

Perkins e Zimmerman (1995, p.31) afirmam que:

O empoderamento é uma construção que liga forças e competências individuais, sistemas naturais de suporte e comportamento proativo no âmbito das políticas e mudanças sociais (Rappaport, 1981, 1984). A pesquisa e a intervenção da teoria do empoderamento unem o bem-estar individual ao meio político e social mais amplo. Teoricamente, a construção une a saúde mental à ajuda mútua e luta para criar uma resposta comunitária. Isso nos obriga a pensar em termos de bem estar versus doença, competência versus déficits e força versus fraqueza. Da mesma forma, a pesquisa sobre empoderamento centra-se na identificação de capacidade, em vez de enfatizar fatores de risco e explorar influências problemáticas do meio social ou em vez de culpar as vítimas.

Portanto, o empoderamento deve ser compreendido como um processo ou ação em que cada indivíduo busca assumir o controle de sua própria vida em colaboração com os demais, contribuindo assim para mudanças e transformações nas relações sociais. É fundamental reconhecer que o empoderamento está intrinsecamente ligado à estrutura das relações de poder, e sua efetivação é parte da ação do sujeito.

Inicialmente, o termo "empoderamento" ganhou destaque nos movimentos sociais dos Estados Unidos, onde se travava uma luta pela emancipação de grupos marginalizados e pela cidadania de comunidades segregadas, tais como mulheres, negros, homossexuais e pessoas com deficiência (Baquero, 2012). Posteriormente, o conceito de empoderamento foi aplicado ao contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde proporcionou às alunas uma maior compreensão da importância dessa modalidade de ensino. A EJA se tornou uma ferramenta de empoderamento, oferecendo a oportunidade de aprimorar a educação e, assim, possibilitando mudanças e transformações significativas em suas realidades.

Infelizmente, a EJA muitas vezes é marcada por preconceitos e estigmas, sendo erroneamente percebida como uma opção educacional para aqueles que abandonaram a busca pelo conhecimento e agora buscam uma "segunda chance". Isso muitas vezes resulta em uma desvalorização dessa modalidade educacional.

Arroyo (2006, p.30) ressalta que:

[...] no meu entender, os jovens e adultos que frequentam a EJA são a expressão do que eu chamaria esse entrelaçado entre direito à educação e os direitos humanos básicos. Diria ainda que desses jovens e adultos vêm, nesse entrelaçado, as interrogações mais instigantes para a recolocação da educação no campo dos direitos.

Xavier (2021) enfatiza que as alunas que frequentam a modalidade de ensino EJA trazem consigo uma variedade de características singulares, incluindo diversas origens culturais e as marcas deixadas pela violência ao longo de suas vidas. O objetivo primordial da educação EJA é ampliar as oportunidades de educação para esses jovens e adultos,

especialmente quando consideramos os motivos que os levaram a abandonar a escola regular durante a infância ou adolescência.

A autora ressalta que é crucial refletir sobre como esses fatores impactaram na permanência dessas alunas na educação e de que maneira a violência doméstica desempenhou um papel em alguns casos, impedindo que esses indivíduos retornassem ao ensino regular nas escolas. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), nesse contexto, emerge como um novo e único caminho para reacender os sonhos que haviam sido deixados de lado (Xavier, 2021).

Outro aspecto relevante nos dias atuais é ouvir das alunas da EJA as razões que as levaram a desistir dos estudos. Muitas delas apontam para os marcadores sociais historicamente estabelecidos, que ao longo do tempo têm moldado relações de gênero diferenciadas e exercido influência direta nas trajetórias educacionais de cada indivíduo (Xavier, 2021).

Alves (2019), em seu Trabalho de Conclusão de Curso, "Trajetória de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no empoderamento feminino", enfatiza que o empoderamento feminino também é chamado de "empoderamento de mulheres" e este consiste no ato de criar formas de participação social para as mulheres, lhe dando voz e vez para se posicionarem nos diferentes espaços da sociedade. O movimento de empoderar-se é lutar a favor dos direitos das mulheres para que elas possam participar ativamente dos debates e tomadas de decisões que ocorrem nos espaços políticos, sociais e econômicos, principalmente quando o assunto abordado for de cunho feminista.

Ainda de acordo com Alves (2019) é essencial que o conceito de empoderamento seja trabalhado no ambiente escolar, porque este é um espaço que tem responsabilidade social com os sujeitos que estão inseridos nele. O empoderamento feminino não é uma construção interna, individual. Ele faz com que as mulheres se reúnam em benefício dos seus direitos, se ajudem entre si indo ao encontro de todas as formas de liberdade para se conseguir uma sociedade mais justa e igualitária para todas e todos.

Vieira (2017, p.54) mostra em seus estudos que a mulher ainda é discriminada na atual sociedade, uma problemática ainda bem visível:

São diversas as razões que contribuem com o afastamento dos estudos por parte das mulheres, razões que envolvem cerceamentos vindos da família, como o pensamento popular de que a mulher não precisa estudar; ingresso precoce no mercado de trabalho, casamento e filhos.

Às vezes a própria fala da mulher traz em si um discurso de que o trabalho relacionado ao cuidado do lar e dos filhos e filhas é uma obrigação feminina e o homem é um mero ajudante caso ele queira, tirando de seus ombros toda e qualquer responsabilidade acerca de sua família e filhos e filhas e sobrecarregando a mulher que além de trabalhar fora de casa, cuida da casa e é estudante (Bastos e Eiterer, 2017).

Durham (2003) destaca que “marcadores de gênero são os marcados sociais caracterizados pelo gênero ou pelo sexo, que contribuem para a construção de uma sociedade masculina dominante”.

As mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas, haja visto que, somente no século XIX, elas começam a frequentar as escolas mistas. Entretanto no Brasil, a democratização do acesso à escola beneficiou as mulheres de uma classe social elevada e residente no meio urbano. Para as mulheres da periferia e do campo restará apenas o trabalho do lar ou o trabalho que se apresentasse como complemento da renda familiar.

## **FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA**

---

### **CAPÍTULO 4: METODOLOGIA DA PESQUISA**

Este capítulo discorre, detalhadamente, a metodologia da investigação, o método, o enfoque da pesquisa, assim como as técnicas e os procedimentos apropriados para a realização deste estudo científico. Sendo assim, é de suma importância definir a metodologia que delineará todo o processo desta investigação.

Para elucidar com mais solidez o desenho metodológico da pesquisa, busca-se primeiramente conceituar os aspectos que fornecerão alicerce ao seu planejamento e a sua organização, como o método e a metodologia.

Para Prodanov e Freitas (2013, p. 14) metodologia “é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos da sociedade”.

Segundo Campoy (2019, p. 39):

Cuando se habla de investigación para dar respuesta a unas preguntas, a um problema, se está refiriendo a que ésta se encuadra dentro de un enfoque filosófico; que utiliza procedimientos, métodos y técnicas que han pasado por el control de validez y fiabilidad, y que está diseñada desde un planteamiento lo más objetiva posible.

Para Kauark, Manhães & Medeiros (2010, p. 66) o método é “um conjunto de etapas ordenadamente dispostas a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim”.

E nas palavras de Gil (2017, p.17), o método de pesquisa é “como procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Diante desses conceitos é possível concluir que o método e a metodologia se entrecruzam com a intenção de planejar e organizar o estudo, pautado em uma linha de raciocínio capaz de alcançar os objetivos propostos.

#### **4.1. Problema da Pesquisa**

A Educação de Jovens e Adultos enquanto modalidade educacional atende estudantes que não tiveram acesso a escolaridade na idade própria, pois vários motivos fizeram com que os mesmos não tivessem condições de estar na escola no período considerado adequado. Pensando no acesso ao ambiente escolar, dentre os estudantes da EJA encontram-se as mulheres que segundo Souza (2019) elas têm menos

oportunidades ainda, pois, desde muito cedo, precisam abraçar suas casas e famílias, ou então, trabalhar para garantir o sustento e completar a renda. A mulher vive entre o trabalho e a formação escolar, enfrentando o grande desafio de cumprir a jornada de trabalho fora e, em casa, nos cuidados domésticos.

Uma pesquisa realizada pelo IBGE (2019), constatou que 53% dos estudantes da EJA são mulheres. Essas mulheres possuem os mais variados perfis: diversas idades, origens e histórias de vida. São elas: mães, solteiras, avós, viúvas, casadas, trabalhadoras, responsáveis pelo lar, desempregadas, e daí por diante. Mas todas possuem algo em comum: o desejo de aprender, de estudar, mesmo com todos os desafios à frente.

A educação tem um papel importante e determinante para a emancipação da mulher como uma possibilidade de melhorar de vida, de crescimento e empoderamento. Logo a escola se configura como uma possibilidade de superação da exclusão. Sendo assim, cada vez mais as mulheres buscam retomar a trajetória escolar para alcançar os seus objetivos, nos diversos níveis de ensino, como forma de reinserção no convívio social e profissional.

Para Rieger e Jesus (2011), as mulheres, com a ajuda da educação escolar, estão deixando o papel de indivíduo submisso e procuram ampliar o seu lugar na sociedade, além de lutar para realizar as próprias vontades e pela igualdade de gênero tanto nas escolas quanto nos trabalhos.

Xavier (2021) enfatiza que as alunas que frequentam a modalidade de ensino EJA trazem consigo uma variedade de características singulares, incluindo diversas origens culturais e as marcas deixadas pela violência ao longo de suas vidas. O objetivo primordial da educação EJA é ampliar as oportunidades de educação para esses jovens e adultos, especialmente quando consideramos os motivos que os levaram a abandonar a escola regular durante a infância ou adolescência.

Diante do contexto exposto, se faz os seguintes questionamentos: Qual o perfil das estudantes concluintes da EJA? Quais os fatores que contribuem e dificultam a permanência das estudantes na EJA? Quais as perspectivas das estudantes ao concluir o

ensino médio por meio da modalidade EJA? Logo, a questão norteadora desta pesquisa é: De que maneira acontece a permanência das mulheres da 2ª etapa do Ensino Médio EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo?

#### **4.2. Justificativa da Pesquisa**

Ao longo do processo e das trocas diárias em sala de aula, percebeu-se que as alunas que frequentam a EJA trazem várias características singulares, culturas diversas, marcas de violências sofridas no decorrer de suas vidas, são estudantes das periferias, dos campos, pobres, negras, indígenas, trabalhadoras que muitas vezes levavam os seus filhos porque não tinham com quem deixar em casa, ou até mesmo para que seus filhos tivessem acesso a merenda escolar, entre muitos outros motivos.

Para o Conselho Nacional de Educação - CNE, a EJA é uma modalidade do ensino fundamental e médio que possibilita recuperar anos de estudo a muitas pessoas que não tiveram acesso à educação formal em idade regular (Brasil, 2008).

De acordo com Oliveira (2018, p. 4):

A curta permanência na escola de um expressivo número de alunas constitui um dos principais problemas educacionais brasileiros. Esta curta permanência é traduzida em dados de abandono e evasão. Inúmeras pesquisas evidenciam a temática da evasão escolar, expressando a preocupação e o esforço em reduzir suas altas taxas. O contexto de dificuldades para permanecer na escola é um elemento comum na modalidade de EJA, seja devido à falta de flexibilidade em relação aos horários, ao cansaço do trabalho, às dificuldades resultantes dos anos fora da escola, ou tantos outros motivos. Para tal, não podemos desprezar aquelas que permanecem, pois embora estejam nas taxas menos expressivas, agregam os números da provável eficácia do sistema educativo.

Logo, é de suma relevância compreender as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao adentrarem no espaço escolar de Educação de Jovens e Adultos, ressaltando como elas enfrentam e contornam todos os desafios para darem conta de todas as tarefas da vida, conciliando com o processo de aprendizagem e sua permanência na escola.

Além de evidenciar que a política de acesso e permanência na Educação de Jovens e Adultos para as mulheres é necessário para lhes conceder as oportunidades para vencerem os desafios e seguirem sua formação profissional. Destaca-se ainda, que na base de suas expectativas se configura o engajamento de uma docência com compromisso com outras mulheres que precisam concluir a Educação Básica.

#### **4.3. Objetivos da Pesquisa**

Os objetivos da pesquisa têm o intuito esclarecer e descobrir o que o pesquisador pretende desenvolver, desde a fundamentação teórica até aos resultados a serem alcançados.

De acordo com Campoy (2019), os objetivos têm uma função orientadora, uma vez que direcionam toda a trajetória da pesquisa. Sendo assim, os objetivos são as etapas que se constituem nas metas a serem alcançadas no desenvolvimento da pesquisa, aprofundando significativamente o conhecimento.

A seguir, apresenta-se o objetivo geral e os objetivos específicos deste estudo.

##### **4.3.1. Objetivo Geral**

Analisar o processo de permanência das mulheres da 2ª etapa do Ensino Médio EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo.

##### **4.3.2. Objetivos Específicos**

1. Caracterizar o perfil das estudantes da EJA, considerando suas condições, socioeconômica e familiar.

2. Identificar os fatores que dificultam e fatores que contribuem para a permanência das estudantes na EJA.

3. Descrever as perspectivas futuras das estudantes ao concluir o processo de escolarização do ensino médio por meio da modalidade EJA.

Na Tabela 1, expõem-se as perguntas para os participantes, de acordo com os objetivos da pesquisa.

**Tabela 1.**

*Perguntas e objetivos da pesquisa*

OBJETIVO GERAL	Analisar o processo de permanência das mulheres da 2ª etapa do Ensino Médio EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERGUNTAS
Caracterizar o perfil das estudantes da EJA, considerando suas condições, socioeconômica e familiar.	1. Qual a sua idade?
	2. Qual a sua cor?
	3. Qual o seu estado civil?
	4. Tem filhos? Quantos?
	6. Qual a renda mensal da sua família?
	7. Qual a sua participação na vida econômica da sua família?
Identificar os fatores que dificultam e contribuem para a permanência das estudantes na EJA.	8. Por que você optou por estudar no Ensino Médio EJA?
	9. Quais as suas principais dificuldades para nos continuar os estudos?
Descrever as perspectivas futuras das estudantes ao concluir o processo de escolarização do ensino médio por meio da modalidade EJA	10. O que mais motiva você a frequentar as aulas?
	11. Que estratégias os professores adotam para motivar você a estudar?
	12. O que você pretende fazer ao concluir o ensino médio?

Fonte: A autora (2023).

#### **4.4. Desenho da Pesquisa**

Partindo do pressuposto estabelecido por esta pesquisa, adotou-se o desenho metodológico como não experimental, de alcance descritivo, enfoque qualitativo e corte transversal.

Na pesquisa não experimental, segundo (Gil, 2017) não há manipulação deliberadamente das variáveis que busca interpretar, mas ela se contenta em observar os fenômenos de interesse de seu ambiente natural, para então descrevê-los e analisá-los sem a necessidade de emulá-los em um ambiente controlado.

Com base na problemática e também nos objetivos desse estudo se fez necessário o desenvolvimento de métodos que atendessem prontamente aos questionamentos e as exigências dessa pesquisa. Por sua vez a investigação apresenta o método descritivo que produz dados descritivos, considerando a percepção dos participantes da pesquisa, conhecendo como pensam, como agem e o que sentem, possibilitando descrever as reais situações do fenômeno estudado. De acordo com Gil (2017) as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno.

Em termos do alcance descritivo, os autores Fontelles, Simões, Farias & Fontelles (2009, p. 6) relatam que a pesquisa descritiva apoia – se no “entendimento de fenômenos complexos específicos, em profundidade, de natureza social e cultural, mediante descrições, interpretações e comparações, sem considerar os seus aspectos numéricos em termos de regras matemáticas e estatísticas”. Logo, a pesquisa descritiva, busca observar, analisar e compreender melhor a realidade. Sendo assim, o pesquisador não interfere na pesquisa descritiva, ele realiza a observação descrevendo tudo que percebe e observa nos acontecimentos na hora da vivência da sua pesquisa em campo.

Considerando os objetivos da pesquisa optou-se pelo enfoque qualitativo que traduz uma metodologia de investigação enfatizando a descrição, a teoria fundamentada e

o estudo das percepções pessoais do processo de permanência das estudantes concluintes do Ensino Médio EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo.

De acordo com Campoy (2019, p.264) o “objetivo de la investigación cualitativa se enfoca en la comprensión del fenómeno social desde la perspectiva de los participantes, donde la participación del investigador y su relación con el fenómeno es fundamental”.

Nesse contexto, se entende que o uso do enfoque qualitativo permite aos participantes pensarem de forma mais livre e assim expressar seus pontos de vista com relação a temática do estudo, as respostas não são objetivas, cabe ao investigador interpretá-las e dar-lhes sentido, tendo em mente que o propósito da pesquisa qualitativa não é contabilizar quantidades como resultado.

Conforme Alvarenga (2019, p. 51):

A investigação qualitativa geralmente se dá em um ambiente natural, onde se encontram os indivíduos envolvidos no estudo, a fim de obter um conhecimento profundo do fenômeno estudado. Realizam-se descrições detalhadas das manifestações de conduta das pessoas, das interações entre as mesmas, das situações, do ambiente, é dizer, do contexto que rodeia aos sujeitos estudados, levando em conta o padrão cultural.

Nesta perspectiva, a metodologia qualitativa representa o caminho ideal para penetrar e compreender o significado e a intencionalidade das falas, vivências, valores, percepções, desejos, necessidades e atitudes dos atores que participarão do estudo.

Sendo assim, se faz necessário destacar que em termos de estratégia, o que melhor se enquadra é o estudo de corte transversal, que segundo Raimundo, Echeimberg & Leone (2018, p. 1) a finalidade dos “estudos de corte transversal é obter dados fidedignos que ao final da pesquisa permitam elaborar conclusões confiáveis, robustas, além de gerar novas hipóteses que poderão ser investigadas com novas pesquisas”.

A seguir observa-se a figura do desenho metodológico desta pesquisa.

**Figura 3.**

*Desenho metodológico da pesquisa*



Fonte: A autora (2023).

#### 4.5. Plano de pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em etapas. Na tabela, a seguir, se apresenta o plano de pesquisa, descrevendo os momentos e o tempo aproximado para o desenvolvimento de cada etapa.

**Tabela 2.***Plano de pesquisa*

FASES	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	TEMPO
1º (Planejamento do estudo)	Revisão de literatura Delimitação dos objetivos Elaboração do questionário	5 Meses
2º (Aplicação e coleta de dados)	Aplicação do questionário	1 mês
3º (Análise dos dados)	Análise dos dados do questionário	3 meses
4º (Finalização da dissertação)	Elaboração dos resultados Elaboração das conclusões e propostas	4 meses

Fonte: A autora (2023).

#### 4.6. Contexto da Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada no Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo, que foi fundado em 24 de junho de 1975, denominado Centro de Estudos Supletivos Emílio Médici, com o código do INEP: 16001885. O centro está localizado no bairro central, zona urbana, na Rua Candido Mendes, 555, com o CEP: 68900-100, Município de Macapá, capital do estado do Amapá, Brasil.

O objetivo inicial do Centro Paulo Melo era de preparar o aluno para fazer as provas do exame de massa, promovido pela Secretaria de Estado da Educação. Esse Projeto ficou conhecido como Projeto Minerva que proporcionava curso preparatório para Exames Especiais a fim de suprir escolarização aos jovens e adultos. Em 14 de Abril de 2009 o Centro de Estudos Supletivos Emílio Médici passou a ser denominado oficialmente de Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo através da lei nº 1319 nos termos do art. 107 da Constituição Estadual.

O Centro atende uma clientela diversificada de Jovens e Adultos - EJA no Ensino Fundamental segundo seguimento 4ª etapa (8º e 9º ano), maiores de 15 anos, e Ensino Médio 1ª etapa (1ª série) e 2ª etapa (2ª e 3ª séries), maiores de 18 anos, funcionando nos

turnos da manhã, tarde e noite, cada turma com capacidade para 35 alunos. Sendo assim os alunos aceleram seus estudos, concluindo o ensino médio em 2 anos.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) que é ferramenta norteadora que orienta todas as ações do Centro, o foco educacional específico é a Educação e a Formação de pessoas que por inúmeras razões não tiveram ou não puderam concluir em tempo hábil seus estudos. Esses alunos, na maioria são trabalhadores, oriundos de atividades comerciais e domésticas que precisam concluir seus estudos, que tentam conciliar os estudos e resgatar seus sonhos de vida através da escola, assim sendo melhorar suas condições de vida e inserção no mercado de trabalho, o PPP propõem ações pedagógicas e educacionais que priorizem a melhoria da qualidade do ensino oferecido, baseando-se na necessidade específica dos jovens e adultos.

O centro enfrenta muitos desafios para atender as demandas educacionais dessa clientela, de acordo com as especificidades de cada aluno (a), dentre eles: espaço físico inadequado para atividades físicas, não possui laboratórios das disciplinas da área científica do currículo, livros didáticos específicos para a modalidade EJA, entre outros. Outro problema enfrentado é o alto índice de evasão caracterizado pelo abandono e cancelamento de matrículas. Esses alunos dão prioridade as questões de sobrevivência e sustento de suas famílias.

O Centro desenvolve alguns projetos de apoio psicológico e de motivação dos alunos, para atender os alunos em meio a turbilhão de atividades e dificuldades que possuem, os mesmos tem famílias sob suas responsabilidades, trabalham, ou estão desempregados, tem baixa estima e dificuldades em se adequar as regras institucionais. O projeto Saúde Emocional na Escola que tem objetivo de promover ações e atividades de caráter educativo visando a promoção da saúde dos estudantes, assim como, a prevenção e redução de problemas comportamentais e disciplinares na sala de aula, relacionados com condições emocionais, tais como: ansiedade, depressão, suicídio, automutilação, transtornos alimentares, etc. O centro atende alunos com necessidades educacionais

especiais/AEE, o AEE desenvolveu este ano o Projeto Lutas, Resiliência e Superação, caminhos para chegar à inclusão e outros projetos.

A proposta curricular tem como referência a sugerida pela secretaria de educação, específica para a modalidade EJA, sendo adequada as especificidades da clientela, com suas peculiaridades. É composta pela Base comum -Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira LDB/9394/96, com as áreas de Linguagens Códigos e Suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas tecnologias e a Parte Diversificada composta por Língua Estrangeira e Estudos Amapaenses e Amazônicos, com total anual de horas aulas 1.666 carga horária anual.

No turno da manhã: 2 turmas de (2ª Etapas/2º e 3º ano), 2 turmas de (1ª Etapa/1º ano) e 2 turmas (4ª etapas/ 8º e 9ºano), total de 141 alunos. No turno da tarde: 2 turmas de (2ª etapas/2º e 3º ano) e 1 turma de (1º etapa/1º ano), total de alunos 59 alunos. E no turno da noite: 2 turmas de (2ª etapa/2º e 3º ano) e 2 turmas de (1º etapa/1º ano), total de 128 alunos.

Nas áreas do administrativo tem: 1 Diretora, 1 Diretora Adjunta, Secretário Escolar, 3 coordenadores pedagógicos, 35 professores (todos graduados, alguns pós graduados, especialistas, mestres e um doutor), sendo 29 em sala de aulas e 6 atuando em outros ambientes de apoio pedagógico, auxiliares educacionais, merendeiras e auxiliares de serviços diversos.

A seguir, observa-se na figura 11 da frente do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo.

**Figura 4.**

*Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo*



Fonte: Arcevo da autora (2023)

#### **4.7. Participantes da Pesquisa**

Os participantes delimitados neste estudo foram 22 mulheres concluintes do Ensino Médio EJA do ano de 2023.

A escolha dos participantes segue critérios estabelecidos pelos objetivos específicos e pelo pesquisador, de tal forma que todos os participantes deste estudo sejam capazes de responder ao questionário proposto e estejam na última etapa do ensino médio EJA. Logo, o processo de seleção é não probabilístico e intencional.

Segundo Dantas (2022, p.79) “a seleção de participantes não probabilística intencional acontece quando os critérios são preestabelecidos pelo pesquisador”.

Para Gil (2017) a amostragem não probabilística não apresenta fundamentação estatística ou matemática, são unicamente dependentes de critérios do pesquisador, levando em consideração seu objeto de estudo.

A seguir, observa-se a tabela dos participantes desta pesquisa.

**Tabela 3.***Participantes da pesquisa*

PARTICIPANTES	QUANTIDADE
Alunas concluintes da EJA	22

Fonte: A autora (2023).

#### 4.8. Técnicas e Instrumentos de Coleta de Dados

É de suma importância dentro do desenho metodológico estabelecer as técnicas de coleta de dados, pois tais técnicas se reportam à forma prática de proceder em situações concretas. Para atingir os objetivos propostos na pesquisa, a técnica aplicada em correspondência ao método da pesquisa foi o questionário aberto que é um instrumento utilizado em investigações qualitativas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas pelos investigados, permitindo-os a se expressar livremente para explicar, descrever e opinar sobre o processo de permanência das estudantes concluintes do Ensino Médio EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo.

Segundo Campoy (2019, p.366) o questionário abierto es aquel que solicita una respuesta libre y provoca respuestas de mayor profundidad sin delimitar de antemano las alternativas de respuestas que son redactadas por el propio sujeto. Estas respuestas nos permiten conocer actitudes, sentimientos, motivaciones, opiniones y conductas”.

De acordo com Alvarenga (2019, p.77) o questionário com perguntas abertas “permite ao participante expressar-se livremente, respondendo de acordo com seu marco de referência, à luz de sua experiência. São mais utilizados em investigações qualitativas”

A seguir, observa-se a tabela da técnica executada, de acordo com os objetivos da pesquisa.

**Tabela 4.***Técnica relacionada aos objetivos da pesquisa*

OBJETIVOS DA PESQUISA	TÉCNICA	FONTES DE INFORMAÇÃO
Caracterizar o perfil das estudantes da EJA, considerando suas condições, socioeconômica e familiar.	Questionário	Mulheres Concluintes
Identificar os fatores que contribuem e/ou dificultam para a permanência das estudantes na EJA.	Questionário	Mulheres Concluintes
Descrever as perspectivas futuras das estudantes ao concluir o processo de escolarização do ensino médio por meio da modalidade EJA	Questionário	Mulheres Concluintes

Fonte: A autora (2023).

#### 4.9. Validação do Instrumento da Pesquisa

O instrumento de pesquisa precisa ser validado e garantido. Portanto, solicitou-se uma quantidade 3 (três) de professores mestres e doutores da área disciplinar em que se situa a investigação, com o objetivo de apreciarem e verificarem se há pertinência, coerência e coesão nas perguntas, e se as mesmas estão de acordo com a problemática e os objetivos do estudo.

Para Campoy (2019, p. 96), a “respecto a la validez de las técnicas, se entiende que la validación es un proceso contínuo que incluye procedimientos diferentes para comprobar si un cuestionario mide lo que realmente dice medir”.

Nesse sentido, o procedimento seguido para a validação de especialistas tem sido o método de "agregados individuais".

De acordo com o (Anexo 01) apresenta-se o formulário de validação do questionário aberto, enviado aos expertos para validação.

Nesse formulário, encontra-se itens que correspondem a coerência e clareza das perguntas e conseqüentemente o recolhimento das respostas que atendessem as seguintes coerências:

1º Coerência: Se a pergunta está de acordo com os objetivos da temática pesquisada.

2º Clareza: Se refere à qualidade e objetividade da pergunta.

Com base nas sugestões dos especialistas, foram realizadas as modificações necessárias e precisas, concluindo o modelo final do questionário que foi aplicado as estudantes mulheres participantes desse estudo.

#### **4.10. Aspectos Éticos**

Nesta pesquisa, foram respeitados os direitos dos pesquisados, por ser realizada com humanos, a partir do fenômeno estudado referente a ação pedagógica desenvolvida com as estudantes concluintes do Ensino Médio EJA, buscando a ética que defende os direitos sociais e humanos dos indivíduos envolvidos.

Com os documentos deferidos pela diretora da E. E. Professor Paulo Melo e pelos participantes, dentre eles a Carta de autorização da pesquisa (Anexo 2), o Termo de Compromisso da Pesquisa Científica, o Termo de Confiabilidade, em que compromete-se a manter a identidade dos investigados em sigilo sob o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo 3) em que a pesquisadora se compromete em fazer uso dos dados coletados para uso exclusivo no desenvolvimento desta investigação, se responsabilizando pelo andamento, realização e conclusão desta pesquisa.

Assim, as investigações que envolver Seres Humanos deve atentar à Resolução nº 510/16, pois esta atende aos fundamentos éticos e científicos nas diversas áreas de conhecimento envolvendo os Seres Humanos, identificando ainda, os riscos/benefícios que poderão ocorrer na aplicação da coleta dos dados.

#### **4.11. Procedimentos para Coleta de Dados**

Primeiramente foi realizado o contato com a diretora do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo, a partir de uma conversa informal, para explicar o objetivo da pesquisa. Posteriormente foi solicitado formalmente através da carta de apresentação (Anexo 1) a autorização para a realização da pesquisa. Em seguida a pesquisadora foi encaminhada a Coordenação Pedagógica para que o coordenador pedagógico lhe repassasse todas as informações e suporte necessários quanto ao contato com os professores das turmas concluintes do Ensino Médio nos três turnos, os quais a escola atende, para agendar o dia que as 22 alunas que foram o público alvo da pesquisa, pudessem responder os questionários, sem que elas sofressem qualquer prejuízo das atividades em sala de aula.

No momento que as alunas foram disponibilizadas para responder os questionários (Anexo 4), a pesquisadora foi para uma sala de reuniões da escola, somente com as alunas que seriam pesquisadas, acompanhou as alunas, caso tivessem alguma dúvida sobre as perguntas, nesse momento explicou sobre o objetivo da pesquisa, que era analisar o processo de permanência das estudantes concluintes do ensino médio EJA do Centro, caracterizar o perfil delas, considerando suas condições socioeconômicas e familiar, identificar os fatores que contribuem e/ou dificultam para a permanência delas e ainda descrever os motivos e as perspectivas que induzem as estudantes a concluir seus estudos através da modalidade EJA, enfatizando que esta modalidade de ensino propõem dar oportunidades para concluir os estudos aqueles ou aquelas que por algum motivo não tiveram oportunidades para concluir na idade própria, destacou a importância do papel da educação para a emancipação da mulher como uma possibilidade de melhoria de qualidade de vida, crescimento pessoal e empoderamento e ressaltou a importância do Centro a compreender quais os motivos e perspectivas dos seus alunos e alunas ao retornarem aos estudos na modalidade EJA. A partir dessa percepção, a escola poderá efetuar um planejamento específico para atender as necessidades desses educandos.

Após a coleta dos dados, organizou-se o material e fez-se a análise a partir da técnica de análise de conteúdo, buscando responder o problema de pesquisa proposto neste estudo.

#### **4.12. Técnicas de Análise e Interpretação de Dados**

A técnica de análise e interpretação de dados permite ao pesquisador examinar o material que foi coletado, observando possíveis falhas ou dúvidas, para logo em seguida expor os significados encontrados, os resultados e as conclusões.

Durante a processo de investigação, diante das técnicas empregadas a investigadora inicia processo de organização e estruturação coerentemente e dá início a interpretação. A partir da realidade em que se encontra a problemática, visando a compreensão profunda para reconstruir os momentos, em busca de encontrar conhecimentos nos dados, realizando separadamente a análise e interpretação e coerentemente ter significados.

Nessa etapa é de suma importância a realização das ações para se obter o resultado preciso. Bem como, vale ressaltar esse momento ser um dos importantíssimo para a pesquisa em que a pesquisadora.

Segundo Alvarenga (2019, p. 102) “confrontar o encontrado na revisão da literatura, suas experiências os achados com os resultados da investigação, e como consequência deles, tomar posição a respeito dos mesmos”.

Logo, deve-se dialogar com os dados com a fundamentação teórica verificando os objetivos propostos, assegurando a confiabilidade e a validade dos resultados e comprovando a alteridade dos resultados.

Para Creswell (2014, p.47) “a análise de dados em pesquisa qualitativa consiste da preparação e organização dos dados para análise, depois a redução dos dados em temas por meio de um processo de condensação e finalmente a interpretação”. Sendo assim, para serem analisados e interpretados os dados, foi executada a técnica de análise de conteúdo.

De acordo com Bardin (2016, p.48) a análise de conteúdo pode ser definida como:

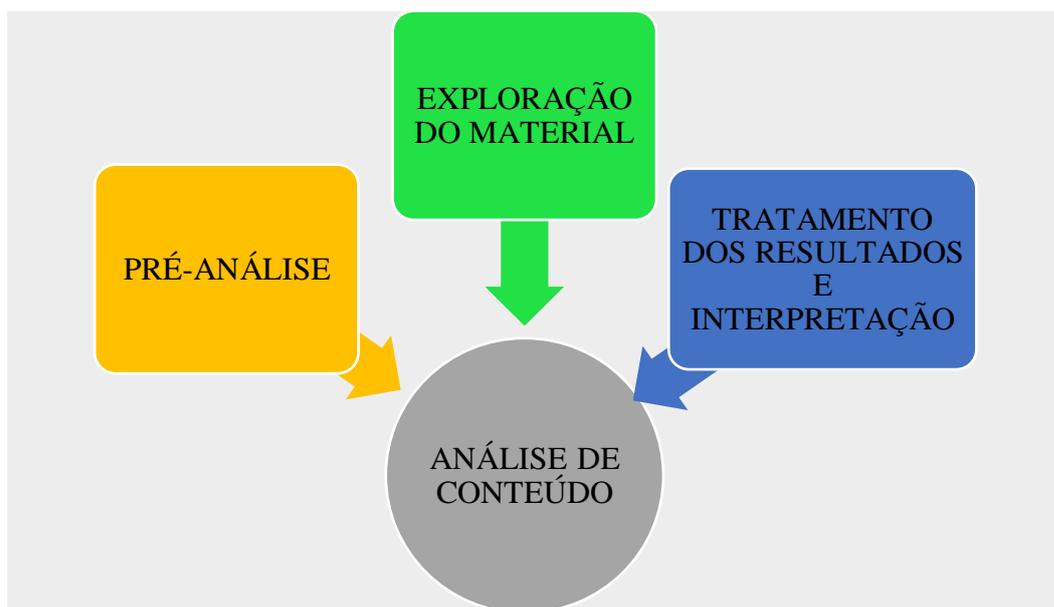
Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens partir da qual foram feitos cruzamentos entre o conteúdo das respostas e o referencial teórico que sustenta este estudo.

Esta técnica de análise de conteúdo permite ao pesquisador extrair e interpretar significados e padrões em dados textuais compreender a codificação e classificação dos dados. Essa análise também é denominada como categorização, cujo o objetivo é entender os dados coletados e destacar mensagens ou descobertas importantes.

Ainda de acordo com Bardin (2016) a utilização da análise de conteúdo prevê três etapas fundamentais como a pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e a inferência da interpretação, conforme o esquema apresentado na Figura 5.

**Figura 5.**

*Etapas da análise de conteúdo*



Fonte: Adaptado de Bardin (2016)

Na fase de pré-análise, de acordo com Bardin (2016, p.125) “é a fase de organização propriamente dita”, ou seja, o pesquisador faz a leitura e a organização do material, avaliando o que é importante avaliar e o que ainda necessita ser coletado.

A segunda etapa, é chamada de exploração do material. Para Bardim (2016, p. 131), esta fase “consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração em função de regras previamente formuladas”. Portanto, nesta fase se elabora a codificação e a categorização do material coletado. Na codificação, o pesquisador faz o delineamento das unidades de registros.

As categorias de análise são:

1. Perfil das mulheres concluintes do ensino médio EJA.
2. Motivos e desafios da mulher no processo de permanência na EJA.
3. Perspectivas futuras das mulheres concluintes do ensino médio EJA.

Na terceira fase, se faz o tratamento dos resultados coletados e a interpretação dos mesmos.

Utilizou-se, durante a análise dos dados, pseudônimos para os participantes, visando preservar as suas identidades.

## **CAPÍTULO 5: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS**

Neste capítulo serão apresentados os resultados e as análises acerca do processo de permanência das mulheres concluintes do Ensino Médio EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo. Tais resultados foram sistematizados a partir de categorias.

Segundo Bardin (2016, p. 147) “são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos”. Logo, o processo da Análise de Conteúdo conduz a olhar as respostas, percebendo-as e categorizando-as pelos conteúdos que comportam, constituindo temas e subtemas.

A análise dos dados das categorias, foram realizadas a partir do questionário aberto, aplicado para 22 mulheres concluintes do Ensino Médio EJA. As estudantes, em ocasião de suas privacidades, serão denominadas nesta pesquisa por Educanda 1, Educanda 2, Educanda 3, Educanda 4, e assim por diante.

As categorias analisadas são: perfil das mulheres concluintes do ensino médio EJA; dificuldades encontradas pelas mulheres em permanecer nos estudos; e perspectivas futuras das mulheres concluintes do ensino médio EJA.

Portanto, a seguir, apresenta-se, as categorias desta pesquisa.

### **5.1. Perfil das Mulheres Concluintes do Ensino Médio EJA**

A Educação de Jovens e Adultos é constituída por um público diverso, com múltiplos fazeres e saberes. Historicamente, a EJA, é formada por pessoas de diferentes etnias, gêneros, orientações sexuais, pessoas privadas de liberdade, com deficiência, ou seja, um retrato das diferentes formas do cidadão brasileiro (Brasil, 2009).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um campo fundamental da educação que visa atender pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade regular. Entre os diversos grupos que se beneficiam com a EJA, estão as mulheres que

muitas vezes têm suas trajetórias de vida marcadas pela exclusão, que além da situação socioeconômica, existe a questão de gênero e de raça. Além disso, muitas foram incentivadas a priorizar o casamento e a maternidade, relegando a educação a um segundo plano (Araújo; Gomes, 2020).

Segundo Freire (2011) as mulheres da EJA pertencem às classes menos favorecidas, trabalham pela sua subsistência e tiveram o seu direito à educação ferido na infância e elas são seres dotados de significativo conhecimento de mundo e que retornam à escola em uma turma de EJA em busca pelo conhecimento da palavra.

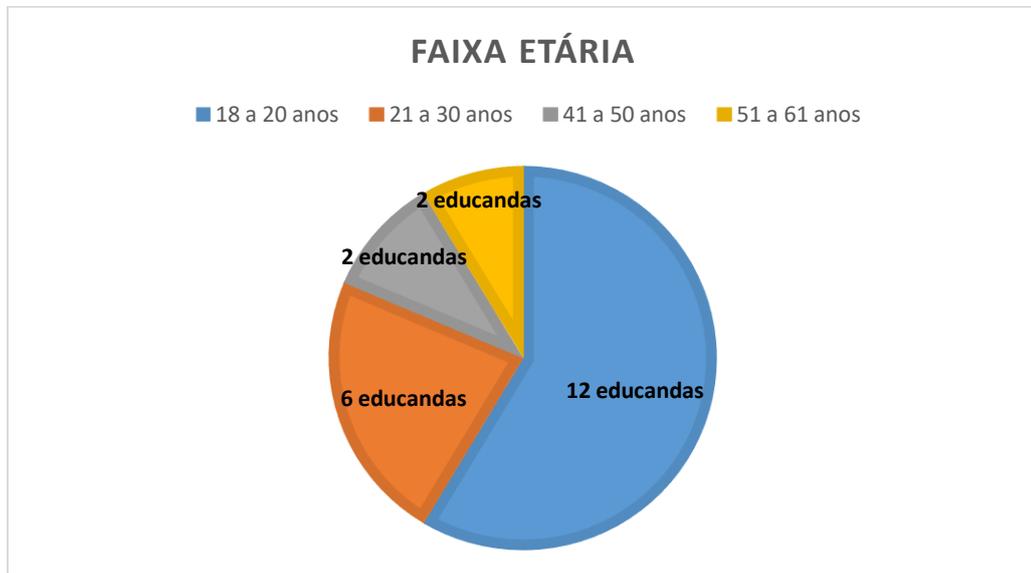
Sendo assim, o objetivo desta categoria é caracterizar o perfil das mulheres estudantes concluintes da 2ª etapa do ensino médio EJA do ano de 2023. Para atender este objetivo, as participantes foram questionadas com relação à faixa etária, etnia, estado civil, número de filhos, trabalho, e quanto a renda familiar.

### **5.1.1. Faixa Etária**

Conforme a declaração da secretaria escolar (Anexo 5) do Centro de Estudos Supletivo Professor Paulo Melo, no ano de 2023 foram matriculadas na 2ª etapa do ensino médio EJA sessenta e uma (61) mulheres. Porém, no decorrer do ano, apenas quarenta (40) mulheres continuaram frequentando as aulas. Dentre as mulheres estudantes, participaram desta pesquisa vinte e duas (22), sendo seis (6) mulheres concluintes do turno da manhã, quatro (4) mulheres concluintes do turno da tarde, e dez (10) mulheres concluintes do turno da noite.

Nesta subcategoria, se apresenta as faixas etárias das 22 mulheres concluintes da 2ª etapa do ensino médio EJA, do ano de 2023 que concordaram em participar deste estudo.

O Gráfico 1, demonstra o perfil das mulheres concluintes do ensino médio EJA com relação a faixa etária.

**Gráfico 1.***Idade das educandas concluintes do ensino médio EJA: ano 2023*

Fonte: Questionário aberto (2023)

Nota-se que a faixa etária que caracteriza a maioria das educandas da EJA é a de 18 a 20 anos. Em seguida vem a faixa etária de 21 a 30 anos. Pela descrição dos dados na Tabela 5, é possível identificar que as mulheres concluintes do ensino médio EJA no Centro de Supletivos Professor Paulo Melo são predominantemente mulheres jovens, apenas 2 educandas são de meia idade e 2 são idosas.

De acordo com Carvalho (2021) as mulheres na EJA abrangem uma ampla faixa etária, desde jovens até idosas. Muitas vezes, mulheres mais jovens buscam a EJA para completar sua educação formal, enquanto outras retornam à escola mais tarde na vida, após um hiato na educação.

A EJA é uma modalidade da Educação Básica, reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº. 9.394/1996, e que atendia, em sua origem, um público muito específico, formado por jovens, adultos e idosos trabalhadores que tiveram o seu direito à educação negado por diferentes motivos e que, ao retornarem às instituições de ensino, buscam recuperar um tempo que consideram perdido. Portanto, para que o

aluno possa ingressar na Educação de Jovens e Adultos, no ensino fundamental, é necessário ter ao menos 15 anos. Já para o Ensino Médio, a idade mínima preconizada é de 18 anos (Brasil, 2000).

No entanto, nas últimas décadas a EJA tem sido crescentemente procurada por um público heterogêneo, cujo perfil vem mudando, a cada ano, em relação à idade, ao gênero, às expectativas e aos comportamentos, passado por um processo de estabelecimento do público juvenil como sua principal clientela. Para Rodrigues (2010, p.100) “a forte presença de jovens nestas modalidades de ensino se deve, em grande parte, a problemas de não-permanência e insucesso no ensino regular”.

Brunel (2004, p. 9) também aponta que "o número de jovens e adolescentes nesta modalidade de ensino cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações estabelecidas entre os sujeitos que ocupam esse espaço." Nos últimos anos, o perfil dos alunos da EJA tem evoluído, não se restringindo mais apenas àqueles que nunca frequentaram a escola. Nas classes da EJA, é cada vez mais comum encontrar jovens que tiveram uma passagem breve e com interrupções em sua educação formal. Além disso, os alunos da EJA estão se tornando cada vez mais jovens.

Conforme Palacios, Reis & Gonçalves (2017) a Educação de Jovens e Adultos é a modalidade de ensino que oferta vagas para as pessoas que não puderam estudar na idade certa, e apresenta um aumento significativo de estudantes mulheres.

### **5.1.2. *Etnia***

O público alvo da EJA apresenta uma grande diversidade de alunos, reconhecendo as diferenças que os distinguem uns dos outros - sejam mulheres, homens, crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência, indígenas, afrodescendentes, descendentes de diferentes origens étnicas, entre outros. Essa diversidade abrange diferentes formas de ser, viver e pensar, que muitas vezes entram em tensão. No entanto, os sujeitos da diversidade “buscam dialogar ou, pelo menos, negociar propostas políticas a partir de suas diferenças, visando à inclusão de todos, respeitando

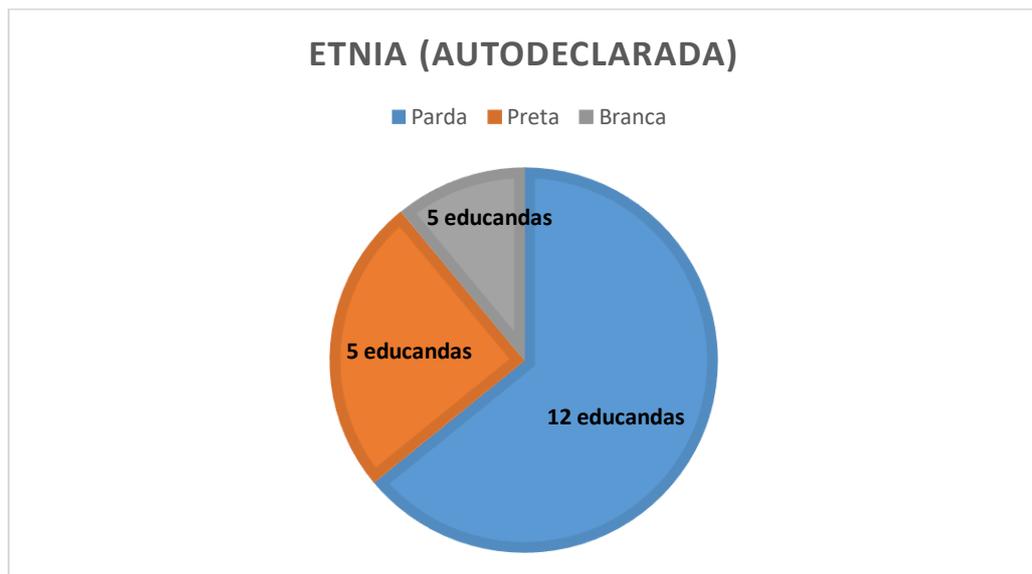
suas especificidades sem comprometer a coesão nacional ou os direitos garantidos pela Constituição” (Brasil, 2008, p. 14).

O perfil dos alunos da EJA da rede pública está, em sua maioria, elencado a trabalhadores assalariados, desempregados, donas de casa, jovens, idosos, pois esses cidadãos, por um motivo de força maior, tiveram que abandonar os estudos, alunos com suas diferenças culturais, etnias, religiosas e de visões de mundo (Gambarine, 2021).

Nesta subcategoria, se descreve o perfil das mulheres concluintes do ensino médio EJA com relação à etnia, demonstrado no Gráfico 2.

### Gráfico 2.

*Etnia das educandas concluintes do ensino médio EJA: ano 2023*



Fonte: Questionário aberto (2023)

Nota-se no gráfico acima que 12 educandas são autodeclaradas pardas, 5 educandas se autodeclararam como pretas e 5 são autodeclaradas como brancas. Portanto, a maioria das mulheres que participaram desta pesquisa são autodeclaradas pardas.

Segundo Gomes et al (2020) maioria das pessoas pardas e pretas são excluídas no contexto educacional, principalmente por condições históricas e socioeconômicas vinculadas ao preconceito racial. Diante desse contexto, com o intuito de eliminar

desigualdades historicamente acumuladas, foram criadas as políticas de ações afirmativas, facilitando o acesso educacional desse público.

Conforme Davis (2016, p. 233) as mulheres negras “[...] pagaram um preço pelas forças que adquiriram e pela relativa independência de que gozavam. Embora raramente tenham sido apenas donas de casa, elas sempre realizaram tarefas domésticas. Dessa forma, carregam o fardo duplo do trabalho assalariado e das tarefas domésticas [...]”

Na Educação de Jovens e Adultos, o que foi citado acima por Davis (2016) se reproduz, já que a maioria das mulheres são todas da classe trabalhadora desfavorecida e sofrem preconceitos por conta do gênero, classe social e etnia.

### 5.1.3. Estado Civil

Nesta subcategoria, será caracterizado o perfil das mulheres educandas na EJA com relação ao seu estado civil. Tal caracterização, observa-se no gráfico a seguir.

#### Gráfico 3.

*Estado civil das educandas concluintes do ensino médio EJA: ano 2023*



Fonte: Questionário aberto (2023)

Com relação à situação civil, foram consideradas quatro condições: solteira, casada, união estável e viúva, dentro das quais as educandas foram classificadas, de acordo com o Gráfico 3, assim: 15 educandas se declaram solteiras, 4 são casadas, 2 afirmam que vivem em união estável e 1 é viúva. Percebe-se, portanto, a maioria das participantes são mulheres solteiras.

#### 5.1.4. Número de Filhos

Nesta subcategoria, será caracterizado o perfil das mulheres educandas na EJA com relação ao número de filhos. Tal perfil, observa-se no gráfico a seguir.

#### Gráfico 4.

*Número de filhos das educandas concluintes do ensino médio EJA: ano 2023*



Fonte: Questionário aberto (2023)

Sobre o número de filhos, das 22 educandas, 14 mulheres declaram não possuir nenhum filho; 5 afirmaram possuir 1 filho. Do público restante, 1 mulher possui 3 filhos; 1 mulher tem 4 filhos; 1 educanda tem 6 e 1 aluna possui 8 filhos.

Percebe-se que a maioria das educandas não possuem filhos, pois de acordo com a faixa etária e o estado civil das mulheres participantes desta pesquisa, elas são mulheres solteiras e da idade entre 18 a 22 anos.

De acordo com Dias et al. (2005, p. 50), "os sujeitos destinatários da pedagogia da EJA apresentam características que vão além da não infância, baixa escolaridade e pertencimento às camadas populares." Como observado em estudos de campo, algumas jovens da EJA são mães e têm responsabilidades relacionadas ao trabalho e à administração do lar. Portanto, a crescente presença de jovens na EJA tem gerado novas demandas que requerem uma abordagem cuidadosa por parte da escola, considerando essas singularidades dentro do contexto da diversidade.

#### **5.1.5. *Estar ou Não Trabalhando***

A Educação de Jovens e Adultos sempre esteve ligada a um número de pessoas que desistem de estudar. Grande parte desses sujeitos são adultos/as que trabalham e têm uma rotina diária de trabalho, e outra parte desses são pessoas que já está há muitos anos sem estudar e recorrem à EJA por já estarem fora de faixa. Sendo assim, ao longo de suas trajetórias laborais e educacionais, as mulheres vivenciam várias situações que podem incluir apenas trabalhar, conciliar trabalho com estudo, só estudar ou ficar sem estudar e sem trabalhar por determinado período.

Rocha et al (2021) mostraram em seus estudos que o grupo de jovens que não estudam nem trabalham era constituído, principalmente, por mulheres (em especial, aquelas casadas e mães), jovens de baixa renda, negros, com baixa escolaridade e que moram em domicílios com maior número de crianças. A responsabilidade pelas tarefas domésticas estava entre os principais obstáculos enfrentados pelas mulheres jovens para se qualificar.

Nesta subcategoria, se abordará o perfil da mulher da EJA, voltado para o trabalho. As participantes foram questionadas se estavam ou não trabalhando, considerando três condições: trabalha, não trabalha, aposentada. Pode-se observar no gráfico abaixo.

**Gráfico 5.**

*Número de educandas do ensino médio EJA, do ano 2023 que trabalham ou não*



Fonte: Questionário aberto (2023)

No Gráfico 5, percebe-se que 14 estudantes da EJA estavam trabalhando ano de 2023; que 7 educandas não trabalham e 1 estudante já é aposentada, pois esta é a participante que tem 61 anos de idade.

De acordo com Gomes, Souza, et al (2020, p. 4):

Os jovens da EJA em geral, são estudantes já inseridos no mercado de trabalho ou que ainda esperam nele ingressar, que não almejam apenas a certificação para manter sua situação profissional, mas que esperam chegar ao Ensino Médio ou à universidade. Sabe-se ainda que muitos deles tiveram de romper barreiras erguidas pelo preconceito e pela exclusão, transpostas em função de um grande desejo de aprender.

Segundo dados do IBGE (2019) as mulheres trabalham pelo menos duas vezes mais que os homens, pois as mesmas fazem as das tarefas domésticas. Há uma responsabilização das mulheres pelo bom andamento do lar.

Heath (2013) afirma em seu estudo que o número cada vez maior de mulheres no mercado de trabalho, influencia na redução dos casamentos prematuros e na gravidez precoce, e em contrapartida, aumenta o poder e a autoridade da mulher no lar.

Portanto, percebe-se que as mudanças que ocorreram na sociedade nos últimos tempos são bem visíveis quando se trata do comportamento e aceitação das pessoas pertencentes ao gênero feminino. Há mais mulheres trabalhando, muitas se tornaram chefe de família.

#### **5.1.6. Profissão**

De acordo com Bruschini (2007), a atuação da mulher no mercado de trabalho vem se intensificando desde o ano 2000, devido a diversas mudanças: como as transformações demográficas, como maior expectativa de vida e, conseqüentemente, maior presença feminina na população idosa; mudanças nos padrões culturais e valores sobre o papel social da mulher, voltado ao trabalho remunerado; e a expansão da escolaridade e ingresso em universidades.

Segundo Freire (2011) as mulheres da EJA pertencem às classes menos favorecidas, trabalham pela sua subsistência e tiveram o seu direito à educação ferido na infância e elas são seres dotados de significativo conhecimento de mundo e que retornam à escola em uma turma de EJA em busca pelo conhecimento da palavra.

A necessidade de contribuir para a renda familiar leva muitos as mulheres a deixarem a escola antes de concluírem o ensino fundamental. Outras optam por estudar no período noturno, o que pode dificultar a conciliação entre trabalho e estudo. A pressão econômica muitas vezes força essas mulheres a priorizar o trabalho em detrimento da educação formal.

No gráfico a seguir, observa-se o perfil das participantes quanto a subcategoria sobre a profissão das educandas.

**Gráfico 6.*****Profissão das educandas concluintes do ensino médio EJA: ano 2023***

Fonte: Questionário aberto (2023)

De acordo com o Gráfico 6, observa-se que das 22 mulheres estudantes da EJA, 4 trabalham como manicure; 3 estudantes são babás; 2 mulheres são vendedoras ambulantes; 1 mulher trabalha como costureira; 1 estudante é diarista; 1 trabalha como operadora de caixa e 1 mulher desenvolve o trabalho de assessora parlamentar.

Percebe-se, que mesmo com o progresso da mulher no mercado de trabalho, esta não ficou isenta de suas tarefas domésticas, o que significa que as mulheres trabalham mais horas que os homens, o que caracteriza uma dupla jornada de trabalho, ou seja, as mulheres que trabalham fora de casa têm uma grande sobrecarga em horas semanais dedicadas aos afazeres domésticos, em cerca de 25 horas semanais, frente as dez horas de trabalho doméstico semanal dos homens (IPEA, 2011).

Para Pereira & Lima (2017) apesar do compartilhamento de tarefas como educação, higiene, disciplina e sustento, as funções de alimentação e acompanhamento nas tarefas da escola ainda são de responsabilidade das mulheres, mesmo elas

contribuindo financeiramente de forma equiparada ao marido no sustento do lar. Tal realidade resgata o ideal de família tradicional que diferenciava os papéis através do gênero (Badinter, 2011).

De acordo com Silva (2023), em sua pesquisa intitulada “Escola na vida de mulheres jovens e adultas: as motivações para voltar a estudar, os obstáculos enfrentados e o empoderamento feminino” percebe-se que muitas mulheres foram impedidas de estudar na infância para trabalhar no serviço doméstico e auxiliar no sustento da família. Já em relação à questão racial, a autora enfatiza que a maioria das mulheres educandas da EJA são negras ou pardas, trabalhadoras que atuam no espaço doméstico: diaristas, empregadas domésticas, babás e cuidadoras sendo essas atuações vinculadas ao servir e cuidar, com isso compreende-se que a mulher negra tem menos acesso a escola e a empregos com melhores salários.

#### **5.1.7. Renda Familiar**

Atualmente muitas mulheres atuam no mercado de trabalho, elas quebraram barreiras e possuem direitos e deveres iguais aos dos homens. De qualquer modo, a mulher continua em termos financeiros ganhando menos do que o homem, e, continua com várias funções de trabalho em suas jornadas.

Segundo Bruschini, (2007, p.40):

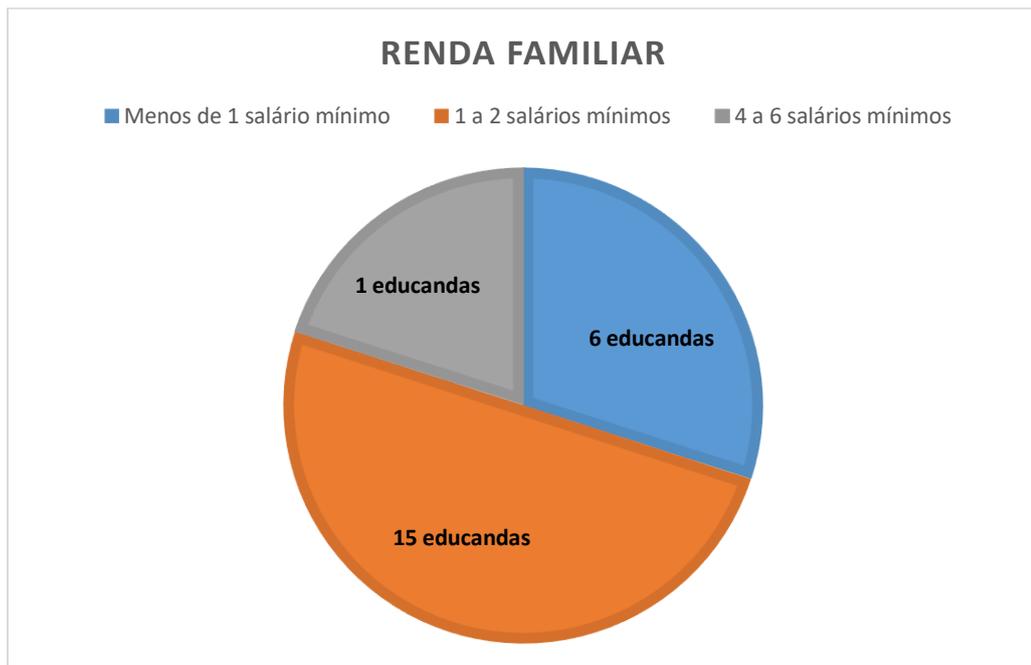
É preciso não esquecer que as mulheres chefes de família costumam ser também mães-de-família: acumulam uma dupla responsabilidade, ao assumir o cuidado da casa e das crianças juntamente com o sustento material de seus dependentes. Essa dupla jornada de trabalho geralmente vem acompanhada de uma dupla carga de culpa por suas insuficiências tanto no cuidado das crianças quanto na sua manutenção econômica.

O número de lares geridos por mulheres vem crescendo muito no Brasil, revelando uma posição social cada vez mais ocupada por mulheres no sustento da família.

Nesta subcategoria, se caracterizará a renda familiar das participantes, como se pode observar no gráfico abaixo.

### Gráfico 7.

*Renda familiar das educandas concluintes do ensino médio EJA: ano 2023*



Fonte: Questionário aberto (2023)

Analisando as respostas das mulheres no Gráfico 7, nota-se que 15 educandas responderam a renda familiar varia entre 1 a 2 salários mínimos; 6 educandas disseram que a renda familiar é menos de um salário mínimo; e apenas 1 educanda declarou ter a renda familiar entre 4 a 6 salários mínimos.

Percebe-se com esse dos que as mulheres estudantes da EJA, são trabalhadoras de classe baixa que sobrevivem com o mínimo possível, pois ao se compara com os dados relacionados a profissão e observa-se que a maioria das mulheres são manicure. Logo, o baixo rendimento financeiro dos estudantes tem sido apontado por pesquisadores como um fator que contribui para o afastamento da escola.

De acordo com Paiva (2006, p. 33), “uma das causas mais acentuadas do afastamento da escola diz respeito à pobreza, que exige, nas famílias, mais braços trabalhando para aumentar a renda familiar”. Portanto, quando se considera a renda familiar das estudantes, pode-se inferir que seu rendimento individual constitui parte fundamental da renda de toda família.

## **5.2. Motivos e Desafios da Mulher no Processo de Permanência na EJA**

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), precisamente o seu Art. 37, declara que a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino gratuita destinada a jovens e adultos que não tiveram acesso ou continuidade no Ensino Fundamental e no Ensino Médio na idade regular. Esta modalidade deve considerar as características e interesses dos educandos, suas condições de vida e criar oportunidades de aprendizado apropriadas para estes jovens e adultos.

Com relação à permanência dos alunos da EJA, o inciso segundo do Art. 37 da LDB (1996), declara-se que é dever do Poder Público viabilizar o acesso dos jovens e adultos à respectiva modalidade de ensino, estimulando a permanência dos mesmos na escola por meio de ações integradas e complementares entre si.

Nesta categoria buscou-se identificar quais os fatores que dificultam e que contribuem para a permanência das mulheres concluintes do ensino médio EJA. Para tal se fez os seguintes questionamentos: Por qual motivo você optou por estudar no ensino médio EJA? Que fatores dificultam a sua permanência nos estudos? Quais os fatores positivos que contribuem para a permanência nos estudos? Que estratégias os professores adotam para motivar você a estudar?

Para responder a estes questionamentos, dividiu-se esta categoria em 4 subcategorias, denominadas como: motivos das mulheres para estudar no ensino médio EJA; fatores que dificultam a permanência das mulheres nos estudos; fatores positivos que contribuem para a permanência das mulheres nos estudos; e contribuição da prática docente na permanência das estudantes na escola.

### 5.2.1. **Motivação das Mulheres para Estudar no Ensino Médio EJA**

A discussão acerca da importância da alfabetização das mulheres pertencentes às camadas mais desfavorecidas da sociedade tem ganhado destaque tanto em grandes conferências como nas políticas educacionais. De acordo com Fúlvia Rosemberg (2001, p. 516), uma coalizão composta por organizações multilaterais (como Unicef, Unesco, Unifem, Banco Mundial e OCDE), movimentos de mulheres e governos nacionais tem levantado a bandeira da ampliação do período de educação das mulheres, com o propósito de combater a pobreza e promover o desenvolvimento sustentável.

Portanto, nesta subcategoria, se apresentará os motivos que levaram as mulheres a decidirem estudar no ensino médio EJA.

Pode-se observar na Tabela 5 os motivos que levaram as estudantes optarem pelo estudo da modalidade EJA.

**Tabela 5.**

*Motivos para estudar no ensino médio EJA*

<b>Por que você optou por estudar no ensino médio EJA?</b>
<p style="text-align: center;"><b>Para concluir o estudo mais rápido</b></p> <p><b>Estudante 1:</b> <i>“Para concluir a educação básica mais rápido”.</i></p> <p><b>Estudante 2:</b> <i>“Para concluir meus estudos mais rápido”.</i></p> <p><b>Estudante 3:</b> <i>“Porque quero acelerar meus estudos”.</i></p> <p><b>Estudante 4:</b> <i>“Tenho idade avançada e a EJA vai me ajudar a terminar os estudos mais rápido”.</i></p> <p><b>Estudante 5:</b> <i>“Porque estou atrasada nos meus estudos e preciso concluir o mais breve possível”.</i></p> <p><b>Estudante 6:</b> <i>“Porque estou atrasada nos estudos. No ensino médio da EJA eu vou conseguir terminar em dois anos o ensino médio”.</i></p>
<p style="text-align: center;"><b>Terminar o ensino médio para conseguir trabalho</b></p> <p><b>Estudante 7:</b> <i>“Porque eu não tenho tempo para estudar em outros turnos, pois trabalho”.</i></p>

**Estudante 8:** *“Porque na EJA vi como oportunidade para terminar o ensino médio e conseguir logo um trabalho”.*

**Estudante 9:** *“Porque estou atrasada nos estudos, tenho que terminar o ensino médio, apesar de ser uma idosa”.*

**Estudante 10:** *“Parei de estudar porque não tinha quem ficasse com meus. Agora que eles ficam com o pai deles, resolvi voltar a estudar à noite e concluir o ensino médio, para futuramente trabalhar fora de casa”.*

#### **Qualificação para o mercado de trabalho**

**Estudante 11:** *“Para ter uma boa qualificação no mercado de trabalho”.*

**Estudante 12:** *“Porque eu trabalho e preciso me qualificar”.*

**Estudante 13:** *“Trabalho como operador de caixa no comercio, próximo da minha casa. Por conta disso, procurei a EJA, para me qualificar”.*

**Estudante 14:** *“tenho que estudar para ter acesso ao mercado de trabalho”.*

**Estudante 15:** *“Sou jovem, tenho que terminar meus estudos e me qualificar para trabalhar”.*

#### **Entrar na faculdade**

**Estudante 16:** *“pretendo fazer faculdade, para isso tenho que terminar o ensino médio”.*

**Estudante 17:** *“Para concluir o ensino médio e entrar na faculdade”.*

**Estudante 18:** *“Terminar o ensino médio pra fazer a faculdade”.*

**Estudante 19:** *“Para fazer uma faculdade”.*

#### **Prestar concurso público**

**Estudante 20:** *“Escolhi o ensino médio EJA porque trabalho no contrato como assistente parlamentar, e tenho que ter o ensino médio para fazer o concurso público nesta área”.*

**Estudante 21:** *“Tenho vontade de fazer um concurso público, mas para isso preciso ter o ensino médio”.*

**Estudante 22:** *“Porque termino os estudos e posso fazer um concurso público”.*

Fonte: Questionário aberto (2023)

Nota-se na tabela acima que 6 educandas optaram em estudar o ensino médio EJA porque elas têm a possibilidade de concluir o ensino médio em menos tempo, visto que a organização é semestral e muitos alunos tem a concepção de que é a forma de recuperar o tempo perdido. Das participantes, 4 procuraram o ensino médio EJA porque para

conseguirem um trabalho. Também aparece entre as respostas que 5 educandas viram a EJA como o meio de qualificação e crescimento profissional. Em seguida, observa-se que 4 estudantes ingressaram no ensino médio EJA porque EJA com a necessidade de concluir a educação básica para ingressar no ensino superior. E por fim, 3 educandas responderam que estão concluindo a EJA porque querem fazer um concurso público.

Diante das respostas das educandas, entende-se que a busca pela qualificação das mulheres se deve principalmente ao fato de almejam melhores empregos, adquirirem liberdade financeira ou por desejarem manter contato com a sociedade. Porém, é perceptível que mesmo com essas mudanças positivas, as mulheres ainda não adquiriram condições igualitárias quando comparados com os homens.

De acordo com Buzioli e Tassoni (2021, p.1079) “a busca pela EJA de fato é marcada pela pretensão de novas possibilidades, tanto de mobilidade social como de possibilidade de emprego”.

Santos (2018) enfatiza que a EJA possibilita o término da educação básica, igualdade de emprego e a promoção da inclusão social. Sendo assim, muitas destas mulheres que buscam a EJA para dar continuidade dos estudos traz consigo a crença já enraizada na sociedade de que a educação é a porta para a melhoria de suas condições de vida.

Para Eiterer, Dias, Coura (2014, p.171):

(...) a situação econômica familiar, a necessidade de contribuir com a manutenção da família ou mesmo de arcar sozinha com as despesas, faz com que as mulheres busquem o trabalho. Entretanto, a baixa escolaridade dificulta o ingresso no mercado de trabalho, levando-as, por vezes, ao retorno à escola, em diferentes etapas da vida, neste caso, na modalidade EJA.

Ferreira Espinhara & Gomes Cavalcante (2021, p. 93) em seus estudos constataram que:

Os jovens e adultos retornam à escola por acreditarem que com os estudos podem alcançar objetivos pessoais como, trabalho, autonomia e aprendizado. Ou seja, estes jovens e adultos tem grandes expectativas e eles veem na escola e na educação possibilidades de melhorias em suas vidas, através de sua formação escolar, conseguirem um emprego melhor por exemplo.

A educação é a porta para diversos caminhos e oportunidades, e é exatamente isso que essas estudantes passaram a enxergar, pois além de buscar aprimoramento para conseguir um emprego que ofereça salários melhores, elas também estão buscando independência financeira.

### **5.2.2. Fatores que Dificultam a Permanência das Mulheres nos Estudos**

Atualmente, percebe-se que a temática da permanência e evasão escolar na EJA, apesar de estar sendo tema de pesquisas na última década no Brasil, ainda precisa de estudos, para que seja conhecido e compreendido, desde o motivo das mulheres ingressar nesta modalidade, até a sua permanência e conclusão. Portanto, nesta subcategoria, será analisado as respostas das participantes desta pesquisa, a partir da seguinte pergunta: Que fatores dificultam a sua permanência nos estudos?

A seguir, observa-se na Tabela 6 as seguintes respostas.

#### **Tabela 6.**

*Fatores que dificultam a permanência das mulheres no ensino médio da EJA*

<b>Que fatores dificultam a sua permanência nos estudos?</b>
<b>A família</b>
<b>Estudante 1:</b> <i>“Não ter ninguém para ficar com o meu filho no horário que vou pra escola”.</i>
<b>Estudante 2:</b> <i>“Quando meus filhos estão doentes e quando não tem quem fique com eles, não venho para a escola”.</i>
<b>Estudante 3:</b> <i>“A família”.</i>

**Estudante 4:** *“As vezes não tenho com quem deixar meus filhos”.*

#### **O Trabalho**

**Estudante 5:** *“Meu trabalho e as vezes não tenho com quem deixar os meus filhos”.*

**Estudante 6:** *“O meu trabalho, porque eu saio de casa cedo, saio de casa a 06h00min de casa e saio do trabalho às 18h 00min do trabalho, aí, se torna cansativo demais para vir para a escola.”*

**Estudante 7:** *“O trabalho e a falta de transporte”.*

**Estudante 8:** *“Já é a segunda vez que faço a 2ª etapa do EJA porque parei de estudar por causa do trabalho”.*

**Estudante 9:** *“Eu saio do trabalho direto pra escola e as vezes me atraso por conta do trabalho”.*

#### **A Distância**

**Estudante 10:** *“A escola é longe, é muito complicado”.*

**Estudante 11:** *“Moro longe da minha escola e as vezes eu chego atrasada.”*

**Estudante 12:** *“A distância da escola, o ônibus”.*

**Estudante 13:** *“A dificuldade que eu encontrei foi a distância de onde eu moro para a escola. Geralmente eu vou e volto a pé”.*

#### **O Transporte**

**Estudante 14:** *“A distância da minha casa para a escola, por isso dependo de transporte público”.*

**Estudante 15:** *“O transporte público que é precário e atrasa muito. Chego atrasada sempre”.*

**Estudante 16:** *“Não tenho transporte. Às vezes vou de ônibus ou andando”.*

#### **Falta de Recursos Financeiros**

**Estudante 17:** *“A falta de dinheiro para poder me locomover”.*

**Estudante 18:** *“Sou vendedora ambulante. Às vezes, o que vendo só garante a nossa alimentação, não sobra para o ônibus”.*

**Estudante 19:** *“A questão do dinheiro para pagar o transporte”.*

#### **Aprendizagem**

**Estudante 20:** *“Fiquei muitos anos sem estudar e tenho dificuldade em aprender”.*

**Estudante 21:** *“Não entendo muito o que os professores falam e ensinam. Eles têm que repetir pra eu entender”.*

**Saúde**

**Estudante 22:** *“Hoje estou com os estudos em atraso porque tenho problemas de saúde”.*

Fonte: Questionário aberto (2023)

De acordo com as respondentes, observa-se na tabela acima que as alunas 5, 6, 7, 8 e 9 apontam a sobrecarga do trabalho como dificuldade em permanecer nos estudos.

Segundo Ramos & Drago (2017, p. 8):

Entre estes fatores está a dupla, ou mesmo tripla jornada de trabalho, na qual a mulher se divide entre um ou mais atividades remuneradas e o cuidado com a casa. Muitas vezes estas não conseguem conciliar a demanda escolar com as de sua vida particular. Tendo então, muitas vezes, que abrir mão de algum destes aspectos, a escolarização acaba sendo o elemento sacrificado.

Logo, apesar das mulheres perceberem a incompatibilidade de conciliar as duas ou três jornadas que vivem (emprego, doméstico, estudo), isso sem contar da atenção que a família exige (marido e filhos), mesmo assim, elas dão importância em continuar os estudos, priorizando muitas vezes o trabalho porque é fonte de renda e sobrevivência, e muitas vezes os estudos são para cumprir com as exigências do emprego.

Em seguida, as estudantes 1, 2, 3, e 4 relatam como dificuldades em permanecer nos estudos os impedimentos relacionados à família, por exemplo, ter que cuidar do filho e não ter com quem deixá-los. Portanto, percebe-se que as dificuldades que essas mulheres passam entre o mundo do trabalho, familiar e do estudo, são desafios que elas enfrentam quase diariamente, e muitas vezes não são compreendidas pelos filhos, maridos ou pela própria família.

Bastos & Eiterer (2018) revelam em sua pesquisa que a inserção precoce no trabalho doméstico, o cuidado com a família, a gestação e as relações patriarcais foram

apontadas em depoimentos como motivos que induzem para o afastamento da escola, ainda na infância, quanto para a infrequência e evasão na EJA.

Segundo Bastos (2011, p.43), os fatores que concorrem para o afastamento da mulher da escola são:

Impedimento de estudar pela família, por acreditar que mulher não precisava de estudo; entrada no mercado de trabalho precocemente para contribuir com o sustento do grupo familiar; a constituição social do casamento; nascimento dos filhos, retendo-as no âmbito doméstico. Assim, mais tarde, com os filhos e mesmo, por vezes, os netos criados, viúvas, separadas, aposentadas, enfim, superada a etapa anterior totalmente ou em parte, de cuidar do outro, podem recuperar o sonho e, então, cuidar de si, retornando à escola.

As educandas 17, 18 e 19, ao apontarem como dificuldade o baixo rendimento financeiro, logo, entende-se que este fator contribui para a evasão escolar na EJA.

Segundo Paiva (2006, p. 33):

A evasão e a inconclusão dos estudos expressam o fracasso do Estado no que se refere às políticas educacionais e às políticas sociais em geral, porque uma das causas mais acentuadas do afastamento da escola diz respeito à pobreza, que exige, nas famílias, mais braços trabalhando para aumentar a renda familiar.

O poder público deve implementar políticas públicas voltadas para as mulheres estudantes da EJA, garantindo o direito de alcançar a educação, assim como no que se refere à conclusão de todos os níveis de escolaridade.

Para as estudantes 10, 11, 12, e 13 a distância entre a escola e as suas residências é um obstáculo para permanecer estudando. As alunas 14, 15, e 16 mencionam a falta de transporte próprio. Logo, entende-se que não tem escola próximo da casa das educandas. Isso se torna um obstáculo para os estudos, pois as alunas precisam de um tempo maior para se deslocar de casa para escola e principalmente, devido ter a necessidade de pagar por esse deslocamento. A solução mais viável para esses fatores, seria o governo

disponibilizar um valor de auxílio transporte para as mulheres estudantes da EJA ou a gratuidade do transporte coletivo para as educandas irem à escola.

As alunas 20, e 21 têm dificuldades de aprender os conteúdos, pois estavam bastante tempo sem estudar. As dificuldades das alunas 20 e 21, também são apontadas nos estudos de Braz & Costa (2015, p. 49):

O terceiro motivo mais citado foi à falta e compreensão dos conteúdos ensinados pelos professores. Os conteúdos de matemática são, segundo os entrevistados, os mais difíceis seguidos de português e ciências. Os educandos relatam que os professores não dão a devida atenção e que eles têm vergonha de falarem aos professores quando não entendem o conteúdo que está sendo repassado.

Diante deste contexto, entende-se que o professor deve possibilitar o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem baseado na realidade vivida pelos alunos, jamais se reduzindo à simples transmissão de conhecimentos. Pois, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pelos estudantes atendidos na EJA, a escola é vista como caminho para a ascensão e oportunidades, desenvolvendo nos educandos competências e habilidades que proporcionam melhores condições de trabalho e vida.

De acordo com Soares e Pedroso (2013),

[...] cabe destacar que a singularidade dessa modalidade educativa em relação às outras engendra uma dinâmica própria do público que ela atende. Quando nos referimos ao educando jovens e adultos, não nos reportamos a qualquer sujeito vivenciando a etapa de vida jovem ou adulta, e sim a um público particular e com características específicas: sujeitos que foram excluídos do sistema escolar (possuindo, portanto, pouca ou nenhuma escolarização); indivíduos que possuem certas peculiaridades socioculturais; sujeitos que já estão inseridos no mundo do trabalho; sobretudo, sujeitos que se encontram em uma etapa de vida diferente da etapa da infância (p. 252).

E pôr fim a educanda 22 enfatiza que os problemas de saúde são vistos como dificuldades para a sua permanência em sala de aula. Nesse sentido, compreende-se que o enfrentamento dos desafios da evasão escolar na modalidade EJA está aliada às diferentes formas com que os alunos são afetados pelas inúmeras situações que a vida os impõe. Portanto, percebe-se que as dificuldades que as mulheres da EJA enfrentam, sejam elas externas, internas, ou individuais, influenciam de maneira direta no processo de desenvolvimento em sala de aula.

Nesse contexto, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) surge como uma alternativa crucial para promover a inclusão social, o avanço econômico e o fortalecimento da identidade das mulheres que buscam completar sua educação formal. (Stecanela, Aliardi e Lorensatti 2014). Portanto, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pelas alunas atendidas na Educação de Jovens e Adultos, a escola é vista como caminho para a ascensão e oportunidades, desenvolvendo competências e habilidades que proporcionam melhores condições de trabalho e vida.

### **5.2.3. Fatores Positivos para a Permanência das Mulheres nos Estudos**

Sabe-se que existem várias situações e desafios na Educação de Jovens e Adultos, despertando a atenção ao alto índice de evasão escolar das mulheres. Mas, por outro lado existem os fatores que contribuem para que as mulheres da EJA possam continuar e concluir os seus estudos.

De acordo com Faria (2013) existem propostas de estratégias para garantir a permanência do estudante na EJA, tais como: levantamento dos dados para melhor conhecer os alunos, diálogo com os profissionais da escola sobre os fatores que dificultam a entrada e a permanência do jovem, adultos e idoso na escola; comunicação com os alunos que se afastaram a fim de facilitar o seu retorno; monitoramento da frequência de todas as idades, com estratégias sistemáticas para os que apresentarem faltas; buscar meios para sanar as dificuldades na aprendizagem do conteúdo; apresentar diferentes recursos de aprendizagem aos educandos, bem como uma metodologia contextualizada.

Nesse sentido, é fundamental que a EJA ofereça condições e oportunidades para que a evasão e a desmotivação não sejam problemas recorrentes nessa modalidade de ensino.

Conforme observa Cittadin (2015, p. 15), "um dos desafios atuais das escolas é assegurar que os jovens e adultos permaneçam no sistema de ensino formal, concluam sua educação básica e, eventualmente, ingressem no ensino superior". Sendo assim, nesta subcategoria se analisará os fatores positivos que contribuem para a permanência das mulheres na EJA.

Na Tabela 7, verifica-se as respostas das participantes com relação a estes fatores que contribuem para a permanência das mulheres na 2ª etapa do ensino médio EJA.

**Tabela 7.**

*Fatores que contribuem para a permanência das estudantes na EJA*

<b>Quais os fatores positivos que contribuem para a permanência nos estudos?</b>
<b>Família</b>
<b>Estudante 1:</b> <i>"Quando penso que preciso ajudar os meus pais e o meu filho".</i>
<b>Estudante 2:</b> <i>"Quero dar uma vida melhor para o meu filho".</i>
<b>Estudante 3:</b> <i>"O apoio da minha família e a conquista de um futuro melhor".</i>
<b>Estudante 4:</b> <i>"Quando penso na minha família".</i>
<b>Estudante 5:</b> <i>"Tenho que ajudar os meus filhos".</i>
<b>Aprendizagem</b>
<b>Estudante 6:</b> <i>"Passei muitos anos sem estudar, agora na EJA tenho que aprender e me formar".</i>
<b>Estudante 7:</b> <i>"A força de vontade e de aprender".</i>
<b>Estudante 8:</b> <i>"Pra mim é o aprendizado mesmo, porque se eu melhorar meu aprendizado, vou conseguir meu objetivo".</i>
<b>Estudante 9:</b> <i>"Percebi que tenho que aprender mais pra ser alguém na vida".</i>
<b>Trabalho</b>
<b>Estudante 10:</b> <i>"É entender que o meu futuro depende apenas de mim. Preciso trabalhar".</i>
<b>Estudante 11:</b> <i>"Preciso terminar os estudos para trabalhar".</i>
<b>Estudante 12:</b> <i>"Penso todos os dias em concluir os estudos pra conseguir um trabalho melhor".</i>

<p><b>Estudante 13:</b> <i>“ser alguém na vida e ter um bom emprego”.</i></p> <p><b>Estudante 14:</b> <i>“Sou diarista, é um trabalho muito cansativo. Resolvi estudar novamente para conseguir um trabalho melhor”.</i></p> <p><b>Estudante 15:</b> <i>“Conseguir uma profissão digna”.</i></p>
<p style="text-align: center;"><b>Faculdade</b></p> <p><b>Estudante 16:</b> <i>“A vontade de fazer uma faculdade”.</i></p> <p><b>Estudante 17:</b> <i>“Penso em terminar e fazer uma faculdade”.</i></p> <p><b>Estudante 18:</b> <i>“Conseguir meu diploma para fazer uma faculdade”.</i></p> <p><b>Estudante 19:</b> <i>“Entrar para uma faculdade”.</i></p>
<p style="text-align: center;"><b>Concluir o Ensino Médio</b></p> <p><b>Estudante: 20:</b> <i>“Terminar o ensino médio”.</i></p> <p><b>Estudante: 21:</b> <i>“Concluir o ensino médio e ter a formatura dos meus sonhos”.</i></p> <p><b>Estudante 22:</b> <i>“Terminar os estudos”.</i></p>

Fonte: Questionário aberto (2023)

De acordo com as respostas apresentadas na tabela acima, as Estudantes 1, 2, 3, 4, e 5 ressaltam que continuam estudando porque recebem o incentivo, apoio dos familiares; pensam em dar uma melhor condição de vida para os seus filhos.

Santos (2014), enfatiza que as mulheres retomam os estudos motivadas pelo desejo de conseguir um bom emprego, elevação da autoestima, independência, dar exemplo aos seus filhos.

Para Klein (2003, p. 11):

Os alunos da educação de jovens e adultos apresentam, via de regra, características próprias: são, majoritariamente, trabalhadores (às vezes desempregados) ou filhos de trabalhadores que vivem uma condição socioeconômica que determina inúmeras restrições. Entre estas, encontra-se, evidentemente, a própria possibilidade de eles se enquadrarem nas exigências do modelo escolar regular, bem como a emergência de interesses imediatos específicos, marcados pela busca de mecanismos de sobrevivência.

Deste modo, a educação de jovens e adultos torna-se um direito, uma oportunidade para a formação social, principalmente para as mulheres, que atualmente vivem uma dupla jornada de trabalho, e buscam cada vez mais condições dentro da sociedade e ajudar sua família.

Para as Estudantes 6, 7, 8, e 9 a aprendizagem é um fator primordial para permanecer estudando. Essas respostas transmitem e reforçam a ideia de que a EJA precisa ter a preocupação com a emancipação e contextualização, já que as alunas tem o desejo de aprender, como se observa na fala da Estudante 8: *“Pra mim é o aprendizado mesmo, porque se eu melhorar meu aprendizado, vou conseguir meu objetivo”*.

Neste contexto, a estudante da EJA busca, através da educação, a transformação da vida, a ampliação de suas possibilidades e a significação de seus conhecimentos. Logo para Buzioli e Tassoni (2021) os alunos da EJA são sujeitos histórico-culturais com saberes, com cultura e, também, com projetos de vida. Carregam marcas das suas experiências de vida e a escola é vista como parte do projeto de transformação da vida do aluno.

As Estudantes 10, 11, 12, 13, 14, e 16 responderam que permanecem estudando porque pretendem conseguir um emprego futuramente. Logo, observando as respostas das alunas, pode-se analisar que o motivo principal para a permanência destas alunas é o trabalho, demonstrando, mais uma vez, a preocupação destas mulheres com a melhoria de suas atividades remuneradas e a importância que o trabalho tem na vida.

Santos (2014), ressalta que as mulheres retomam os estudos motivadas pelo desejo de conseguir um bom emprego, elevação da autoestima, independência, dar exemplo aos seus filhos. Logo, a busca pela qualificação das mulheres se deve principalmente ao fato de almejarem melhores empregos, adquirirem liberdade financeira ou por desejarem manter contato com a sociedade. No entanto, o aspecto que diferencia essa busca por empregos está na busca por trabalho digno. Elas expressam o desejo não apenas de trabalhar, mas de fazê-lo de maneira digna, o que inclui uma remuneração adequada, satisfação com a atividade desempenhada, melhoria na qualidade de vida e,

possivelmente, uma ocupação menos extenuante. Tais elementos parecem escassear em suas funções atuais.

Para as Estudantes 16, 17, 18, e 19, o fator positivo para permanecer estudando é o sonho de fazer uma faculdade. Nestas respostas as alunas expressam o desejo de estudar para alcançar uma nova situação para si mesmas, por meio da continuidade nos estudos, como formadas em algum curso superior.

As respostas destas mulheres estão de acordo com os objetivos gerais propostos pela Proposta Curricular de Educação de Jovens e Adultos (Brasil, 1997, p. 48) que buscam:

Incorporar-se ao mundo do trabalho com melhores condições de desempenho e participação na distribuição da riqueza produzida. Ter acesso a outros graus ou modalidades de ensino básico e profissionalizante, assim como a outras oportunidades de desenvolvimento cultural.

Sendo assim, essas mulheres buscam na escola mais do que conteúdos prontos a serem reproduzidos, como cidadãs elas querem se sentir ativas e participativas e algumas sonham em conseguir frequentar uma faculdade. A motivação e a confiança em querer continuar os estudos, empodera essas estudantes, possibilitando o retorno ao sonho e desejo em realizar suas profissões.

As Estudantes 20, 21 e 22, o motivo delas continuarem frequentando as aulas é a possibilidade de concluir o ensino médio. As mulheres que buscam a EJA possuem objetivos específicos, destintos e individuais. A partir dessa perspectiva, Gonçalves (2014, p. 11) aponta que, “[...] os alunos têm objetivos diferentes para entrar, permanecer e concluir ou não a escola, e o objetivo principal não é necessariamente a busca por certificações ou conclusão formal”.

Para Cittadin (2015, p. 15) “um dos desafios da escola atual é tentar garantir a permanência dos jovens e adultos no seu retorno ao sistema formal de educação, sua posterior conclusão na educação básica e futura entrada no sistema de ensino superior”.

Considerando que nos dias atuais estudar é um desafio, estudar na EJA é um desafio maior ainda, pois seu público alvo são pessoas que ficaram por vários anos sem frequentar escolas; são jovens que não foram bem-sucedidos no ensino regular; são homens e mulheres que tem família, que trabalham o dia inteiro e precisam vencer a fadiga e às vezes a própria família para continuarem na vida estudantil.

#### **5.2.4. Contribuição da Prática Docente na Permanência das Estudantes na Escola**

Motivar os alunos, manter o interesse dos estudantes pelos estudos e a permanência deles em sala de aula é uma preocupação predominante para os docentes. Muitos professores reconhecem a dificuldade dos alunos da EJA, principalmente aqueles que estudam a noite. Logo, para lidar com este desafio, os docentes buscam estratégias diferenciadas com o intuito de contribuir com a permanência dos educandos na escola. Diante deste contexto, esta subcategoria apresenta as contribuições da prática docente na permanência das mulheres concluintes do ensino médio EJA.

Na Tabela 8, pode-se verificar as respostas das estudantes, a partir da seguinte pergunta: que estratégias o professor adota para motivar você a estudar e concluir o ensino médio EJA?

**Tabela 8.**

*Estratégias adotadas pelos professores para motivar as estudantes*

<b>Que estratégias o professor adota para motivar você a estudar e concluir o ensino médio EJA?</b>
<p style="text-align: center;"><b>Atividades Diversificadas e em Grupo</b></p> <p><b>Estudante 1:</b> <i>“Passam atividades em grupo”.</i></p> <p><b>Estudante 2:</b> <i>“Fazem dinâmicas para não deixar a gente dormir na aula e passam atividades em grupo”.</i></p> <p><b>Estudante 3:</b> <i>“Aulas com dinâmicas e em grupo”.</i></p> <p><b>Estudante 4:</b> <i>“Aulas com vídeos, filmes, dinâmicas”.</i></p>

**Estudante 5:** *“A maioria dos professores trabalham com apostila e trabalho em grupo, eu acho bom assim”.*

**Estudante 6:** *“Com atividades diversificadas”.*

**Estudante 7:** *“Aulas diversificadas como dramatização, trabalho em grupo”.*

**Estudante 8:** *“Os professores passam trabalhos em grupo, com música pra aula não ficar chata”.*

**Estudante 9:** *“A professora de português sempre passa atividade pra apresentar em grupo, faz trabalho em dupla, leva livros pra gente ler. Ela diz que a aula não pode ser cansativa”.*

**Estudante 10:** *“Passam atividades no livro, filmes, pesquisa, acho que é só”.*

**Estudante 11:** *“Jogos, dinâmicas, trabalho em grupo”.*

### **O Diálogo**

**Estudante 12:** *“Conversam, dão conselho para vencermos na vida e fazem atividades diferenciadas”.*

**Estudante 13:** *“O diálogo com cada aluno e compreendendo as nossas dificuldades”.*

**Estudante 14:** *“A compreensão e a atenção que eles nos dão”.*

**Estudante 15:** *“O diálogo”.*

**Estudante 16:** *“O carisma e a atenção dos professores e a conversa, sempre nos encorajando pra não desistir”.*

**Estudante 17:** *“O diálogo e as atividades em grupo”.*

**Estudante 18:** *“O diálogo e o trabalho em grupo”.*

**Estudante 19:** *“As dinâmicas, o diálogo”.*

**Estudante 20:** *“Quando disse pra professora que não ia mais estudar no segundo semestre por causa do trabalho, a professora conversou comigo para não desistir porque já faltava três meses para eu concluir. Ela me mostrou o que já tinha avançado”*

### **O Acolhimento**

**Estudante 21:** *“A maneira que me acolhem para me ouvir, com muita atenção e cuidado”.*

**Estudante 22:** *“Por várias vezes eu pensei em desistir, mas os professores me aconselharam a não parar. Tem duas professores que sempre pergunto como estou e tiram um tempo pra me ouvir e aconselhar”.*

Fonte: Questionário aberto (2023)

Na tabela 8, nota-se nas respostas das Estudantes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 que os docentes utilizam atividades diversificadas como dramatização, música, trabalho em grupo, dinâmicas, vídeos como estratégias para as motivarem a continuar os estudos e concluir.

Para Santos (2007) os educadores têm a responsabilidade de criar estratégias metodológicas que despertem o interesse dos alunos, permitindo que a escola alcance sua função social plenamente e supere questões como o fracasso escolar, a repetência e a evasão.

Na visão de Freire (2019) a educação deve ser realizada na perspectiva de reflexão, ação e reflexão, por isso, a organização dos conteúdos indicados para a prática da EJA, exige-se a reflexão e esta, muitas vezes, está subordinada ao fazer metodológico utilizado na prática pedagógica.

Sendo assim, percebe-se que o papel do professor em sala de aula é de facilitador do processo, no qual é organizado pelo conhecimento sistemático, pelo qual pode-se encontrar os conteúdos, as disciplinas e de maneira transversal, visando o que é adotado pelo docente, ao romper com o ensino conteudista, por meio da interdisciplinaridade na busca do conhecimento.

As Estudantes 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, e 20 responderam que os professores fazem uso do diálogo como estratégia para não desistirem e continuar estudando. Portanto, percebe-se nas falas das alunas que o diálogo é trazido como elemento central não só da relação professor e aluno, mas do processo ensino e aprendizagem, pois os professores procuram entender o que os alunos buscam na sala de aula, o que precisam aprender e para que precisam aprender, com o intuito de tornas as aulas significativas.

Segundo Freire (1980, p.42):

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens

encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial.

Os professores da EJA devem trazer metodologias de ensino para motivar, estimular e despertar o interesse dos estudantes para desenvolverem o conhecimento e terem o desejo de estar no espaço de sala de aula e concluir os seus estudos.

Nas falas das Estudantes 21, e 22 evidencia-se em suas respostas a palavra “*Acolhimento*” que reflete a gratidão e valorização dos professores em se preocupar com as alunas, mostrando possibilidades para pertencer ao espaço educativo e as encorajando em relação aos seus anseios quanto à sua trajetória escolar e social. Logo, neste ato de acolhimento, percebe-se que é uma maneira da professora empoderar as mulheres estudantes da EJA, para a conscientização de que juntas elas podem tornar a vida de todas mais fácil, adquirindo conhecimento e novas oportunidades para as suas vidas.

Leal (2018), a partir de uma análise baseada nas ideias freirianas a respeito do empoderamento de mulheres educandas da EJA, diz que elas perpassam por um processo de conquistas e reconquistas de autonomia e autoestima ao voltar a escola para desenvolver novos conhecimentos e ampliar os seus horizontes. Essa expansão de visão de mundo ocorre tanto no contexto da família, do trabalho, da sociedade, da cultura, da política, economia. Essas mulheres passam de pessoas invisíveis, sem poder de fala a protagonistas de tudo o que envolve a sua vida.

Xavier (2021) enfatiza que as alunas que frequentam a modalidade de ensino EJA trazem consigo uma variedade de características singulares, incluindo diversas origens culturais e as marcas deixadas pela violência ao longo de suas vidas. O objetivo primordial da educação EJA é ampliar as oportunidades de educação para esses jovens e adultos, especialmente quando consideramos os motivos que os levaram a abandonar a escola regular durante a infância ou adolescência

Para Alves e Backers (2016) o papel do educador da EJA é abrir os caminhos, ampliando possibilidades ao educando. Assim, na prática, o educador deve expor aos alunos jovens e adultos que é possível mudar transformando sua realidade, sua história.

E isso só é possível para quem se deixar acreditar, para quem quer aprender e também quer ensinar; é por isso que o educador precisa observar a sua prática, para que ela possa atender às necessidades do seu aluno, contribuir para sua transformação e, acima de tudo, respeitando suas crenças.

### 5.3. Perspectivas Futuras das Mulheres Concluintes do Ensino Médio EJA

Esta categoria tem o objetivo de descrever as perspectivas futuras das estudantes ao concluir o processo de escolarização do ensino médio por meio da modalidade EJA. Fez-se as seguintes perguntas para as participantes: Quais são as suas expectativas ao concluir o ensino médio EJA?

Na Tabela 9, observa-se as respostas das respondentes com relação ao objetivo desta categoria.

**Tabela 9.**

*Expectativas futuras das estudantes ao concluir o ensino médio EJA*

Quais são as suas expectativas ao concluir o ensino médio EJA?
<b>Estudante 1:</b> <i>“Fazer o ENEM para entrar na universidade e conseguir um emprego”.</i>
<b>Estudante 2:</b> <i>“Entrar numa faculdade, arrumar um emprego melhor para ajudar minha família”.</i>
<b>Estudante 3:</b> <i>“Fazer a faculdade de medicina”.</i>
<b>Estudante 4:</b> <i>“Um curso de enfermagem e faculdade”.</i>
<b>Estudante 5:</b> <i>“Continuar estudando até realizar os meus objetivos que é fazer uma faculdade de medicina”.</i>
<b>Estudante 6:</b> <i>“Faculdade de enfermagem”.</i>
<b>Estudante 7:</b> <i>“Pretendo fazer uma faculdade de Direito e ingressar na carreira militar”.</i>
<b>Estudante 8:</b> <i>“Fazer uma faculdade de designer em moda”.</i>
<b>Estudante 9:</b> <i>“Fazer uma faculdade de pedagogia”.</i>
<b>Estudante 10:</b> <i>“Pretendo fazer curso profissionalizante e conseguir um emprego”.</i>

- Estudante 11:** *“Fazer um curso de corte e costura”.*
- Estudante 12:** *“Entrar no mercado de trabalho”.*
- Estudante 13:** *“Fazer uma faculdade e arrumar um emprego”.*
- Estudante 14:** *“Fazer a faculdade de Odontologia”.*
- Estudante 15:** *“Fazer um cursinho e depois a faculdade”.*
- Estudante 16:** *“Pretendo fazer cursos, faculdade”.*
- Estudante 17:** *“Fazer um curso técnico em TI”.*
- Estudante 18:** *“Fazer um cursinho e depois o ENEM”.*
- Estudante 19:** *“Fazer uma faculdade na área de Administração”.*
- Estudante 20:** *“Entrar na faculdade e fazer concurso público”.*
- Estudante 21:** *“Fazer faculdade de enfermagem”.*
- Estudante 22:** *“Fazer o ENEM pra entrar na faculdade”.*

Fonte: Questionário aberto (2023)

Em relação às expectativas das estudantes em concluir o ensino médio EJA, todas foram unânimes e responder que pretendem ingressar no ensino superior. Sobre as expectativas em relação ao futuro, as Estudantes 1, 2, 10, 12, e 13 esperam arrumar um emprego. Compreende-se que as mulheres buscam na EJA a certificação de seus estudos para ingressar na educação superior, e ter as chances de melhorar sua qualidade de vida por meio do aprimoramento dos estudos, almejando o seu empoderamento e oportunidades de emprego e assim, uma maior remuneração para a própria subsistência e de seu núcleo familiar.

Segundo Freire (1994, p.5) “o homem é um ser inconcluso, que está em constante processo de construção e é, justamente, nesse sentimento de incompletude que se aloca a força e as motivações de buscar-se completo”. Neste caso em buscar o completo, estão as mulheres estudantes da EJA que possuem o desejo de terminar os estudos na sua trajetória de vida. Desse modo, a educação tem sido apontada como o caminho para melhoria de vida das pessoas e mudanças em virtude da possibilidade de empregabilidade.

De acordo com Viganó e Laffin (2016) a escola tem papel significativo nas relações sociais principalmente nas turmas de EJA em que as educandas relacionam o ambiente

escolar a um espaço de socialização, de enfrentamento das desigualdades, de conquistas de autonomia, de emancipação e empoderamento feminino.

Xavier (2021) enfatiza que as alunas que frequentam a modalidade de ensino EJA trazem consigo uma variedade de características singulares, incluindo diversas origens culturais e as marcas deixadas pela violência ao longo de suas vidas. O objetivo primordial da educação EJA é ampliar as oportunidades de educação para mulheres. A Educação de Jovens e Adultos (EJA), nesse contexto, emerge como um novo e único caminho para reacender os sonhos que haviam sido deixados de lado.

Segundo Leal (2018) as mulheres com a ajuda da educação estão deixando seu papel de indivíduo submisso, estão procurando ampliar seu lugar na sociedade, lutando para realizar as próprias vontades e pela igualdade de gênero tanto nas escolas quanto nos trabalhos. Através da EJA muitas mulheres conseguiram ampliar os seus estudos, realizar o sonho de conseguir um diploma, prestar concurso público e entrar no mercado de trabalho. Essas mulheres através do seu esforço se tornaram exemplos para outras mulheres.

A maior contribuição que a EJA pode dar às educandas e educandos é a leitura crítica do mundo a sua volta, o acesso aos conhecimentos historicamente produzidos, ensinar sobre cidadania, sobre a vida, sobre os direitos de todas as pessoas, especialmente as mulheres e as pessoas negras, para conseguirmos um mundo mais justo e democrático.

## **CAPÍTULO 6: CONCLUSÃO**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino fundamental e médio com o intuito de oferecer oportunidades de aprendizagem continuada as pessoas que não conseguiram concluir os estudos. Sendo assim, para Silva (2021) os sujeitos da EJA são trabalhadores que passam o dia no trabalho e escolhem o período noturno para estudar; muitas vezes são analfabetos funcionais, ou seja, sabem reconhecer as letras. Os sujeitos que trabalham sentem uma necessidade de voltar aos estudos por dificuldades de compreensão ou para levar seus conhecimentos adquiridos para o seu local de trabalho. Eles veem a educação como algo que possa mudar o seu dia a dia ou para alcançar outros objetivos como melhorar seu emprego e desenvolvimento. Logo, o programa educacional que mais possibilita a inserção de mulheres na educação é a Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois as mulheres tendem a desistir do ensino regular por conta de família ou filhos, mas também tendem a voltar mais tarde aos estudos, via EJA.

De acordo com Dias et al. (2005, p. 50), "os sujeitos destinatários da pedagogia da EJA apresentam características que vão além da não infância, baixa escolaridade e pertencimento às camadas populares."

De acordo com Fernandes, Nascimento, Silva, Oliveira e Ferreira (2016) esse modelo de educação:

Possibilita que as mulheres que por diversos motivos tiveram que deixar de frequentar as salas de aula, como a necessidade de trabalhar desde a menoridade, a constituição da família que sobrecarrega ou a falta de transporte para o deslocamento até a escola, a retornarem para o âmbito escolar.

Refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) requer uma análise particularizada da participação das mulheres, que historicamente foram vítimas de uma longa trajetória de exclusão educacional no Brasil. Suas jornadas foram predominantemente caracterizadas pela submissão aos papéis de gênero tradicionais.

Embora tenham lutado por seu espaço na sociedade, as mulheres continuam enfrentando desafios na busca por seus direitos.

Nesta perspectiva, esta pesquisa buscou analisar o processo de permanência das mulheres da 2ª etapa do Ensino Médio EJA, do ano de 2023, do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo, situada em Macapá, no Estado do Amapá. Com base nas análises e nos resultados, se discorre a conclusão desta pesquisa conforme os objetivos propostos.

Dessa forma em relação ao objetivo 1º que trata de caracterizar o perfil das estudantes da EJA, considerando suas condições socioeconômica e familiar. Os dados obtidos revelam que as turmas da 2ª etapa do ensino médio EJA são compostas em sua maioria por mulheres autodeclaradas pardas, com a faixa etária entre 18 a 20 anos, a maioria das participantes são mulheres solteiras, apenas nove mulheres possuem filhos. Entre essas mulheres, 14 realizam atividade remunerada, de até um salário mínimo como: manicure, babás, vendedoras ambulantes, costureira, diarista, operadora de caixa e assessora parlamentar.

Entende-se que a necessidade de contribuir para a renda familiar leva muitos as mulheres a deixarem a escola antes de concluírem o ensino fundamental. Outras optam por estudar no período noturno, o que pode dificultar a conciliação entre trabalho e estudo. A pressão econômica muitas vezes força essas mulheres a priorizar o trabalho em detrimento da educação formal.

Segundo Silva (2021, p.5):

A Educação de Jovens e Adultos garante o direito daqueles educandos/as que não frequentaram a escola no período regular de ensino. É uma modalidade de ensino que requer muito planejamento por parte dos docentes, por ser composta por alunos de faixas etárias diferenciadas.

Muitos trabalham, e têm dificuldades e especificidades distintas.

No que diz respeito ao 2º objetivo que busca identificar os fatores que dificultam e fatores que contribuem para a permanência das estudantes na EJA. De acordo com as

respostas das estudantes os fatores mais recorrentes que dificultam a permanência das estudantes se referem a impedimentos relacionados à família, como por exemplo, ter que cuidar do filho. Em seguida vem a sobrecarga do trabalho, a falta de transporte próprio, a distância entre a escola e as suas residências é um obstáculo para permanecer estudando. As alunas mencionaram também a falta de dinheiro para pagar o transporte, problemas de saúde e pôr fim a dificuldade em aprender. Todos esses fatores sejam eles externos, internos, ou individuais influenciam de maneira direta o desenvolvimento das estudantes em sala de aula. Logo, as dificuldades que essas mulheres passam entre o mundo do trabalho, familiar e do estudo, são desafios que elas enfrentam quase diariamente, e muitas vezes não são compreendidas pelos filhos, maridos ou pela própria família.

Segundo Buzioli e Tassoni (2021, p.1075) as histórias de impossibilidades de acesso e permanência na escola, são marcadas por:

Problemas familiares, dificuldades socioeconômicas, necessidade de trabalho na infância, impossibilidade de estudo para dedicação e cuidados de filhos e familiares, impedimento pelo cônjuge, entre outros, constitui-se como justificativas para o impedimento de acesso e permanência na escola.

Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas na EJA, as mulheres têm buscado superar as barreiras das desigualdades, especialmente as de gênero. Isso lhes permite ampliar sua visão de mundo, manter-se atualizadas e participar de forma mais ativa nos espaços de cidadania.

Na perspectiva dos fatores que contribuem para a permanência das estudantes na modalidade EJA, elas ressaltaram que continuam estudando porque recebem o incentivo, apoio dos familiares; pensam em dar uma melhor condição de vida para os seus filhos; enfatizaram que a aprendizagem é um fator primordial para permanecer estudando porque pretendem conseguir um emprego futuramente, e realizar o sonho de concluir o ensino médio e ingressar na faculdade.

Constatou-se que os professores também contribuem para a permanência das educandas em sala de aula, pois os docentes utilizam atividades diversificadas como

dramatização, música, trabalho em grupo, dinâmicas, vídeos. Fazem o acolhimento das alunas em momentos difíceis, assim como utilizam do diálogo como estratégias para as motivarem a continuar os estudos e concluir.

Portanto, entende-se que os docentes buscam exercer uma prática que atende às especificidades do público feminino da EJA, proporcionando as condições mais adequadas à aprendizagem, sem perder de vista as expectativas das alunas e o contexto das mesmas, buscando posturas e metodologias que atendam aos objetivos do ensino médio EJA, em especial ao de elevar a autoestima dessas mulheres.

Os maiores desafios na prática docente do ensino da EJA, estão na motivação e na permanência do aluno na escola. Uma prática docente que possa motivá-los a seguir seus estudos, que possa despertar seus sonhos, que faça com que os alunos que irão permanecer em sala de aula, são desafios que exigem cada vez mais do professor, da sua prática docente no cotidiano da atualidade. Sendo assim, identificar os fatores que contribuem para a permanência das estudantes concluintes do ensino médio EJA é importante e necessário, contudo, eles devem ser compreendidos de forma ampla, em sua complexidade, levando em consideração todo o contexto político, social, familiar, educacional e pessoal, no qual a estudante está inserida.

Sobre o 3º objetivo que visa descrever as perspectivas futuras das estudantes ao concluir o processo de escolarização do ensino médio por meio da modalidade EJA concluiu-se que estudantes têm o desejo de concluir o ensino médio EJA; querem fazer o ENEM para ingressar no nível superior; algumas pretendem se qualificar, assim como conseguir um emprego e fazer um concurso público.

Segundo Santos (2014), as mulheres retomam os estudos motivadas pelo desejo de conseguir um bom emprego, elevação da autoestima, independência, dar exemplo aos seus filhos. Deste modo, a educação de jovens e adultos torna-se um direito, uma oportunidade para a formação social, principalmente para as mulheres, que atualmente vivem uma dupla jornada de trabalho, e buscam cada vez mais condições de igualdade entre os gêneros.

Segundo Leal e Guerra (2019, p. 11):

A realidade dos alunos da EJA não é fácil e, por isso, é fundamental um tratamento respeitoso oferecendo a qualidade de educação e a aquisição de conhecimentos de que todos têm direito. Ao garantir esses direitos aos alunos do turno noturno estaremos promovendo mais educação, menos desigualdade social. Sendo assim, podemos evidenciar que ao professor, cabe a tarefa de trabalhar no contexto social de sala de aula, a partir do conhecimento da realidade de seu aluno, das necessidades, exigências, expectativas, interesses e desejos dos indivíduos.

Logo, a educação básica de jovens e adultos deve oportunizar a integração dessa educação em suas realidades e necessidades, principalmente no que diz respeito ao trabalho, buscando formas diferenciadas de ação educativa dos professores e aprendizagem dos alunos estudantes.

A modalidade EJA deve ser a porta de entrada da educação para este público. Sendo assim, é preciso trabalhar as diferenças e necessidades de formação destas estudantes, mesmo que a sua principal motivação seja a procura trabalho no mercado, é preciso ter claro que hoje o papel da escola vai além e que a responsabilidade por essa formação é de cada um, principalmente do Estado, na promoção de políticas públicas que viabilizem o alcance de as metas propostas.

### **6.1. Recomendações**

Considerando a trajetória histórica das mulheres na Educação de Jovens e Adultos, a relação da mulher com os estudos sempre foi marcada pela busca ao direito a igualdade sendo o direito aos estudos uma conquista valorosa (Palácios; Reis; Gonçalves, 2017).

Atuando como educadora de Jovens e adultos, observa-se que há muito que melhorar com relação ao ensino da EJA, principalmente para as mulheres, pois exercem vários papéis na sociedade – mães, chefes de família e ainda trabalham fora de casa. E

que apesar das dificuldades, desigualdades e preconceitos, essas mulheres ainda veem a educação como uma alternativa para mudar de vida. Ou seja, a EJA é um espaço para o empoderamento de mulheres por ser a base da realização de sonhos como o de prestar um concurso público, conseguir um emprego melhor, a ampliação dos estudos e a conquista do diploma.

De acordo Palácios, Reis e Gonçalves (2017, p. 106) as mulheres são responsáveis por constituírem uma parcela cada vez maior de estudantes, ultrapassando os homens tanto na procura por educação, quanto em anos de escolaridade. A fim de contribuir com essas questões, o resultado desta pesquisa identificou os fatores que dificultam a permanência das estudantes nas instituições de ensino.

Diante das conclusões apresentadas, apresenta-se algumas recomendações:

Com base em tais resultados, sugere-se a criação e implementação de políticas públicas independentes para a EJA, principalmente para as mulheres. Não obstante, mesmo com o avanço das legislações para essa modalidade de ensino, as políticas educacionais ainda são problemáticas e ausência de políticas públicas impedem esses jovens e adultos que não tiveram oportunidade e a escolarização na idade correta superem a exclusão social.

Para a Faria (2013, p.73) a criação de indicadores de qualidade permite à sociedade acompanhar melhor os resultados das políticas públicas e da educação com um todo, a fim de reivindicar melhorias no setor.

Neste caso sentido, sugere-se que sejam implementadas políticas públicas independente para a EJA, principalmente para as mulheres, como:

➤ Bolsa de estudos para custear transporte escolar para estudantes da EJA, que tem renda familiar baixa, em especial as mulheres que precisam levar seus filhos para escola.

- Atendimento para os filhos pequenos como por exemplo, mais creches para que as mães deixem seus filhos enquanto estudam, brinquedotecas com monitores nas escolas para cuidar dos filhos enquanto as mães estão em sala de aula, no período noturno, no qual as creches não funcionam.
- Implementar ensino médio profissionalizante, tendo iniciação no ensino fundamental II.
- Articulação da Secretaria de Educação através do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos com empresas para garantir estágios e posterior efetivação de emprego.
- Melhorias na qualidade da alimentação escolar, considerando que os alunos e as alunas trabalhadores e trabalhadoras vem direto do trabalho para a escola.
- Diálogo da Secretaria de Educação com as empresas para que os alunos e alunas que estudam sejam liberados no horário das aulas, para que esses não sejam prejudicados nos seus estudos.
- Políticas públicas precisam ser criadas e aperfeiçoadas e a sociedade precisa reivindicar melhorias por meio de movimentos organizados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvarenga, E. M. de. (2019). *Metodologia da investigação: quantitativa e qualitativa. Normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos*. 2ª edição. 3ª reimpressão. Versão em português: Cesar Amarilhas. Assunção, Paraguai.
- Alves, J. E. D. (2019). Inserção Social e Exclusão Política das Mulheres Brasileiras. Disponível em: [http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/insercao\\_social\\_e\\_exclusao\\_politica\\_das\\_mulheres\\_jul09.pdf](http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/insercao_social_e_exclusao_politica_das_mulheres_jul09.pdf).
- Alves, Y. C. (2019). Trajetória de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no empoderamento feminino. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199212>
- Andrade, G. P. de. (2021). Youth and adult education (EJA): a tool for the democratization of education in the State of Roraima. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo Do Conhecimento*, 16(06), 141–176. <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/education/education-in-the-state>
- Arroyo, M. (2006). *Pedagogia das relações de trabalho*. Belo Horizonte. pp. 67-67.
- Apple, M. W. (2000). *Política cultural e educação*; tradução de Maria José do Amaral Ferreira. – São Paulo: Cortez,
- Baquero, F. G. (2012). *O fracasso escolar de jovens e adultos e a imaginação social*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Brasília.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro – São Paulo. Edições 70.
- Bastos, L. C. (2011). *Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA*. UFMG. Belo Horizonte: [s.n.].
- Bastos, A. R. S. (2023). *A Inclusão Digital na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*. *Leituras Críticas da Educação à Procura de outra Consciência*, 28.
- Böes, J. C., Matos, D. de V., & Guerra, A. de L. e R. (2023). Desafios enfrentados pelos docentes da educação de jovens e adultos na atualidade. *Revista Educação Em Páginas*, 2, e13434. <https://doi.org/10.22481/redupa.v2.13434>
- Brasil (1960). Decreto nº 48.959-A, de 19 de setembro de 1960 aprova o Regulamento Geral da Previdência Social. Brasília. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-48959-a-19-setembro-1960-388618-publicacaooriginal-55563-pe.html>

- Brasil (1961). LEI Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>"
- Brasil (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394/96. Brasília.
- Brasil (1996). *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília.
- Brasil (1998). Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília. MEC/SEF.
- Brasil (1999). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília. MEC/SEMTEC.
- Brasil (2000). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Parecer CEB nº 11/00. Brasília. [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf)
- Brasil (2000). Resolução CNE/CEB Nº 1. Brasília.
- Brasil (2002). *Programa Educação de Jovens e Adultos*. Brasília. MEC.
- Brasil (2002). *Proposta curricular para a Educação de Jovens e Adultos*. Brasília. v. 1.
- Brasil (2003). *Programa Brasil Alfabetizado*. Brasília. MEC.
- Brasil (2004). *Ensino Fundamental de nove anos – orientações gerais*. Brasília.
- Brasil (2006). Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil. Brasília. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol2.pdf>
- Brasil (2013). *Anuário da Educação Básica*. São Paulo.
- Brasil, & Ministério da Educação (2014). Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso el. Brasília.
- Brasil, & Costa, C. (s/d). História da alfabetização de adultos: de 1960 até os dias de hoje. Brasília.
- Brasil, & MEC/Seesp (2007). Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília.
- Brasil, & Presidência da República (2009). As Desigualdades na Escolarização no Brasil. Brasília. Observatório da Equidade.
- Brasil, Ministério da Educação., & Secretaria da Educação Básica. (2006). Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de 0 a 5 anos. Brasília. MEC/SEB.
- Brasil. (2008). Parecer CNE/CEB. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos, desenvolvida por meio da Educação a Distância. Brasília: MEC.

- Braz, E. E., & Costa, M. D. N. B. D. (2015). A educação de jovens e adultos: o desafio da permanência do educando em sala de aula, a evasão escolar na escola Gedeão Chaves.
- Brzezinski, I. (2010). Tramitação e desdobramentos da LDB/1996: embates entre projetos antagônicos de sociedade e de educação. *Trabalho, Educação E Saúde*, 8(2), 185–206. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462010000200002>
- Buzioli, J. R. de S.; Tassoni, E. C. M. (2021). Paulo Freire e a Educação de Jovens e Adultos: Sentidos Atribuídos pelos Alunos para a Permanência na EJA. *Revista Inter - Ação*, Goiânia, v. 46, n. ed. especial, p. 1068–1085, 2021. DOI: 10.5216/ia.v46ied.especial.68193. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/68193>.
- Bruschini, M. C. A. (2007). Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007.
- Campoy, A. T. J. (2019). *Metodología de la Investigación Científica. Manual para elaboración de Tesis y Trabajo de Investigación*. Asunción, Paraguay: Marben.
- Cardoso, J. F. (2012). *Inclusão e Exclusão: o retorno e a permanência dos alunos na EJA*. Debates em Educação Científica e Tecnológica, ISSN 2179- 6955, v. 02, nº. 2, p. 61 a 76, 2012. Disponível em <http://ojs.ifes.edu.br/index.php/dect/article/viewFile/47/27>.
- Carvalho, M. de F. P. (2021). As jovens mulheres na educação de jovens e adultos e a constituição de seus projetos de vida. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/38245>
- Ciliato, F. L.G.; Sartori, J. (2015). Pluralidade cultural: os desafios aos professores em frente da diversidade cultural- *Revista Monografias Ambientais: Remoa* v. 14, 2015, p. 65-78 edição especial: pós graduação em educação, interdisciplinaridade e transversalidade – Unipampa.
- Cittadin, D. (2015). *EJA e mulheres*. São Paulo: Saraiva.
- Costa, V. B., da Rosa, G. A., & de Azevedo Canci, C. (2024). Gênero, biopolítica e relações de poder: a fundamentalidade de políticas públicas de educação para mulheres. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 11(26), 26-43.
- Costacurta, J. R. (2014). *Educação em Direitos Humanos na EJA: incorporando a Educação em Direitos Humanos no Projeto Político Pedagógico da Escola*. Universidade de Brasília. II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA.
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. 3 ed. Porto Alegre.
- Dias, A. S. et al. (2016). *Mulheres egressas da EJA na Universidade: entre intempéries, sonhos possíveis e inéditos viáveis*. Amapá: UEAP – Universidade do Estado do Amapá. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdespesquisa/article/download/5435/3334>.
- Di Pierro, M. C. (2017). *Educação de Jovens e Adultos no Brasil: questões face às políticas públicas recentes*. Brasília.

- Durham, E. R. (2003). *O ensino superior no Brasil: público e privado*. São Paulo.
- Eiterer, C. L.; Dias, J. D.; Coura, M. (2014). *Aspectos da escolarização de mulheres na EJA*. Perspectiva (UFSC), v. 32, p. 161-180.
- Eheharrdt, N. (2008). *Aprendendo com a educação de jovens e adultos*. In: SCHEIBEL, Maria Fani; LEHENBAUER, Silvana. Saberes e singularidades na educação de jovens e adultos. Porto Alegre: Mediação.
- Faria, R. S. de. (2013). *Evasão e Permanência na EJA: por um Trabalho de Qualidade na Gestão de uma Escola da Rede Municipal de Belo Horizonte*. (2013). 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão e Avaliação da Educação Pública, Caed - Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Disponível em: <https://mestrado.caedufjf.net/wp-content/uploads/2014/03/dissertacao-2011-roselita-soares-de-faria.pdf>.
- Fávero, O., Rummert, S., & Vargas, S. (2016). *Formação de Profissionais para a Educação de Jovens e Adultos*. *Belo Horizonte*. nº 30, p. 39-49.
- Fernandes, C. L. N.; Nascimento, P.H.L.; Silva, W. T. A.; Oliveira, M. J.; Ferreira, K. R. M. (2016). *A inserção da Mulher na modalidade EJA*. II Congresso Internacional de Educação Inclusiva. Campinas Grande – Pernambuco.
- Ferreira, D. S. (2020). Ser ou tornar-se mulher- Por entre a Educação de Jovens e Adultos-EJA, a vida, o narrar, e o reinventar de si. Rio Claro. 151 p.
- Ferreira Espinhara, G. H., & Gomes Cavalcante, M. J. (2021). Retorno e Permanência na Educação de Jovens e Adultos (EJA): Motivos e Desafios. *Educação e (Trans)formação*, 6, 79–95. Recuperado de <https://journals.ufrpe.br/index.php/educacaoetransformacao/article/view/4718>
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP.
- Freire, P. (2019). *Pedagogia do Oprimido*. 71. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1975). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3. ed. São Paulo: Cortez & Moraes.
- Freitas, M. E. S. (2023). *Educação, trabalho doméstico e relações de gênero: um estudo sobre a trajetória de mulheres com formação docente em Itapiúna/CE* (Doctoral dissertation).
- Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.
- Gomes, M. M. (2023). A Educação de Jovens e Adultos no Brasil e o contexto social dos alunos dessa modalidade. Rio de Janeiro. *Revista Educação Pública*, v. 23, nº 17. <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/17/a-educacao-de-jovens-e-adultos-no-brasil-e-o-contexto-social-dos-alunos-dessa-modalidade>
- Gomes, J. E. H., Souza, C. M. R. de, Pires, R. C. do V., Silva, L. F., Fecury, A. A., Freitas, R. I. R. de Dendasck, C. V., Araújo, M. H. M. de, Souza, K. O. da, Oliveira, E. de, & Dias, C. A. G. de M. (2020). Perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos

(EJA) na Cidade de Macapá, Estado Amapá, Brasil (2018). *Research, Society and Development*, 9(8), e594985989. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5989>

Gonçalves, D. M. (2014). *Formação do Educador para EJA*. São Paulo/SP.

Haddad, S. (2017). *Educação de pessoas Jovens e Adultas*. 30ª reunião da ANPED.

Heath, R. (2013). Women's Access to Labor Market Opportunities, Control of Household Resources, and Domestic Violence: Evidence From Bangladesh. *World Development*, v. 57, p. 32–46, 2014.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2011). *Retrato da desigualdade de gênero e raça*. 4. ed. Brasília: IPEA.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisa/IBGE (2019). Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf).

Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/INEP (2019). Matrículas na educação de jovens e adultos caem; 3,3 milhões de estudantes na EJA em 2019. Inep, Brasília, DF, fev. 2020. Disponíveis em: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/matriculas-na-educacao-de-jovens-e-adultos-cai3-3-milhoes-de-estudantes-na-eja-em-2019/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/matriculas-na-educacao-de-jovens-e-adultos-cai3-3-milhoes-de-estudantes-na-eja-em-2019/21206). Acesso em: 15 jan. 2022.

Kang, T. H. (2017). Educação para as elites, financiamento e ensino primário no Brasil, 1930–1964. *Latin American Research Review* 52(1), 35–49. <http://doi.org/10.25222/larr.42>

Kauark, F. Manhães, F. C.; Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum.

Leal, V. de O. (2018). *Sempre queremos aprender: EJA e o empoderamento da mulher na educação pública de Teresina (PI)*. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Nove de Julho, São Paulo.

Leal, M. F. O. & Guerra, M. J. (2019). *Conhecendo o perfil e a perspectiva dos sujeitos da EJA: o que dizem as alunas pesquisadas? VII Congresso Nacional de Educação # em casa*. Conedu.

Leão, A. M. de C, & Ribeiro, P. R. M. (2023). As políticas educacionais do Brasil: a (in)visibilidade da sexualidade e das relações de gênero. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 7, n. 1, p. 28–37. <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5365>

Leite, M. A. (2014). *Diversidade cultural no contexto escolar*. Monografia (Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) -Universidade Estadual da Paraíba.

Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Martins, M. L. Lourenço, F. (2008). A psicologia na vida e na educação. Disponível em: [http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0069\\_03.html](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0069_03.html).

- Nascimento, S. M. do. (2022). *Educação de Jovens e Adultos EJA, na visão de Paulo Freire*. Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Paranavaí.
- Nicolete, J. N., Ferro, E. G., & Luis, J. (2020). Políticas educacionais e gênero: desafios e polêmicas atuais. *Educação Em Revista*. <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2020.v21esp.04.p37>
- Nosella, P. (2014). *Trabalho e Educação: território e globalização*. Orizona, UNEFAB.
- Oliveira, C. K. De. (2018). *Trajetórias escolares de mulheres da educação de jovens e adultos na escola municipal professor Roberto Santos*. Anais V CONEDU Campina Grande: Realize Editora.
- Oliveira, G. A. de (2019). A Educação de Jovens e Adultos: Avanços e Desafios. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 04, Ed. 08, Vol. 03, pp. 126-138. <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/avancos-e-desafios>
- Oliveira, J. F., Gouveia, A. B., & Araújo, H. (2018). *Caderno de avaliação das metas do Plano Nacional de Educação: PNE 2014-2024*. Brasília.
- Oro, A. C., Weschenfelder, R. C. S., & Stecanela, N. (2023). *Mulheres e EJA - o Que Elas Buscam*. Caxias do Sul. <https://pt.scribd.com/document/269374597/Artigo-Mulheres-e-EJA-o-Que-Elas-Buscam>
- Palácios, K. C. M.; REIS, M. das G. F. de A. dos; Gonçalves, J. P. (2018). A mulher e a educação escolar: um recorte da EJA na atualidade. *Revista de Educação Popular*, Uberlândia, v. 16, n. 3, p. 104–121, 2018. DOI: 10.14393/rep-v16n32017-art07. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/39169>.
- Perkins, D. D; Zimmerman, M. (1995). An Empowerment Theory, Research and Applications. *American Journal of Community Psychology*, v. 23, p. 569-579, out.
- Pierro, M. C.; Haddad, S. (2015). Escolarização de jovens e adultos. São Paulo: ANPED, *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, mai.-ago.
- Prodanov, C. C. & Freitas, E.C. de (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2ª. ed. Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul - Brasil: Feevale.
- Ribas, M. S., & Soares, S. T. (2012). *Formação de professores para atuar na Educação de Jovens e Adultos: uma reflexão para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática docente*. IX ANPED SUL - Seminário de pesquisa em educação da região sul.
- Rieger, M; Jesus, A. I. de (2011). Educação de Jovens e Adultos: o retorno das mulheres à escola. *Revista Eventos Pedagógicos*. v.2, n.2, p. 161–170.
- Rocha, C. I. (2023). Educação de Jovens e Adultos (EJA): Necessidades, Interesses e Desafios na Busca por uma Educação Inclusiva e de Qualidade. *HUMANIDADES & TECNOLOGIA (FINOM)*. <https://zenodo.org/record/8097725>
- Rocha, E., Costa, J., SILVA, C. B. E., Posthuma, A., & Caruso, L. A. (2021). Diferentes Vulnerabilidades dos Jovens que estão sem trabalhar e sem estudar: Como formular políticas públicas? *Novos estudos CEBRAP*, 39, 545-562.
- Rosemberg, F. (2001). Analfabetismo, gênero e raça no Brasil. *Revista USP*, São Paulo (28): 110 – 121, dezembro/fevereiro.

- Salgado, E. N. (2010). *Educação de jovens e adultos*. Rio de Janeiro. Fundação CECIERJ.
- Santos, I. P. S. (2014). A Evasão Escolar na EJA. *Olhares & Trilhas*, v.20, n.1, p. 61-72.
- Santos, A. A. D. A. dos. (2007) *Mulheres na educação de jovens e adultos: Relatos de um retorno*. Monografia Universidade de Brasília (UnB), Brasília/DF.
- Santos, A. R.; Oliveira, J. M. da S.; Coelho, L. A. (2017). (org.). *Educação e sua diversidade*. Ilhéus, BA: EDITUS.
- Saviani, D. (2007). Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr.
- Saviani, D. (2014). Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. São Paulo. Col. *Polêmicas do Nosso Tempo*, v. 40.
- Saviani, D. (2017). *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas. Col. Memória da Educação.
- Scherer, A. L. e Santos, R. C. G. (2021). O Retorno da Mulher à Sala de Aula-Educação de jovens e adultos: desafios/Perspectivas. *Revista de estudos Interdisciplinares*. V.3, N.3, maio-junho.
- Scott, J. (1995). *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução de Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. [S. l.: s. n.]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/GêneroJoan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/GêneroJoan%20Scott.pdf).
- Silva, E. (2021). *O Programa EJA-EPT (PROEJA): permanência e casos de sucesso (Doctoral dissertation, Instituto Politécnico do Porto (Portugal))*.
- Silva, M. R. F. (2023). *A escola na vida de mulheres jovens e adultas: as motivações para voltar a estudar, os obstáculos enfrentados e o empoderamento feminino*.
- Souza, A. O. de. (2019). A mulher aluna da EJA: Caminhos e Perspectivas no retorno à escola. Universidade Federal de Rondônia- UNIR – 2019. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.
- Vasques, C. C., Anjos, M. B. dos, & Souza, V. L. G. de (2019). Políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Rio de Janeiro. *Revista Educação Pública*, v. 19, nº 16. <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/16/politicas-publicas-para-a-educacao-de-jovens-e-adultos-eja-a-escola-como-local-de-excelencia-para-a-realizacao-dos-processos-de-ensino-e-aprendizagem>
- Ventura, J., & Bomfim, M. (2015). Formação de professores e educação de jovens e adultos: o formal e o real nas licenciaturas. Belo Horizonte. *Educação em Revista*. <https://doi.org/10.1590/0102-4698127011>
- Vieira, M. C., & Cruz, K. N. (2017). A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos. *Educação*, 42(1), 45–56. <https://doi.org/10.5902/1984644420116>
- Wisbeck, S. (2021). *Desafios do acesso e permanência profissional acadêmica das mulheres no Departamento de Química da UFSC*.

Xavier, M. V. R. T. (2021). *Mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA): Um olhar sobre o empoderamento das mulheres entre 40 e 60 anos*. Universidade Federal da Paraíba.

## ANEXO 1: FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO



### UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACION PROGRAMA DE MAESTRIA EN CIÊNCIA DE LA EDUCACIÓN

MESTRANDA: Rosinês Leite Ferreira  
ORIENTADOR:

Prezado (a) Professor (a), Doutor(a) \_\_\_\_\_, este formulário destina-se à fase de validação do questionário aberto que será utilizado como instrumento na coleta de dados em minha pesquisa de campo de Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Autónoma de Assunção – UAA, intitulada como: **Desafios da Permanencia das Mulheres da 2ª etapa do Ensino Médio EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo**. Cujo objetivo geral é analisar o processo de permanência das estudantes concluintes do Ensino Médio EJA do Centro de Estudos Supletivos Professor Paulo Melo.

Venho por meio deste, solicitar a análise e validação deste instrumento, no sentido de verificar se há clareza na redação, se o instrumento mede o que se deve medir, se há ou não Indução as respostas dos participantes e se existe coerência interna. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias.

DADOS DO AVALIADOR:

Nome completo: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Instituição de Ensino: \_\_\_\_\_

**VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO**

Objetivo 1: Caracterizar o perfil das estudantes da EJA, considerando suas condições cultural, socioeconômica e familiar.							
1. Qual a sua idade?							
Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
2. Qual a sua cor ou etnia?							
Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
3. Qual seu estado civil?							
Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
4. Tem filhos? Quantos?							
Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
5. Qual é a sua participação na vida econômica de sua família?							
Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
6. Qual a renda mensal da sua família?							
Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
7. Quantas pessoas residem com você?							

Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO

Sugestão: \_\_\_\_\_

Objetivo 2: Identificar os fatores que contribuem e/ou dificultam para a permanência das estudantes na EJA.

1. Por que você optou por estudar no ensino médio EJA?

Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO

2. Que fatores dificultam a sua permanência nos estudos?

Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO

3. Quais os fatores que contribuem para a sua permanência dos seus estudos?

Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO

4. Como você vai para a escola todos os dias?

Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO

Sugestão: \_\_\_\_\_

Objetivo 3: Descrever os motivos e as perspectivas que induzem as estudantes a concluir o processo de escolarização por meio da modalidade EJA.

1. O que mais o motiva a frequentar as aulas?

Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO

2. Quais as suas perspectivas ao concluir o ensino médio por meio da modalidade EJA?

Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO

3. De que maneira você utiliza os conhecimentos adquiridos nas atividades de sala de aula para a melhoria da sua vida em sociedade?

Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO

4. O que você pretende fazer depois que concluir o ensino médio EJA?

Clareza na redação		Mede o que se afirma medir		Indução à resposta		Coerência interna (item de domínio)	
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO

Sugestão: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## **ANEXO 2: CARTA DE APRESENTAÇÃO**

 UNIVERSIDAD  
AUTÓNOMA DE  
ASUNCIÓN

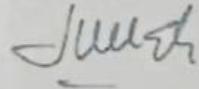
Asunción, 08 de agosto del 2023

A quien corresponda:

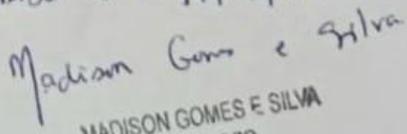
Por la presente, a pedido de la interesada, se comunica que ROSINES LEITE FERREIRA es alumna de la Maestría en Ciencias de la Educación, de la Facultad de Ciencias de la Educación y la Comunicación, de la Universidad Autónoma de Asunción (UAA), quien, en el presente año, se encuentra en fase de elaboración de su tesis de Maestría con el tema de investigación: "DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DAS MULHERES DA 2ª ETAPA DO ENSINO MÉDIO EJA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPLETIVOS PROFESSOR PAULO MELO."

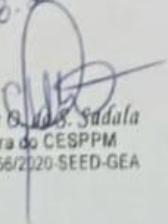
A fin de recolectar datos como parte de la elaboración de la Tesis mencionada, solicitamos, por favor a las autoridades de la institución, se le concede a la alumna, la autorización para la aplicación de su instrumento de investigación, necesario para concluir el trabajo correspondiente.

Para lo que hubiere lugar,



José Antonio Torres  
Presidente del Comité Científico  
Universidad Autónoma de Asunción

Recibido: em: 17/08/2023  
  
MADISON GOMES E SILVA  
Pedagogo  
Dec. 8108/2013-GEA

Recibido  
17.08.23  
  
Carolina B. S. Sadala  
Directora do CESPPM  
Dec. nº1456/2020-SEED-GEA

Sede Central — Edif. Jejuí — Jejuí 667 c/ 15 de Agosto  
Teléfono: (595 21) 495 873 (R.A.) Fax: 445 231 — E-mail: info duaa.edu.py

ANEXO 3: TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN  
FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y DE LA COMUNICACIÓN  
PROGRAMA DE MESTRADO EN CIENCIA DE LA EDUCACIÓN

TERMO DE CONSENTIMIENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada como voluntária participar do questionário cujo objetivo geral é: **DESAFIOS DA PERMANÊNCIA DAS MULHERES DA 2ª ETAPA DO ENSINO MÉDIO EJA DO CENTRO DE ESTUDOS SUPLETIVOS PROFESSOR PAULO MELO.**

Projeto de pesquisa de Mestrado de Rosinês Leite Ferreira sob a orientação da Professora Dra. Daniela Ruíz Díaz, no programa de Mestrado em Ciências da Educação, da Universidade Autónoma de Assunção - UAA.

Nesse sentido, venho solicitar sua contribuição e autorização para o desenvolvimento dessa pesquisa. Asseguro que os aspectos de ordem ética, garantia de sigilo da observação participante, serão rigorosamente respeitados em todas as atividades propostas.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição para maiores esclarecimentos no telefone (96) 99142-5991 ou pelo e-mail: [rosilf-2011@hotmail.com](mailto:rosilf-2011@hotmail.com)

Pesquisadora Responsável: Rosinês Leite Ferreira – Mestranda no Programa de Mestrado em Ciências da Educação, da Universidade Autónoma de Assunção – UAA.

Assinatura da Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
/ /

Assinatura da Participante

\_\_\_\_\_  
/ /



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN  
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACION  
PROGRAMA DE MAESTRIA EN CIENCIA DE LA EDUCACIÓN**

**Mestranda:** Rosinês Leite Ferreira

Aluno (a): \_\_\_\_\_

**Questionário para as estudantes concluintes do Ensino Médio EJA do Centro de  
Estudos Supletivos Professor Paulo Melo.**

**Objetivo 1:** Caracterizar o perfil das estudantes da EJA, considerando suas condições cultural, socioeconômica e familiar.

1. Qual a sua idade?

\_\_\_\_\_

2. Qual a sua cor ou etnia?

\_\_\_\_\_

3. Qual seu estado civil?

\_\_\_\_\_

4. Tem filhos? Quantos?

\_\_\_\_\_

5. Quantas pessoas residem com você?

\_\_\_\_\_

6. Qual a renda mensal da sua família?

---

7. Qual é a sua participação na vida econômica de sua família?

---

**Objetivo 2:** Identificar os fatores que dificultam para a permanência das estudantes na EJA.

8. Por que você optou por estudar no ensino médio EJA?

---

---

9. Que fatores dificultam a sua permanência nos estudos?

---

---

**Objetivo 3:** Descrever os motivos e as perspectivas que induzem as estudantes a concluir o processo de escolarização por meio da modalidade EJA.

10. Quais os fatores que contribuem para a sua permanência dos seus estudos?

---

---

11. Quais as suas perspectivas ao concluir o ensino médio por meio da modalidade EJA?

---

---

12. De que maneira você utiliza os conhecimentos adquiridos nas atividades de sala de aula para a melhoria da sua vida em sociedade?

---

---

13. O que você pretende fazer depois que concluir o ensino médio EJA?

---

---



**SEED**  
Secretaria de Estado  
da Educação



**GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ**  
**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPLETIVOS PROFESSOR PAULO MELO**

**INFORMATIVO**

Informamos, para os fins de estudos acadêmicos os resultados das matrículas iniciais e finais, das estudantes mulheres, da 2ª Etapa do Ensino Médio – EJA, referente ao ano letivo de 2023.

**Turno manhã**

**TURMA: MT2A**

Matrícula inicial: **13** mulheres. Matrícula final: **10** mulheres.

**TURMA: MT2B**

Matrícula inicial: **11** mulheres. Matrícula final: **04** mulheres.

**Turno tarde**

**TURMA: VP2A**

Matrícula inicial: **03** mulheres. Matrícula final: **02** mulheres.

**TURMA: VP2B**

Matrícula inicial: **05** mulheres. Matrícula final: **04** mulheres.

**Turno noite**

**TURMA: NT2A**

Matrícula inicial: **16** mulheres. Matrícula final: **10** mulheres.

**TURMA: NT2B**

Matrícula inicial: **13** mulheres. Matrícula final: **10** mulheres.

Atenciosamente,

**Marcos Tadeu Costa Alfonso**  
Secretario Escolar  
Decreto nº 8163/2023 GEA